

REVISTA

DA SEMANA

N. 22 2-6-56 Cr\$ 7.00 em todo o Brasil

FALA (COM CONHECIMENTO DE CAUSA)

O GENERAL GÓES MONTEIRO
SOBRE O PANORAMA POLÍTICO

A PROCLAMAÇÃO DE MISS DISTRITO FEDERAL





Música para a Juventude

José Siqueira

JOSE SIQUEIRA, compositor e regente, é o autor de «MÚSICA PARA A JUVENTUDE», obra destinada à mocidade que ele ama e à qual tão bons serviços prestou, criando, quando presidente da Orquestra Sinfônica Brasileira, os CONCERTOS DOMINICAIS PARA A JUVENTUDE. Disposto de segura experiência didática, com livros publicados («Regras de Harmonia», «Canto Dado em XIV Lições», «Curso de Instrumentação», «Modulação Passageira», «Sistema Trimodal Brasileiro»). Siqueira traça, neste livro, um programa de ensino, palpitante, do qual se beneficiarão quantos tiveram a oportunidade de o ler. «MÚSICA PARA A JUVENTUDE» está dividido em quatro partes referentes às séries ginasiais: Teoria Musical, Canto Orfeônico, Música e Músicos Brasileiros, Contraponto, Harmonia, Grandes Épocas da História da Música, Escolas Musicais, Folclore Brasileiro, Prosódia Musical, Formas Musicais, Instrumentação, Orquestração e Banda de Música. Ilustrado com fotografias e exemplos musicais, é um trabalho definitivo na forma e no conteúdo que vem preencher uma lacuna no ensino.

★

Preço dos 4 volumes pelo reembolso postal :
Cr\$ 250.00

Pedidos a Rosa Paula Machado

Avenida Nilo Peçanha nº 12, salas 1207 e 1209, 12º andar — Telefone: 52-4856 — RIO DE JANEIRO

REDATOR-CHEFE — Celéstino Silveira

ASSISTENTE — José Roberto Teixeira Leite

PAGINADOR — Victor Tapajós

COLABORADORES — Bolivar Costa, Demóstenes Varela, Eduardo Tourinho, Eneida, Fernando Lôbo, Fortuna, Hélio Abreu, Hynenny Gomes Ferreira, Jeff Thomas, José Maria Rodrigues, Sérgio Silveira, W. Guarnieri.

ILUSTRADORES — Alberto Lima, Jeronymo Ribeiro, Marius, Maria Tereza, Ramón.

FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira Lima, Arnaldo Vieira, Newton Viana, Vito Vasconcelos.

SUMARIO

♦ REPORTAGENS

Miss Distrito Federal 1956	4/7
Avenida Atlântica: Estrada do Amor	59/61
Sonja Henie vai patinar na Rússia	18/23
No Canto das Sereias quem não vai?	26/27
Góes Monteiro: Ele sabe, mas não quer dizer	31/34
	40/43

♦ SEÇÕES

Semana em Revista	8/9
Puxe pelo Cérebro	10
Figura em Foco (Flávio Costa)	11
Itinerário do Brasil (Anchieta)	25
Por esse mundo de Deus	28/29
Pelas esquinas da noite	30
TV na Revista	35
Palavras Cruzadas	44
Literatura	45
Artes	47
Semana Astrológica	48
Flash Paulista	49
Conversa de Mulher	54/55
Grand Monde	56/57
Música	58
Último Flash (Falta de Leite)	62

♦ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------	-------

♦ LITERATURA

Vai Acabar o Vermelhinho (Eneida)	3
O Polvo (Gladkov)	12/13
O Cachorro (Sílvia Castro)	50/51

♦ VARIEDADES

Que Sabemos das Grandes Religiões	15
A Coroa e a Espada (Cine-Romance)	38/39
Automatismo: Máquina X Homem	46/47

♦ CAPA

Anne Baxter (Kodachrome da Paramount)

Este número consta de 64 páginas.



O VERMELHINHO

♦ Vai desaparecer o «Vermelhinho», aquele bar-café da rua Araújo Porto Alegre, em frente à A.B.I. Não teria nenhuma importância esse desaparecimento, se ele não atingisse um dos lugares que já teve seu passado de glórias e tristezas, parte viva e ativa na vida desta cidade.

Ao começo era um bar de cadeiras vermelhas avançando para a calçada com mesinhas. Sua história já foi muito contada. Não houve um repórter, nenhum jornal ou revista que não tivesse entrevistado freqüentadores, contado que o «Vermelhinho» era um bar assim e assado. Creio mesmo que sobre ele pode ser escrito um grosso romance. Conheci o «Vermelhinho» — cujo nome verdadeiro era Araújo Porto Alegre, em 1951; naquele momento nêlo pousavam, em grande maioria, artistas plásticos a que não impedia o comparecimento de jornalistas, escritores e artistas em geral. Mas em 1951 no «Vermelhinho» discutia-se sobretudo pintura, desenho, prêmios de viagem do Salão de Arte Moderna (sempre se soube muito antes do julgamento quais seriam os vitoriosos do ano). Durante o dia e principalmente quando foi instalado o café em pé, o «Vermelhinho» era ponto de funcionários públicos que nêlo tomavam lanche ou almoçavam. As cinco horas começavam a chegar os artistas. E até oito da noite, ficava-se ali, tomando café, bebendo horríveis batidas, discutindo sempre, gente entrando e gente saindo, gente principalmente ficando. O bar atingiu uma tal fama que muitas pessoas sérias iam espiar de longe, na esperança que acontecesse alguma coisa. Acontecia muito raramente uma briga, bofetões, insultos e quedas eram raríssimas e o que imperava mesmo era a fumaceira esbranquiçada de centenas de cigarros intermináveis.

♦ Depois, aos poucos, os artistas de cinema foram tomando conta do lugar; saíram os plásticos, entraram os cineastas. «Vermelhinho» era um vício e um bar tão fabuloso, tão agradável que o proprietário de então, além de guardar correspondências e recados, fazia questão de comemorar certos freqüentadores no dia de seus aniversários. Os garçons desdobravam-se, sabiam das vidas, perguntavam quando saíria o livro tal ou quando seria a exposição de pintura de outro tal. Depois dos cineastas vieram aqueles que meu querido pintor Antônio Bandeira chamou «os folclore» e a falta de tempo para freqüentá-lo não impediu que eu comesse a sentir sua modificação. Aos poucos mudaram pessoas, garçons, proprietários. Não era mais aquela gente de outrora, nem mesmo os que iam apenas espiar, tomando cafêzinho e olhando curiosamente na esperança de bizarros acontecimentos.

♦ No «Vermelhinho» que começou a morrer em 1953, podia-se encontrar todos os conhecidos. Nem era preciso marcar encontros. Eles estavam lá depois das cinco à nossa espera, doidos por um bate-papo que furasse a noite. Aos poucos, morreu o «Vermelhinho». Dêle resta apenas seu Elísio, o charuteiro que mantém as passadas tradições. Mas que andorinha sôzinha faz verão?

As cadeiras há muito deixaram de ser vermelhas, passaram a amarelas, andaram a ostentar um triste azul; as vitaminas invadiram o lado direito, o café em pé ocupou militarmente a parte da frente e agora — foi ontem — quando lá passei com o meu velho hábito de ir ver como anda o café do passado, encontrei a casa em reforma. Que côr irá ter? La não somos mais conhecidos, os proprietários não querem saber de nossas vidas, os garçons são grosseiros e — coitados — devem estar muito atarefados com suas próprias vidas para ligar para outras, as nossas.

Desapareceu um bar que durante muitos e muitos anos teve parte viva e ativa na vida da cidade.

Esta crônica é apenas uma florzinha no seu túmulo.

As candidatas vencidas, mas nem por isso zangadas, receberam com palmas e sorrisos Lêda Brandão Rau, quando, já proclamada Miss Distrito Federal, ela apareceu ao auditório, na prova de «maillo». Depois, em baixo, já no traje de «soirée», a candidata do Marã Sport Club, de Marechal Hermes, recebe aplausos gerais. O Marã tem apenas quinhentos sócios que receberam com uma festa improvisada, na sua sede, a talvez futura Miss Brasil.



**VEIU DOS SUBÚRBIOS
(COM MUITA HONRA!)**

MISS DISTRITO F



0 FEDERAL—1956





Sylda Campbell Pamplona (Miss Clube Militar) e Maria Eloá Menezes de Castro (Miss Fluminense F.C.). A primeira figurou entre as finalistas e teve o voto da única representante feminina da comissão julgadora, a escritora Dinah Silveira de Queiroz.

AS medidas da nova Miss Distrito Federal são estas: busto 90 cms.; cintura 60 cms.; quadris 93 cms.; coxa 57 cms.; e tornozelo 21 cms. Altura 1,64½ m. e peso, 57 quilos. — Dezessete candidatas concorreram ao título e cerca de mil pessoas assistiram à eleição, no Teatro Mecanizado de Quitandinha. — Lêda (vinte anos de idade, pois nasceu a 21 de abril de 1936, no Distrito Federal), tem curso ginásial e conhece o inglês e o espanhol. Seu pai, o sr. João Benvidio Rau, é funcionário dos Correios e Telégrafos, e sua genitora, d. Cora Brandão Rau, cuida dos afazeres domésticos. Miss Distrito Federal é de tez clara, e seus olhos e cabelos são castanhos. É supersticiosa: rejeitou o vestido de baile confeccionado especialmente para a noite e preferiu o «beije» com que desfilou no Clube Militar, quando da eleição de Sylda Campbell Pamplona. Não gostou do «maillot» azul com que deveria desfilas e arranhou outro (emprestado) para o desfile. — O subúrbio de Marechal Hermes ficou em festa com a conquista do título de Miss Distrito Federal por uma de suas residentes locais. No domingo, depois da proclamação, foguetes espoucaram no céu e quando Lêda regressou a casa, foi recebida por toda a população que se achava nas ruas para a aclamar. A decisão da comissão julgadora foi bem recebida pelo auditório, ao contrário do que invariavelmente acontece, e, se porventura Lêda for a nossa representante em Long Beach, é certo que fará bonita figura. Ela oferece um tipo clássico de jovem brasileira, particularmente carioca. Todas as candidatas derrotadas congratularam-se com essa sua primeira vitória e o ambiente foi sempre de confraternização absoluta.

(Vide página 59)

Dirce de Lima e Moura (Miss Clube dos Caiçaras) e Tutsi Bertrand (Miss Sociedade Hípica Brasileira). Também a primeira esteve entre as quatro finalistas, mas ganhou apenas um voto no último escrutínio. Dos nove componentes da mesa, seis aclamaram Lêda Brandão Rau.



E aqui estão as quatro finalistas: Dirce de Lima e Moura



MISS DISTRITO FEDERAL — 56

— (Miss Clube Caiçaras), Beatriz de Carvalho Peixoto (Miss Clube de Regatas Vasco da Gama), Sylva Campbell Pamplona (Miss Clube Militar) e a vencedora. Lêda Brandão Rau (Miss Marã Sport Clube). Qualquer uma das candidatas faria jus ao honroso título de Miss Distrito Federal.

REVISTA DA SEMANA — 7

DE 7 EM 7

INTERNACIONAIS

REVISTA DA SEMANA — 8



MOSES
Discurso em Teresópolis



STANISLAW
Vulgo Fifuca Pôrto



FLÁVIO
Coitado



ANÍSIO
Não gosta de tourada



NIEMEYER
Cenarista

NACIONAIS

O ORNITÓLOGO Augusto Ruschi julga ter uma missão na vida: repovoar o Rio de Janeiro de beija-flores. Esses pássaros já foram muito populares no Rio, porém, de tempos para cá, andam sumidos, por óbvias razões.

O MESMO VEREADOR que, como noticiamos há tempos, proibira em Maceió o uso de anáguas engomadas, acaba de sair-se com outra proibição ainda mais esquisita e absurda: a fabricação de picolé de maçã. Maçã, diz ele, é fruta estrangeira muito cara.

OS CALOUROS da Escola Nacional de Engenharia quase que tinham de terminar seu trote tradicional na delegacia de política: uma das piadas figurantes nos cartazes dizia respeito a Teixeira Lott, que, como se sabe, atualmente é «tabu».

OSCAR NIEMEYER vai ser agora cenarista, por idéia de Rubem Braga. Fará os cenários da peça «Orfeu da Conceição», de Vinicius de Moraes, tirada do filme do mesmo nome.

O CRUZADOR «Kenya» chegou ao Rio, e foi ocupado por quase quinhentas crianças cariocas. Motivo: a guarnição do vaso de guerra britânico resolveu oferecer, como é de costume no «Kenya», uma festa infantil, dividindo-se em dois grupos rivais, o dos «Piratas» e o dos «Palhaços». Eis aí um bom destino para todos os navios de guerra de todas as esquadras do mundo.

CAÍRAM BIGODES no quartel dos «Cosme e Damião», motivando protestos mais ou menos indignados dos titulares dos mesmos, que não se conformavam em tirar, por ordem expressa do comando da corporação, aquele importante atributo de sua masculinidade.

VOLTARAM AO Brasil os pêsinhos de ouro da seleção nacional. O futebol anda meio por baixo, porque certos jornalistas e paredros descobriram que os brasileiros já jogaram aquele negócio, hoje não jogam mais.

EM TERESÓPOLIS, o prefeito Janotti ofereceu aos jornalistas cariocas um longo e variado programa de festividade, por ocasião do «Dia da Imprensa». Do churrasco ao baile, do passeio pela cidade à sessão solene, houve de tudo, em Teresópolis. A turma do Rio, com Herbert Moses à frente, passou um domingo agradável e inesquecível.

O FLAMENGO, depois que fez «aquela» com o América, nunca mais acertou a mão. Pelo menos fora do Rio de Janeiro: em São Paulo, e agora em Recife. Os pernambucanos, demonstrando não ter medo de fama, derrotaram por duas vezes os tri-campeões cariocas, que devem estar agora algures, na Suécia.

NA CASA de Niemeyer, Ceschiatti exibiu vários de seus trabalhos, para um selecionado grupo de convidados, artistas plásticos, intelectuais e gente bem. Também houve um «whis-

key» à beira da piscina, que ainda está bastante comentado.

O ADVOGADO dizia, no júri, que as pessoas que portam arma não são, por isso, perigosas. O promotor então lembrou o caso do vice-presidente da República, que ao embarcar para os Estados Unidos não se separou de seu longo trabuco. Mas o advogado retrucou, zangado: «Ah! não, esse não é exemplo adequado!»

A FRASE DA SEMANA é essa, colocada na soleira da porta de um café em Paraíba do Sul: «Se o café estiver fraco, frio, e velho, não reclame, pois um dia você estará assim também».

SEGUNDO A SEÇÃO dos Jotas, do «Correio da Manhã», que aliás provam a assertiva com um recorte do anúncio, certo anunciante telefonou para a redação de um jornal, querendo botar uma publicidade: «The show must go on». Só que no dia seguinte, no diário, a coisa saiu assim: «Deixou mus go on». Questões de pronúncia.

ANÍSIO TEIXEIRA, diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, estava assistindo a uma tourada, em Lima, Peru, quando, zangado com o espetáculo, verdadeiramente um tanto selvagem, atirou à arena uma almofada. Foi preso, e passou algumas horas à disposição de um delegado que não podia entender como um educador brasileiro podia ter tido aquele gesto tão pouco educado...



MINISTRA DA GUATEMALA

A SENHORITA Francisca Fernandez Hall, diplomata e engenheira, servindo na Embaixada da Guatemala no Rio de Janeiro, acaba de ser promovida a Ministro Conselheiro, e por esse motivo foi em sua intenção celebrada, na Igreja da Cruz dos Militares, uma missa em ação de graças, à qual compareceram inúmeras personalidades brasileiras, bem como membros do Corpo Diplomático. Na fotografia, flagrante da solenidade, quando alunos da Escola República da Guatemala, da PDF, cumprimentavam a senhorita Francisca Fernandez Hall.

BOA INICIATIVA

NAS GRANDES capitais do mundo, existem espelhos colocados nas principais encruzilhadas, de modo a facilitar o bom andamento de trânsito, permitindo que os motoristas, mirando a superfície lisa, possam mesmo de longe ver os veículos que vêm em direção contrária. Aqui mesmo, no Rio, a coisa já foi tentada, infelizmente durante pouco tempo. Em São Paulo, por iniciativa do engenheiro Walfredo Cavalcanti, também foi instalado há tempos espelho semelhante, no cruzamento das ruas Bibi e Tóquio, no Jardim Paulista. Pela foto acima, podemos ver como é verdadeiramente interessante a idéia. Acima do espelho, podem ser escritas frases de propaganda ou pensamentos célebres.



PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Bernard Berenson é de nacionalidade:
 - lituana?
 - italiana?
 - francesa?
- 2—A Suíça foi criada por um tratado de:
 - 1315?
 - 1215?
 - 1515?
- 3—Claude Bernard foi célebre:
 - escritor?
 - pintor?
 - cientista?
- 4—Burckhardt escreveu:
 - Cicerone?
 - História da Cultura Grega?
 - Cultura do Renascimento na Itália?
- 5—Que é a Aula de Ouro:
 - Curso da Sorbonne?
 - Constituição Húngara de 1222?
 - Sala do trono na Pérsia?
- 6—Cuidou da Estética, na Alemanha Nazista:
 - Piatigorsky?
 - Strzygowsky?
 - Stanislawsky?
- 7—«Comment peut-on être Persan — frase de:
 - Mirabeau?
 - Voltaire?
 - Montesquieu?
- 8—Que era a Bactriana:
 - David?
 - Eméric-David?
 - Gerard David?
- 9—Que era a Bactriana:
 - região asiática?
 - instrumento indiano de música?
 - modalidade de castigo?
- 10—Qual desses cantores figurou num filme americano:
 - Chaliapin?
 - Caruso?
 - Ezio Pinza?
- 11—«Constellations, maîtresses vraiment»... — verso de:
 - Lautréamont?
 - Mallarmé?
 - Manuel Bandeira?
- 12—Inventou a datiloscopia:
 - Szentiy-Gyorgy?
 - Vucetich?
 - Ambroise Paré?
- 13—Eliphas-Levi foi famoso:
 - Ocultista francês?
 - Rabino português?
 - Caçador armênio?
- 14—Boileau escreveu:
 - Art Poétique?
 - Cid?
 - Comédie Humaine?
- 15—Paavo Nurmi foi famoso:
 - Atleta finlandês?
 - Estadista sueco?
 - Escultor norueguês?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — lituana; 2 — 1315; 3 — cientista; 4 — todos são de autoria de Burckhardt; 5 — Constituição Húngara de 1222; 6 — Strzygowsky; 7 — Montesquieu; 8 — Gerard David; 9 — região asiática; 10 — todos eles; 11 — Manuel Bandeira; 12 — Vucetich; 13 — ocultista francês; 14 — Art Poétique; 15 — Atleta finlandês.

A qualquer hora
do dia

ou da noite

a

RÁDIO RECORD

de São Paulo

tem um PROGRAMA

que VOCÊ ouvirá

perfeitamente

em qualquer

ponto do país

EXPERIMENTE!

ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

**A FIGURA
EM FOCO**



F.C.

Cá no meu vocabulário
No meu modo de entender
Jogar um jogo ordinário
Não é derrota... é aprender!

MEU
DEU

O polvo



COM PASSOS FIRMES, CHEGOU-SE À MESA NELA APOIANDO-SE COM NEGLIGÊNCIA. RETIROU UM CI-

H

A, entre nós, certa espécie de cidadãos que podem ser chamados de «saca-rôlhas». Na qualidade de trabalhador responsável, tenho, com muita frequência, topado por aí com eles. São pessoas que se incrustam na vida alheia com profundidade de raízes, e ainda que sejais mais astuto do que o diabo, não os conseguireis arrancar da vossa existência. Podeis gritar. Não adianta! Não há dinamite que valha tais casos. Podeis asfixiá-los. Podeis, explodindo de justa cólera, fazê-los em pedaços. Podeis ir para o manicômio ou para o cárcere... O «saca-rôlhas» continuará encarando-vos com olhos inocentes, animados e alegres... E, com um sorriso descarado, bate em vossos ombros, lastimando-vos... Desembaraçai-vos dêles e vereis que levam todo o segredo de vossa ordem habitual. Queimai-os! Destruí-os! Reduzi-os a pó! Tudo! Tudo!

Absolutamente em vão! São como a Fênix: revivem sempre! E tornam-se até mais solertes, mais cínicos — e sempre a sorrir alegremente...

Durante a revolução, tropecei em alguns — pouquíssimos! — destes tipos. Viviam subterraneamente.

Agora, porém, multiplicaram-se como os roedores nos depósitos de cereais. Pois bem. Quero contar-vos hoje alguma coisa sobre estes «saca-rôlhas» e roedores...

Presentemente trabalho no Comité de Algodão (*). Antes fui diretor de uma fábrica têxtil. Bairro operário. Nossa fábrica, antes da revolução, era uma das mais bem instaladas e apetrechadas. No que diz respeito à técnica, valia pela máxima expressão de progresso, rivalizando com as do estrangeiro. Hospitais, escolas, refeitórios, jardins da infância, aposentos magníficos. Havia também um Instituto de Ensino. Os operários ali nasciam e morriam trabalhando, sem que nada lhes faltasse. Podiam passar gerações inteiras. Unidos, como se fôsem uma só família, tinham tomado parte na guerra civil. Excelentes rapazes! Ótimos comunistas! Numa palavra: pureza e ardor do sangue proletário no seu mais alto sentido. Eu mesmo sou um dos seus herdeiros e segui todo o curso técnico.

Como todo mundo, tivemos também que atravessar uma crise grave. Não havia algodão. As máquinas paralisadas pareciam monstros anquilosados. Período de fome. Aflições e vexames. Escândalos. Conflitos. Excitação profunda. Os operários temiam o desemprego. Cansava-se, inutilmente, quem os procurasse tranquilizar. Operários, são dos teus! Tua gente! Tu os conheces desde pequenos, e com muitos dêles correste nu em pêlo, brincando... Aí vem um Petruscha ou um Vanika — nas trincheiras, ombro a ombro, pasmamos uns aos outros com as nossas façanhas arriscadas — que te olham estranhamente e estranhamente depois sorriem:

— Que fazes, Grisha? Embora diretor, és um dos nossos! Não é possível acabar com esses abusos? A gente não aguenta mais, Grisha!

Parece, aparentemente, que ele fala por todos. Notando-se bem, percebe-se que só fala de si mesmo. E' que o terror se apoderara dele e, no seu coração aflito, os sentimentos entrecrocavam-se. Eu lhes dirigia então a palavra como se falasse a mim próprio:

— Não tenhas medo, Petruscha! Já sabes qual é a situação do país. Temos que vencer todos os tropeços, triunfando sempre, custe o que custar...

Havia amizade. Havia confiança mútua e um alto grau de consciência proletária.

Nessa época inesquecível, apresentou-se em meu gabinete um homem pequenino e ágil, pasta enorme dobrada em baixo do sovaco, semelhante à dos advogados. Cabelos compridos. Mal ajambrado. Polainas. Sapatos de couro da Rússia, rotos. Camisa suja, engordurada de suor. As calças abriam bocarras nos joelhos, entremostrando uma nesga de carne magricela

e suja. Olhou-me fixamente e estirou o pescoço para a frente tal qual um ganso.

— E' você o diretor da fábrica?

— Sim, camarada! Sou eu mesmo! Que deseja?

Com passos firmes, chegou-se à mesa, nela apoiando-se com negligência. Em seguida, olhou atentamente em torno. E o que me ficou bem gravado na memória foram as suas mãos, pois ao apertar a minha, descarnadas, brancas, peganhentas como a guta-percha, colaram-se tanto, que só com grande esforço consegui arrancá-las. Houve naquilo algo de asqueroso e difícil. O nosso tipo retirou um cigarro de uma caixinha. Riscou um fósforo, acendendo o cigarro. Isto feito, arremessou o fósforo apagado ao chão.

— Camarada, está ali o cinzeiro. Não se deve atirar palitos ao solo... Em que posso servi-lo?

Minhas palavras caíram no vácuo.

O camarada, por causa da fumaça, piscou o olho. Alisou o cabelo e cuspiu entre dentes.

— Camarada! Faça o favor de não cuspir no soalho...

Novamente minhas palavras diluíram-se no vácuo, pois não as tomou em consideração. Olhou em redor. Rangeu os dentes.

— Você tem um gabinete mobilado em moldes absolutamente burgueses...

Sentou-se numa poltrona, cruzou as pernas comodamente, e, voltando a cabeça novamente, cuspiu por cima do ombro.

— Muito bem! Muito bem! Assento macio... Isto estimula a preguiça e ajuda a engordar...

Com os olhos e as mãos ele examinava a mesa. Aquelas mãos ósseas, engorduradas, sujas, inquietas, não paravam, não descansavam.

Eu o contemplava, já irritado, sentindo fraquejar o domínio dos meus nervos. Lutava com o desejo, que em mim fremia, de agarrá-lo pelo gorja e atirá-lo à rua.

Estendendo o braço, tomou-me ele da mesa um bilhete dobrado em quatro. Abriu-o e levou-o ao nariz.

Não me contive. Arrebatei-lhe o papel da mão. Ele me olhou inocentemente, com a candura de um pequerrucho de peito. Não lhe notei o menor desapontamento. Nada! Como se já esperasse tudo aquilo. O que me deixava perplexo, era a descomunal confiança em si próprio que ele demonstrava. Era a sua grande força. Estava inteiramente possuído dela, blindado por esse orgulho consciente. Tinha atitude um tanto enfática, a olhar-me de cima para baixo, de modo despreocupado, como se eu fôsse um garoto...

— Camarada! — disse-lhe. — Afinal, quem é você? Se tem alguma coisa importante para dizer, fale depressa! Não disponho de tempo. Escute: é melhor que se vá embora! Qualquer informação que deseje, obterá na Administração da fábrica.

Ele não pestanejou para obter permissão:

— Por que hei de ir embora, querido camarada? Não se manda um homem embora sem antes ouvi-lo!

— Bem. Que deseja então?

Mostrou-me os dentes num arreganho maligno, desviando a vista de mim. E prosseguiu:

— Muitas coisas. Agora, por exemplo, venho aqui para trabalhar...

— Como, para trabalhar?

— Sinceramente: para trabalhar.

— Mas, não temos trabalho para você...

— Para quem, então, vocês têm trabalho?

— Estamos despedindo muita gente. E' impossível dar-lhe trabalho.

— Como impossível?

O AUTOR DA NOVELA

...é Fédor Gladkov, nascido em 1883 em Petrovsk, na Rússia. Tem, pois, atualmente, setenta e três anos, e é dos mais conhecidos escritores da atual literatura soviética. Muito conhecidos são seus romances "O Cornário de Fogo" e "Cimento". Gladkov também escreveu para o teatro algumas peças, como "Chablis".

A NOVELA CHAMA-SE

... "O Polvo", e fixa alguns aspectos inéditos e até agora insuspeitados, da vida de alguns cidadãos soviéticos, em pleno regime da revolução comunista.

— Absolutamente impossível! Você entende russo?

— Tenho sobre a mesa, em minha casa, Puschkin e Plekanov... E leio Lenine, todas as noites, na cama...

— A que vem tudo isso?

— Por causa do idioma russo. E meu nome é puramente russo: Kovaliov.

— Bem, camarada Kovaliov. Vá para sua casa. Não temos trabalho que sirva para você. E' forçoso dizer. Adeus...

Levantou-se da poltrona e, com passos lentos e firmes, bem afeito ao ambiente, como um velho e bom amigo, chegou-se a mim e bateu-me levemente no ombro com ar amável e protetor:

— E como sabe você, diretor, qual é o trabalho que me serve ou não?

Tombei sem forças, numa cadeira, e olhei-o como se olhasse para um lobo. Devia pô-lo imediatamente na rua, dando ordens severas para que nunca mais o deixassem transpor os umbrais da fábrica. Em vez disso, fiquei a olhar, como um bôbo, para dentro dos seus olhos. Naqueles olhos se ocultava um diabinho irrequieto que, curioso, perguntava: «Que espécie de pessoa tenho diante de mim?» E, o que é mais importante, era tal a segurança de si mesmo, tamanha a calma dos seus gestos e da sua voz, que minha energia desfaleceu. Pouco a pouco, porém, fui ganhando forças. Mas o desejo, antes latente em mim, de pô-lo fora, pareceu-me injusto, insensato, estúpido. Vamos ver — pensei — que espécie de animal é este, pois para o mandar embora, qualquer ocasião serve. Olhei-o atentamente. E a dúvida assaltou-me: qual das duas coisas nele predominava: o cinismo ou a inteligência?

— Isto aqui é uma fábrica têxtil, camarada, Kovaliov!

— Uma fábrica têxtil, naturalmente. Sei disto, não é preciso que você diga.

E, rindo-se com sarcasmo, ficou a olhar dentro dos meus olhos. Julgava-me, com certeza, um grande tolo (e ensilhar-te e montar-te é, para mim, certamente, pensava ele, a coisa mais fácil deste mundo!).

— Entende você de assuntos têxteis?

Absolutamente nada! Quero meter agora o nariz nesse domínio.

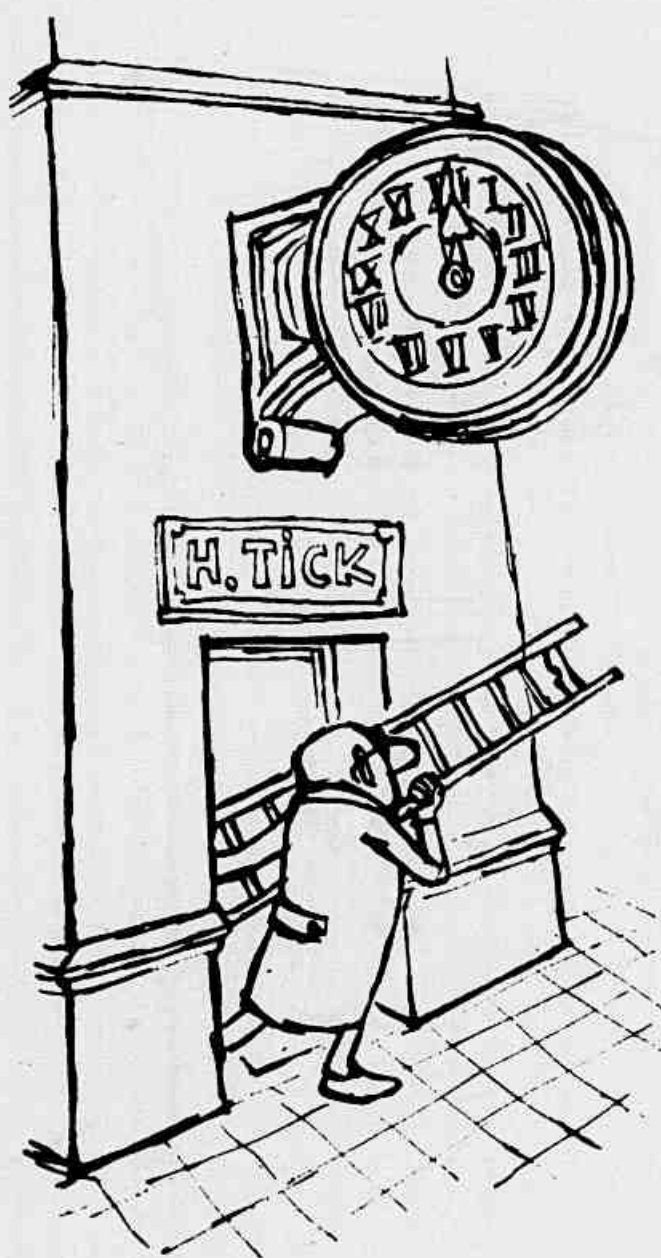
(*) Seção do Conselho Superior de Economia (Cont. no próximo número)

GARRO DE UMA CAIXINHA. RISCOU UM FÓSFORO ACENDENDO O CIGARRO. ISTO FEITO ARREMESSOU...

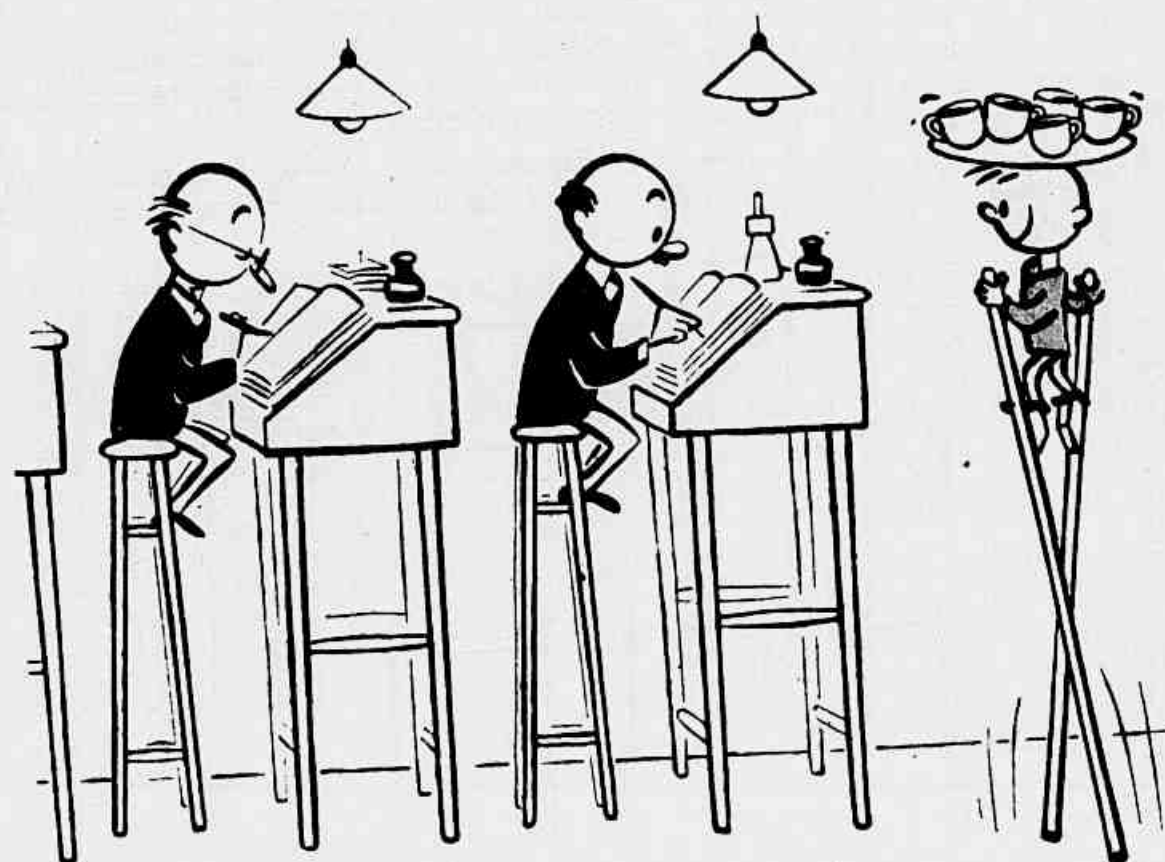
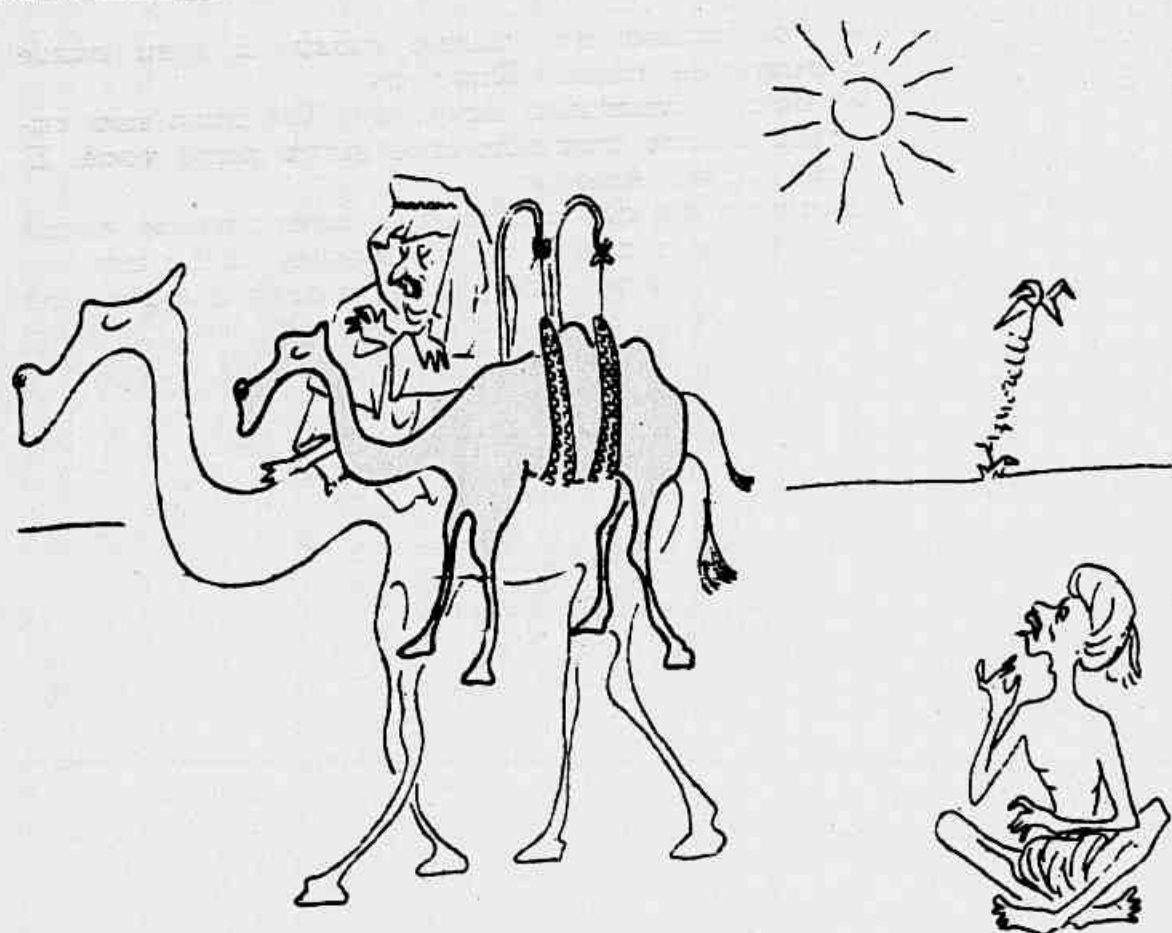
Novela de FÉDOR GLADKOV

Ilustração de LLAMPAYAS

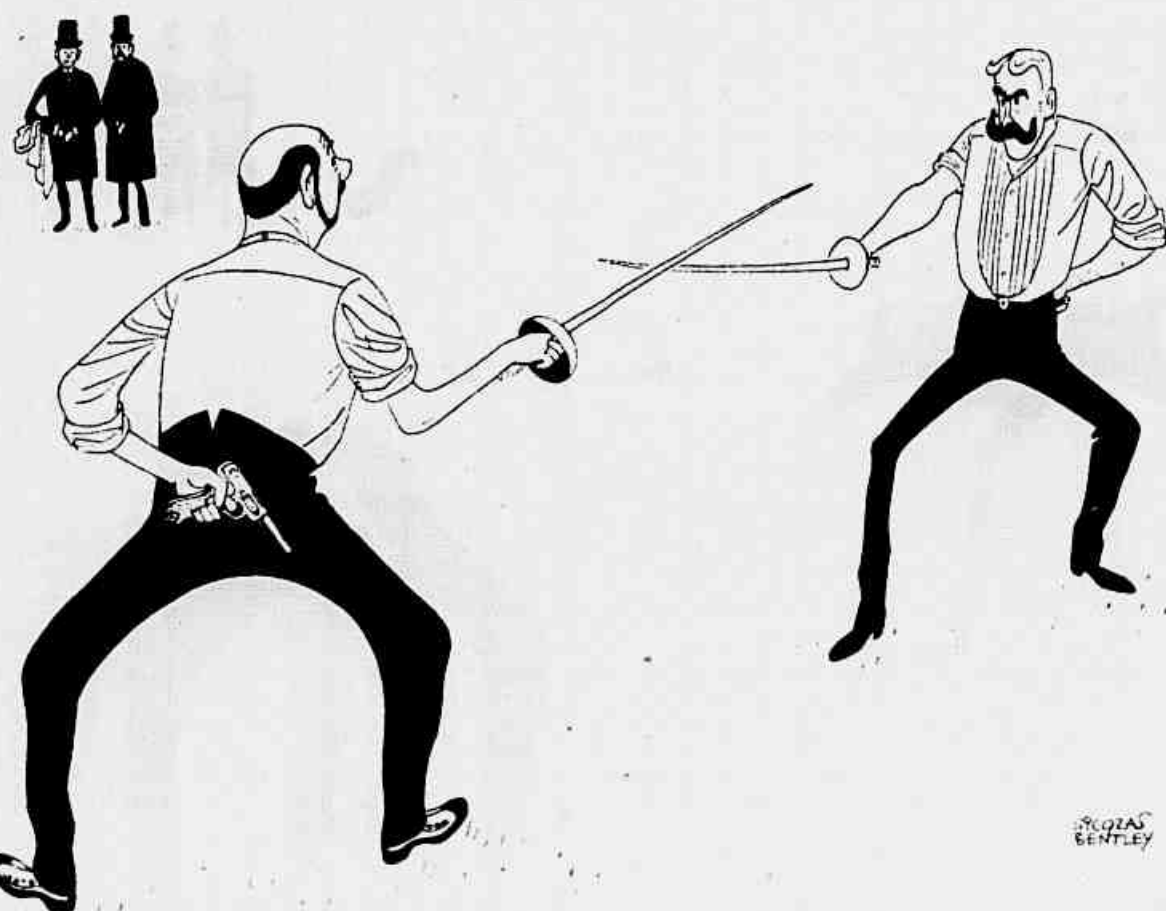
REVISTA DA SEMANA — 13



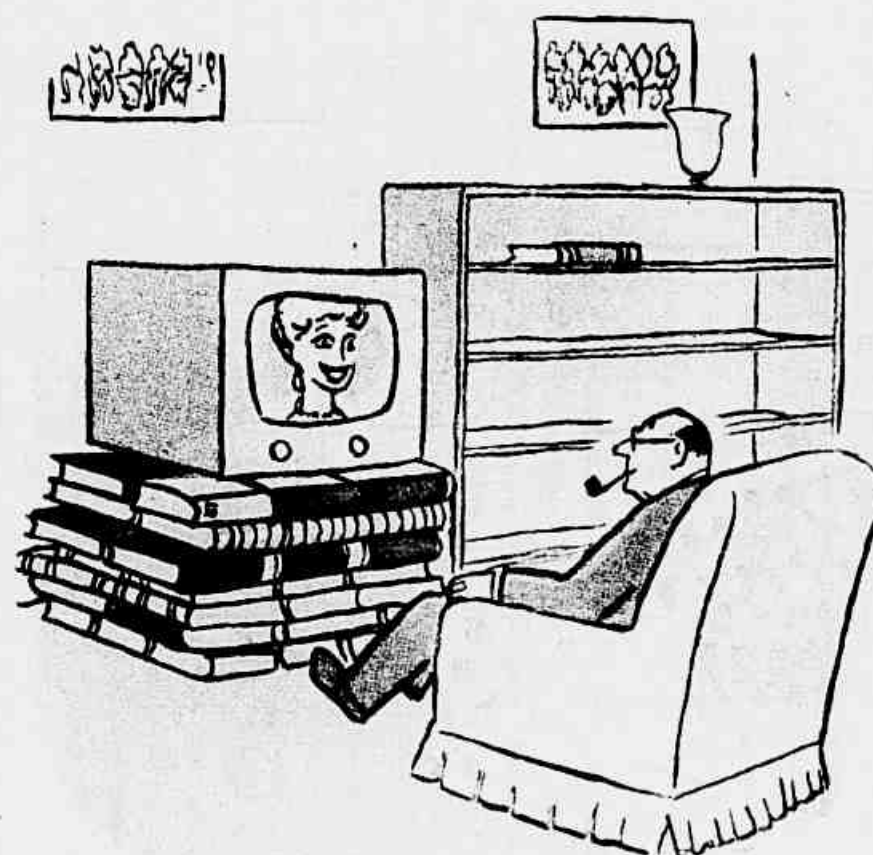
O RISO DOS OUTROS



ROY DAVIS



ROZAS GENTLEY



QUE É UM "CHRISTIAN SCIENTIST"?

Por GEORGE CHANNING

Do «Committee on Publication of the Christian Science Church».

Exclusividade no Brasil para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

U

M «Christian Scientist» é alguém que aceita os preceitos da Ciência Cristã, e os adota e pratica como religião. Assim foi definida a Ciência Cristã por sua fundadora e descobridora, Mary Baker Eddy: «E' a lei Divina, a lei do Bem, que interpreta e demonstra o Divino Princípio e Regra da Harmonia Universal».

E por que se chama tal religião «Cristã»?

Porque está inteiramente baseada nos ensinamentos de Jesus Cristo que tornam claro o significado espiritual das Sagradas Escrituras. A Ciência Cristã exige de seus fiéis que obedçam fielmente os preceitos de Jesus, inclusive a cura dos doentes.

E por que é «Científica»?

Porque é exata em suas premissas e conclusões, e demonstrável totalmente.

Quais são as bases da religião de Mary Baker Eddy?

Duas: Deus é o Divino Cérebro, que concebeu o Homem e o Universo; o Cérebro, o Pensamento, é tudo quanto existe. O Pensamento busca exprimir-se a si mesmo, e sua expressão é o Homem.

O espírito é eterno, e real; a carne é ilusória, irreal, tendo por finalidade a destruição e a decadência. O mal está subordinado diretamente à carne, e portanto, o mal é irreal, uma ilusão somente. O espírito, e todas as suas expressões, são porém imortais. A morte é pois uma ilusão dos sentidos perecíveis, ilusão que terminará afinal por ser vencida pelos sentidos espirituais, seja deste lado da vida, ou do outro. Porque o indivíduo continua vivendo mesmo após sua «morte», muito embora não mais seja visto pelos parentes e amigos que ainda continuam envolvidos em sua vestimenta de carne.

Quais as relações do homem com Deus?

O homem e o universo estão feitos à imagem e semelhança do Divino Pensamento, Deus, que os concebeu. Pensamento é aí utilizado como sinônimo de Espírito, Alma, Vida, Verdade, Amor, Princípio, Origem. O homem, idéia e imagem de Deus, é imortal, perfeito, inteiramente bom, intocável e incapaz de ser tentado pelo Mal, de vez que expressa Deus.

O que representa a saúde, para um «Christian Scientist»?

A saúde é uma realidade espiritual; logo, é eterna. A doença é um aspecto inteiramente falso da realidade humana — ilusões que podem ser destruídas pela oração, ou pelo conhecimento espiritual. O plano mental divino pode vencer — e vence sempre — o simplesmente material.

MARY BAKER EDDY

Quem foi Mary Baker Eddy (1821-1910). Foi a descobridora e fundadora da Ciência Cristã. E' encorajada, pelos Cristãos Científicos, como a reveladora da Verdade, no século presente. Trouxe aos homens o consolo que Jesus Cristo prometera. Tal consolo é a Ciência do Cristianismo, estando ao alcance, segundo o pensamento de Mrs. Eddy, de todos aqueles que utilizarem o poder e a lei divinas de acordo com os ensinamentos de Jesus.

Qualquer pessoa, de todas as religiões, encontrará na Bíblia conteúdo espiritual digno de sua atenção, conteúdo que poderá ler com imenso proveito. Mas os Cristãos Científicos acreditam que o livro «Ciência e Saúde, com a Chave das Escrituras», de Mary Baker Eddy, oferece uma completa interpretação espiritual da Bíblia. Acham igualmente que, sem o livro de Mary Baker Eddy, essa interpretação da Bíblia jamais seria possível — como o não foi até o seu aparecimento.

SÃO OS «CHRISTIANS SCIENTISTS» PROTESTANTES?

Os Cristãos Científicos acreditam-se protestantes, muito embora sua fé englobe elementos os mais diversos de inúmeras religiões. As principais características da crença são as seguintes:

- 1 — O Bem é infinito; o Pecado, a Morte e a Doença são ilusões, e que o Mal é irreal.
- 2 — A Saúde é uma função do Espírito.
- 3 — Não existem padres ou pastores. Também não é preciso o martírio — embora os Cristãos Científicos conheçam, e respeitem os mártires do Catolicismo. O Cristão Científico não morre pela sua religião: vive, ao contrário, por sua causa.

Um Cristão Científico não conhece qualquer espécie de sacerdote. A Bíblia, na versão chamada do «Rei James», e o já mencionado livro de Mary Baker Eddy, são seus únicos guias espirituais. Os textos são lidos em voz alta, por leitores especiais, que se revezam. A oração, para o

GEORGE CHANNING,

autor do presente artigo, e do que publicaremos na próxima semana, é leitor e um dos dirigentes do Comitê de Publicações da Igreja Cristã Científica (Christian Science Church). Como membro de destaque da comunidade de Cristãos Científicos, está apto, perfeitamente, a dar a nossos leitores uma visão do que é a seita fundada por Mary Baker Eddy.



Cristão Científico, é científica, e pode curar: «Em meu nome, expulsa-reis demônios; os mudos falarão, serpentes serão expelidas; e o veneno não vos atingirá; os doentes recuperar-se-ão, ao toque de vossa mão». (São Marcos, capítulo 16, versículos 17-18).

4 — Não existe um batismo material: para o Cristão Científico, o batismo é a purificação de todos os sentidos materiais. Porque para ele, a salvação consiste em subtrair-se inteiramente ao império dos sentidos — pois é pelos sentidos, pela carne, que o homem adoece e morre. O protestantismo, é bom recordar-se, principiou por uma revolta contra determinada espécie de culto — e os Cristãos Científicos também protestam, hoje em dia: contra o império do material perecível.

O PAPEL DE JESUS CRISTO

Que pensam os Cristãos Científicos sobre Jesus?

Cristo é Deus, para os cristãos; mas para os Cristãos Científicos, Jesus é o Filho de Deus. Não é Deus — mas o Filho de Deus. A verdadeira missão de Cristo era redimir a humanidade, apontando-lhe sua verdadeira natureza, que é a espiritual. O homem não é Deus, porém dá testemunho da vontade divina. Jesus Cristo efetuou curas, que para os Cristãos Científicos não foram milagres, mas resultantes da aplicação da lei natural do espírito.

A virgindade de Maria é inteiramente aceita pela «Christian Science».

Os Cristãos Científicos também aceitam a Santíssima Trindade — que é a união entre Pai, Filho, e Espírito Santo —, mas não que ela constitua três pessoas distintas e uma só verdadeira. Vida, Verdade e Amor são os três princípios chamados DEUS.

Que papel desempenha a oração na Ciência Cristã?

Um papel importantíssimo. Para o Cristão Científico, viver e rezar são praticamente sinônimos. «O homem deve orar sempre» — diz São Lucas (18:1). O conhecimento de Deus só pode ser obtido através de preces. O verdadeiro crente deve pois aplicar todos os seus esforços no sentido de orar, com perfeição, a Deus. E' claro que nem todos os Cristãos Científicos podem sempre rezar com perfeição. A perfeição de suas orações é um reflexo de seu próprio grau de desenvolvimento espiritual. Se determinado indivíduo já atingiu um alto plano de desenvolvimento espiritual, e se aplica este desenvolvimento devotamente, os resultados de suas orações poderão parecer a outrém miraculosos.

A saúde é uma derivante do conhecimento espiritual. Os Cristãos Científicos fazem grande diferença entre a Fé, e o Conhecimento: Fé, significa a aceitação, independente de provas; o Conhecimento é aceitação, mediante tais provas. Através da Fé, aparecem graus de evidência, que fortalecem o conhecimento espiritual.

O que é um Predicador, em se tratando da Ciência Cristã?

Um predicador é alguém que ora em intenção daqueles que lhe pedem que reze por eles. Para ser registrada como predicador, uma pessoa deve ser primeiro aprovada pela Igreja-Mãe, que é a Primeira Igreja de Cristo, em Boston, Massachussets. E' preciso que tenha certa instrução, auto-adquirida, ou seja por que meios forem, bem como que demonstre determinadas qualidades no trato das enfermidades. Deve outrossim demonstrar que pretende aplicar os seus poderes espirituais no combate ao mal e à enfermidade, em todo o mundo.

(Cont. na página 58)



Fachada da Igreja de S. Francisco, o maior monumento de arquitetura religiosa do Brasil.

SALVADOR

CIDADE DE TURISMO

Em pleno desenvolvimento
um novo e vasto programa

♦ A administração Hélio Machado, na Prefeitura da Cidade do Salvador, marcou o início de notável surto no que toca ao desenvolvimento do turismo na Bahia. O que se passa na «Boa Terra» é surpreendente. A cidade se moderniza sob um novo influxo de progresso. A cada passo se depara com construções novas, novas avenidas, lindas praias, belos jardins, tudo isto emoldurado por uma natureza realmente privilegiada, rica de luz e colorido. O Departamento Municipal de Turismo, a cuja frente se encontra o sr. Waldemar Angelim, em harmonia com esse afã de crescer marcha vitoriosamente no labor de preparar a velha capital brasileira para receber os milhares de turistas que ali chegam a todo instante. Instalado no suntuoso «Belvedere» da Sé, construção em mármore debruçada sobre a Cidade Baixa e Bahia de Todos os Santos, vai levando avante o notável «Plano de Turismo da Cidade do Salvador», recentemente organizado. Assim é que, com pouco mais de um ano de funcionamento, na sua nova fase, o Departamento empreendeu, com êxito, a realização do 3º Congresso Nacional de Turismo, a abertura dos seculares subterrâneos da Bahia, a restauração das tradições folclóricas com o revigoramento das festas populares e a criação de uma nova mentalidade, de um espírito mais construtivo, articulando entidades que, direta ou indiretamente, possam se interessar pela atividade turística. Daí resultou a criação de novas empresas de turismo e o desenvolvimento de atividades correlatas, tais como o comércio de «souvenirs», de «boites», clubes, balneários, em consequência do afluxo sempre crescente de excursionistas em qualquer época do ano, e que antigamente só procuravam a Bahia de dezembro a março.



Farol da Barra, localizado num dos recantos mais pitorescos da Cidade do Salvador, à entrada da barra.



O prefeito Hélio Machado discursando na cerimônia inaugural da nova fase do Departamento Municipal de Turismo, tendo à direita o diretor desse órgão, sr. Waldemar Angelim. Estão presentes o governador Antônio Balbino, autoridades civis e militares. À direita: Exibição de capoeiragem para a delegação francesa ao recente Congresso Eucarístico Internacional, realizada na aprazível sede do Departamento Municipal de Turismo.



A grande revelação que o mundo esperava

TERIA O ENIGMÁTICO KAPITZA INVENTADO A
SUPERBOMBA, QUE DARIA AOS SOVIÉTICOS
A SUPREMACIA ATÔMICA ABSOLUTA?

QUE RAZÕES LEVARAM STALIN A CONVIDAR
KAPITZA, AQUELA NOITE MISTERIOSA, PARA
UMA ESTRANHA PARTIDA DE XADREZ?

STALIN DESAPARECEU... E O ENIGMA DE
KAPITZA EM QUE FICOU?

LEIAM, A PARTIR DO PRÓXIMO NÚMERO

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEW

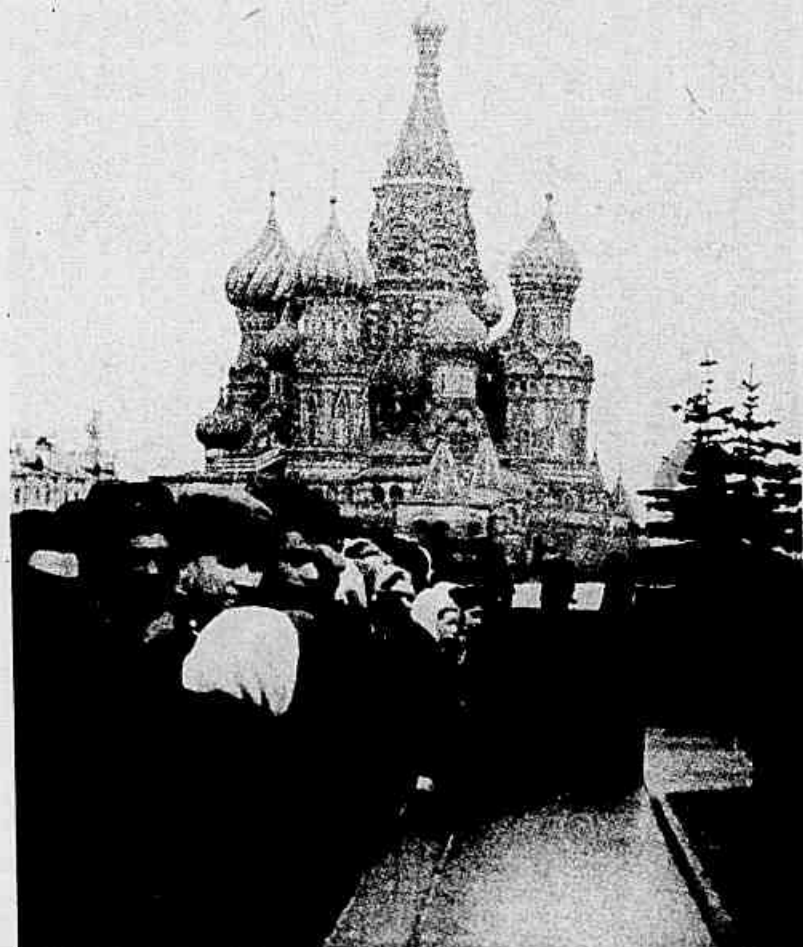
EXCLUSIVIDADE NO BRASIL PARA A «REVISTA DA SEMANA»

— A mais sensacional série de revelações sobre
o magno problema atômico, por detrás da
"Cortina-de-Ferro".

— A reportagem que custou vidas, além de mi-
lhões de dólares.

— Em cada capítulo, uma nova emoção.

Sensacionais Revelações — Copyright Keystone e Ed. Pierre Horay



Dansas

AVENIDA
ATLÂNTICA

ESTRADA DO



POR DETRÁS DA VIDA PERDULARIA DO "CAFÉ SOCIETY"

EXISTE O VICIO ★ LÔBOS FAMINTOS DE AMOR

VIAJAM EM "RABOS-DE-PEIXE" ★ "CABARETS" QUE

SÃO O REFÚGIO DOS MAIS ESFOMEADOS ★ "BOLERO":

CUBA-LIBRE, 100 CRUZEIROS ★ UMA JOVEM ATRIZ

VIVE AGORA O TRISTE PAPEL DE UMA DECAÍDA

★ CAMBIO QUE OSCILA ENTRE 300 E 1.000 CRUZEI-

ROS ★ NO FINAL, CONCLUSÕES BEM MELANCÓLICAS

AMOR REMUNERADO

(O que poderá suceder a uma jovem abandonada, uma noite, em Copacabana)

Reportagem de JOSÉ MARIA RODRIGUES

Fotos de ALBERTO FERREIRA



Após o espetáculo do João Caetano, onde Mara trabalha, no seu camarim, ela tira toda a «maquillage» de censo antes de iniciar o trabalho para a reportagem.

ESTA reportagem foi concebida num camarim do Teatro João Caetano. Falávamos, — nós e a atriz Mara Murce — sobre uma outra publicada há semanas nesta revista e que visava a mendicância — onde o papel de mendigo foi interpretado pelo ator Badaró. Mara, a simpática vedetinha, mostrou desmedido interesse em viver um papel no gênero, pedindo-nos para idear um tema de interesse. A idéia nasceu num repente, ou melhor, a idéia já a havíamos tido anteriormente, faltava-nos porém um intérprete. Uma vez que foi a atriz a oferecer-se, espontaneamente, resolvemos por bem aproveitá-la.

Pretendíamos descobrir o que poderia acontecer a uma garôta (ela tem apenas 19 anos e aparenta ainda menos) abandonada a altas horas da noite, numa rua do Rio. A missão era difícil para Mara, pois as surpresas, os incidentes ou acidentes resultantes dessa delicada experiência, poderiam ter consequências funestas. Apesar de tudo o que de mal pudesse advir dessa melindrosa interpretação, ela mostrou-se, após a nossa observação, mais do que nunca, interessada em representar o papel da jovem abandonada no palco das ruas.



Outro automóvel, este com três passageiros: dois homens e uma mulher. Precisavam outra para completar o grupo, mas não foi em Mara que conseguiram essa tal amiguinha.

"Bars" onde os fotógrafos não batem chapa e

— Atenção ao final — grita o contra-regra. Todo mundo nos seus lugares.

Aí, a darandina multipliciu-se; atrizes, vedetas, vedetinhas, coristas e figurantes foram enfrentar o exigente público, adornadas de deslumbrantes plumagens no desempenho de um quadro que fala de Paris.

Terminado o espetáculo, acompanhamos Mara Murce ao seu camarim, onde, antes da saída, batemos algumas chapas.

Tipo «mignon», bem torneada, com tôdas as curvas nos lugares exatos, lavada da caracterização, ela ficou ainda mais garôta que os poucos anos que aparenta.

Saímos finalmente. Ela enverga um vestido vermelho, bem justo, que risca tôdas as suas formas, chamariz de olhares. A noite está fria. Sobre os ombros nus um xale, como proteção. Na mão uma valise preta que balança a cada passo. Nada dentro da valise, para evitar surpresas. O dinheiro e uma credencial que antes

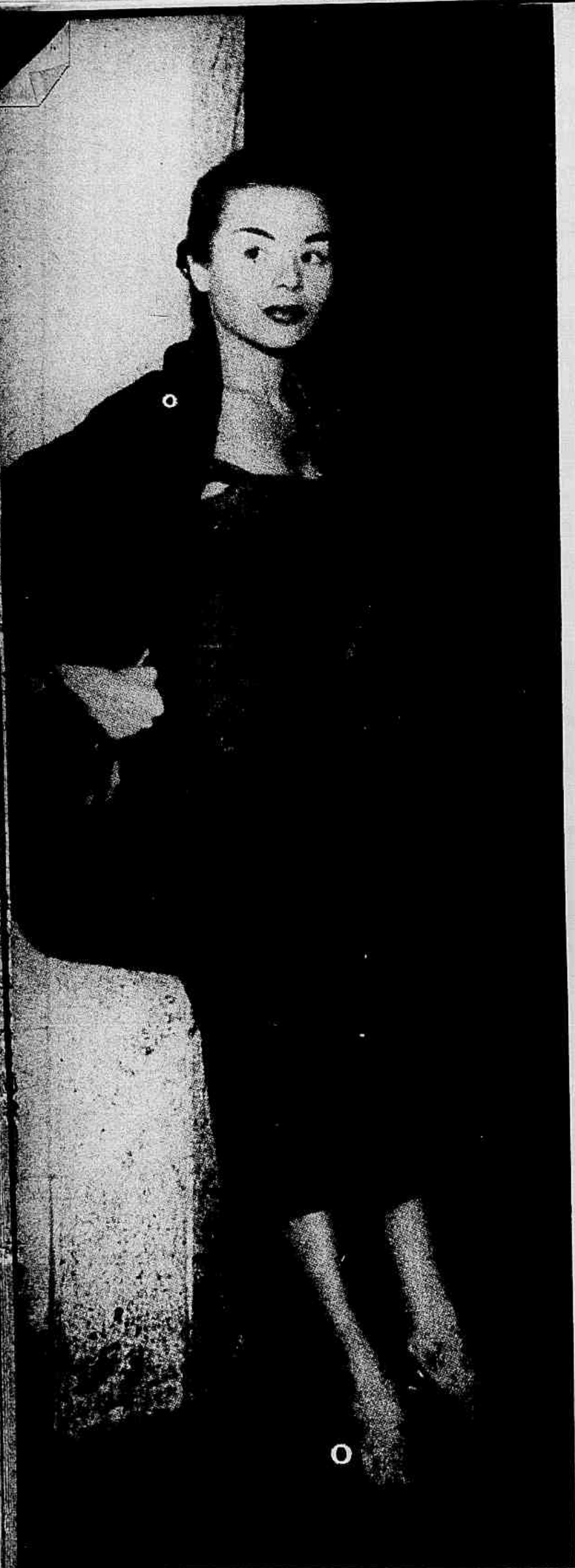
lhe havíamos fornecido como prevenção, contra qualquer eventualidade, estão escondidos no cofre que já deixou de ser secreto por tôdas as mulheres o preferirem — o seio.

Assim seguimos à caça de acontecimentos fortuitos.

Escolhemos como campo de batalha Copacabana, com a majestade de seus arranha-céus, o luxo de seus «night-clubs», a perdularidade do seu «café society» e a divulgada filantropia dos seus freqüentadores. Esse seria o lugar indicado para abandonar a nossa jovem e deixá-la ao sabor dos imprevistos.

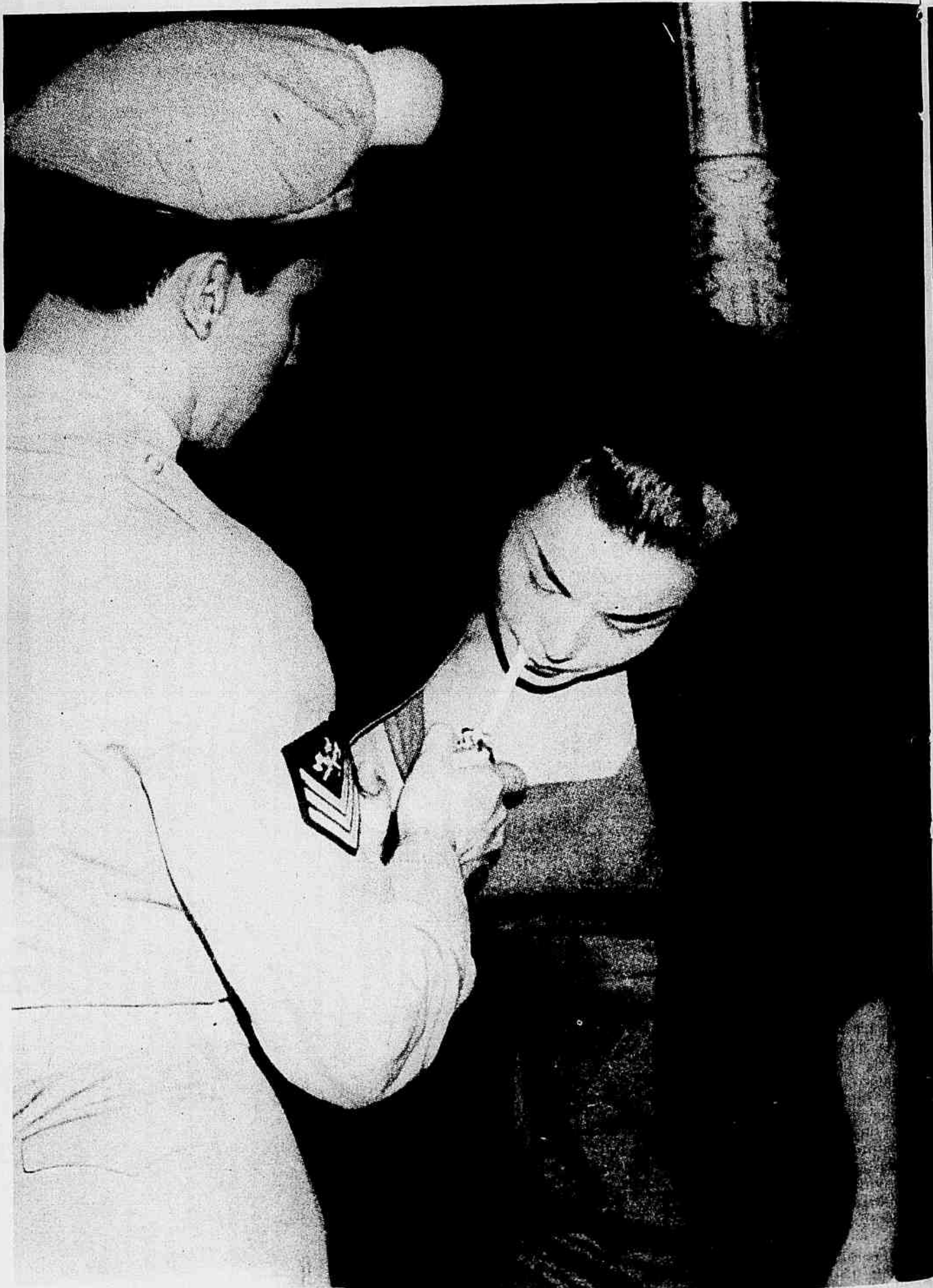
O PRIMEIRO DON JUAN

Junto ao pôsto dois, na Avenida Atlântica, ela ficou sôzinha. Seguiu à nossa frente, ondulante no caminhar, lentamente, olhando a sombra. Nós e o fotógrafo, com a máquina pronta a disparar ao mínimo acontecimento.



Abandonada numa esquina, aguardando acontecimentos fortuitos, ela confunde-se com uma mulher de rosto vazio e nervos dissecados.

Um dia depois da primeira combinação, eis-nos de novo na «caixa» do teatro, entre as belidades em desfile no vaivém costumeiro do «entra e sai de cena». Caras lambuzadas de côres berrantes, corpos que se desculpam de não estar nus com «bikinis» quase invisíveis, algazarra, gritos, carpinteiros que martelam, cortinas que fecham e abrem, olhos tristes, olhos alegres, risos, música, chamadas do contra-regra. Gargalhadas do público que se perdem atrás do palco. Os números sucedem-se em ritmo vertiginoso. A segunda sessão está prestes a terminar. Mara já nos cumprimentou e disse ter trazido um vestido apropriado para a missão. Esperamos.



Um militar mostrou interesse por Mara. Iniciou o ataque, sorridente, acendendo-lhe o cigarro.

e um "Cuba-Libre" custa cem cruzeiros...

Antes que conseguisse alcançar o pôsto 3 um automóvel afrouxou a marcha e parou a seu lado. A atriz, inicialmente, fêz conta de não se aperceber. O seu condutor insistiu na perseguição. Chamou-a. Mara atendeu à chamada e foi falar com o desconhecido motorista.

A ingenuidade poderia em princípio levar-nos a pensar que ali estava o salvador da jovem abandonada. Um indivíduo condoído em ver uma garôta sôzinha perdida numa rua a altas horas, que se prontificasse a ajudá-la de qualquer modo. Mas não. Nós sabemos que êsse sentimento de piedade há muito foi abolido. A mulher que se encontre a desoras, sôzinha, pode ter-lhe acontecido a maior das desgraças momentos antes, desperta inopinadamente no homem que a vê, o lado de «lôbo faminto de amor» e nunca um sentimento de devoção ou paixão. Nós sabíamos isso antes de iniciar esta reportagem mas quisemos realizá-la para obter uma prova concreta dos fatos.

Assim, confirmando nossas previsões, o nosso D. Juan de «rabo de peixe» teve com a pseudo abandonada o doce colóquio que em seguida relatamos:

- Meu bem... não se sente só?
- Um pouco!... Cheguei há três dias ao Rio.
- Venha comigo. Vamos dar um passeio.
- Muito obrigada. Vou para casa.
- Não diga. Ainda é muito cedo!
- Não posso.
- Pode sim. Venha comigo. Venha que lhe dou algum dinheiro para as suas despesas.

Mara fingiu vacilar tentando saber qual o dinheiro oferecido.

— Acompanhe-me que não se arrepende. Você está cheia de frio. Vamos beber qualquer coisa primeiro. Passaremos um bocadinho juntos e depois levo-a a casa. Eu lhe darei quinhentos cruzeiros para comprar umas meias. Combinado?

Mais alguns minutos durou a conquista. Mara resistiu com estoicismo à conversa doce do ca-



Um jovem tímido pouco pôde oferecer. Ela nega-se a segui-lo e êle pedindo desculpas desaparece.



O primeiro conquistador surgiu num belo automóvel convidando-a para cear e prometendo-lhe quinhentos cruzeiros para as suas despesas.

valheiro de «rabo-de-peixe», que vendo a impossibilidade, achou por bem afastar-se, não sem primeiro lhe ter oferecido um cartão com o nome e telefone, para combinarem um encontro em dias futuros.

ZANGADO COM A ESPÔSA...

Logo que o automóvel desapareceu, outro Casanova que se encontrava estático na beira do passeio, iniciou o ataque. Era um jovem magro, de vinte e poucos anos, cuja indumentária denunciava ter sido comprada com facilidade. Avançou resolutivo:

— Boa noite!



Um outro Casanova lhe prometeu a mão amiga. Perante a recusa de Mara, ofereceu-lhe seu cartão para em dias futuros marcarem um encontro.



— «Zanguei-me com minha mulher. Hoje não irei dormir em casa. Você quer passear comigo?». Apesar dos rogos, o trabalho resultou infrutífero.

Andam lônços famintos, noite alta, pelas avenidas de Copacabana,

— Boa noite — respondeu Mara, fingindo surpresa.

— Vamos?

— Vamos aonde?

— Onde há de ser...

— Não estou entendendo!

O rapaz ficou hesitante, mas não desistiu.

— Podemos ir primeiro comer qualquer coisa. Sabe, hoje zanguei-me em casa e não quero voltar. Venha comigo. Você parece boa pequena.

Durou dez minutos a conversa. A atriz teve de usar de todo o bom senso para despegar-se do importuno galanteador.

Uma vez livre, avançamos nós para que nos fosse narrado o episódio e ainda para a convidarmos a visitar o «Bolero», um desses «cabarets» da avenida onde pululam mulheres do teor daquelas por quem ela havia sido tomada.

«BOLERO» — ENCRUZILHADA DE PAIXÕES

Quando nosso rosto assomou, cortando a nuvem de fumo que sufocava o ambiente bafiento da casa, ia iniciar-se o «show». Mara sentou-se inicialmente à nossa mesa. O anunciado ato de variedades desenrolava-se precisamente à nossa frente, onde os artistas cantavam e dançavam ao som do quinteto mergulhado num poço. Os artistas eram de tôdas as côres, nacionalidades, cheiros, tamanhos e feitios. As cantoras de vozes ausentes, exibiam curvas.

Nas vedetas, de «curvas quadradas», salvava-se a voz. Tudo paradoxal.

Pelas mesas esticavam mulheres, de nervos dissecados, rostos vazios, que quando beijam ficam com a boca da côr da pele. Os homens procuram-nas mas elas só oferecem gestos repetidos que a continuidade tornou mecânicos. Não podem dar sensações porque a sua inspiração é exterior. Mulheres que são elo quebrado na enorme cadeia, que são as normas da vida.

Uma cantora argentina, curvilínea, elegantemente vestida, de voz quebrada, atira para o ar sons guinchados duma triste melodia. Fala em miséria. As outras ouvem religiosamente.

«Por uma miséria escondida
Em meu sofrimento»

Nos olhos das mulheres que escutam, nota-se uma tristeza profissional, uma tristeza igual em tôdas. São tantas que nem dá vontade de ter pena. Isso faz-nos pensar que aquelas mulheres sem fé, quanto a religião, devem pensar o que os outros repetem e repetir o que os outros pensam, sem saber o que pensam ou o que repetem.

Canta agora uma artista que parece estrangeira. Já deve ter perdido a noção da nacionalidade, a julgar pelo volume de anos que lhe deformam o físico. Canta, sorri e arranca gargalhadas com certos trocadilhos pornográficos.

O «show» termina em apoteose com tôda a companhia, mas antes, um senhor de «smoking»,

anuncia o próximo «grandioso espetáculo com novas atrações internacionais».

Mara olha tudo aquilo com evidente surpresa. Pedimos-lhe para se afastar de nossa mesa. Ela obedeceu. Depois nos contou todo o sucedido.

Primeiro dirigiu-se ao «toilette» onde escutou uma conversa curiosa entre duas frequentadoras:

— Hoje não saís com o Americano! — dizia uma delas.

— Saio se eu quiser...

— Não saís porque ele é meu. Já na outra viagem andou comigo.

— Vamos ver.

— Isso digo eu. Os mil cruzeiros dão jeito a qualquer uma.

— Tenho a impressão de que o «pau vai comer»...

Mara afastou-se e deixou-as discutindo. Momentos depois saíram as duas, muito amigas, aparentemente. Dirigiram-se ambas para a mesa do americano.

Nossa companheira foi então falar com um dos criados, tentando saber informações sobre a vida interna do «cabaret». O rapaz pareceu ter simpatizado com ela, tanto que se

Já madrugada, sonolenta, recostada num lampião, onde descança o exaustivo trabalho da noite, a atriz vê passar os últimos clientes, os últimos boêmios e os primeiros trabalhadores.

Na Avenida Atlântica automóveis transportam «lôbos famintos» de amor que procuram na mulher pedaços de noite que jamais lembrarão.

prontificou imediatamente a conseguir-lhe um emprêgo na casa!

— Você tem boa figura — disse. Se quiser pode falar com o gerente e conseguirá emprêgo. Depois combine com êle a percentagem sobre as bebidas e o ordenado...

— Mas, sabe, eu sou nova no meio. Precisava primeiro falar com uma colega.

— Tá. Eu consigo isso para você.

Sempre solícito o rapaz levou-a para junto duma «colega» esquecida numa mesa de canto. Uma dessas mulheres que na profissão já tiveram o seu tempo.

A outra inicialmente hostil, foi progressivamente perdendo o ar agressivo inicial, consoante as palavras de Mara, na qual por certo reconheceu uma jovem iniciada, sem talento, dodo os elogios que lhe tributava. Mara agiu sábiamente avivando na mulher aquilo que os outros já haviam esquecido.

— Você está muito bem conservada para a idade, querida! — disse a atriz.

— Não pense nisso, minha filha. Estou um farrapo. Eu sei. Só um ou outro me olha para as rugas...

A expressão da decadência é triste, imensamente triste. Rosto demasiado pintado, olhos sujos, pisados, sem expressão. Mãos finas e brancas, bem cuidadas, sem anéis. Dentadura branca demais para ser verdadeira. Tem voz roufenha e fala descançando.

Contou pedaços da sua história.

A HISTÓRIA DE UMA VENCIDA

— Tenho quarenta e dois anos, menina. Quando você chegar à minha idade, nesta vida, saberá o que isto representa. Oxalá alguém o tire dêste martírio antes dêsse tempo. Eu também fui menina, também tive brinquedos, também tive pais.

E continuou:

— Nasci no Pará. Vim para o Rio com quinze anos. Estudava. Meu pai era guarda-livros numa firma importante da minha terra. Foi transferido para o Rio. Eu, menina ingênua do interior fiquei maravilhada com a vida de luzes da cidade e com tôda a grandiosidade de suas casas.

(Cont. na página 58)

em luxuosos "Cadillacs"...



Homero de Magalhães em Viena

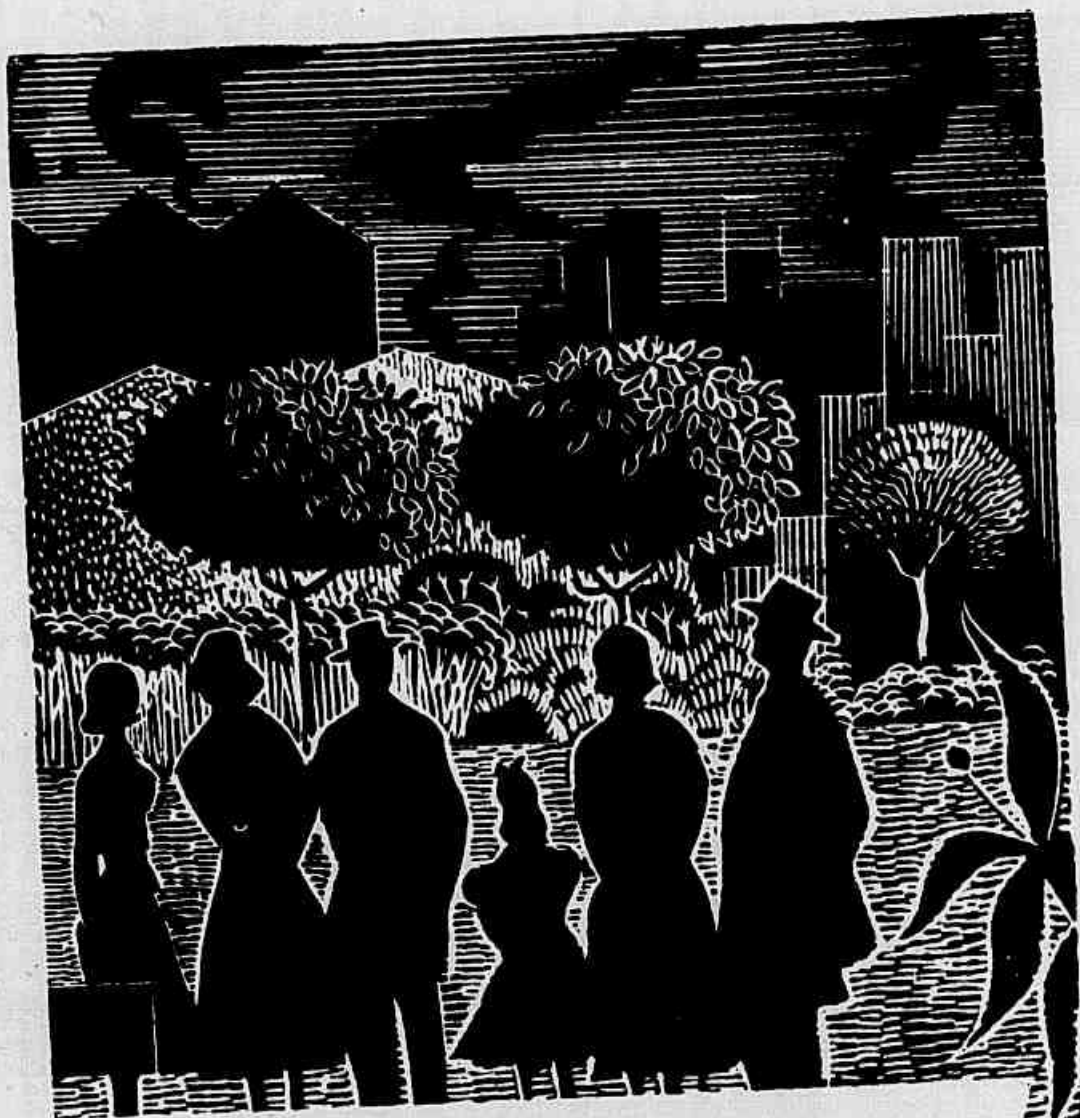
● Quem conheceu o pianista patricio Homero de Magalhães e teve oportunidade de ouvi-lo alguma vez, certamente que não se surpreenderá com as críticas favoráveis que o mesmo vem recebendo da imprensa austriaca. Homero não é desses pianistas tonitroantes, cheios de exterioridade e ênfase. Longe de ser periférica, sua conduta interpretativa tal como a sentimos há poucos anos passados, atinge o máximo de subjetividade. E é provavelmente este fato que nos leva a considerá-lo um dos maiores, senão o maior intérprete brasileiro dos impressionistas franceses, especialmente de Ravel e Debussy. Após vários anos de estudos e aperfeiçoamento na Europa, Homero retornou ao Brasil em 1953, tendo realizado dois recitais no nosso Teatro Municipal. No ano seguinte, tivemos a grata satisfação de encontrá-lo em Paris por diversas vezes, ocasiões em que demonstrou, repetidamente, suas disposições de fazer um curso de regência em Viena. E ainda estávamos na capital francesa quando Homero partiu para a Europa Central. Entretanto, agora tudo nos leva a crer que o jovem pianista mudou inteiramente de idéia; certamente não o entusiasmo mais o penetrar nos segredos da orquestra, nem tão pouco a preciosa vaidade de empunhar uma batuta. É que, segundo pensamos, só as críticas a ele dirigidas por dois dos principais órgãos da imprensa vienense, seriam suficientes para conservá-lo integrado de corpo e alma na arte pianística, evitando, assim, uma possível dispersão.

Vejamos como, a seu respeito, se manifestou o "Welt Presse", de 29-3-56: "O pianista brasileiro Homero de Magalhães deu, na Brahmsaal (Salão Brahms), seu primeiro recital vienense. Depois de algumas peças de Couperin, Rameau e Scarlatti, que foram apresentadas com encanto e pureza, ouviu-se a Toccata em Fá Sostenido Menor de Bach, em interpretação cheia de igualdade e despida de todos os exageros de mau gosto. E sem renegar os princípios da pura composição clássica, guiou-nos

então Johannes Brahms ao centro do seu mundo maravilhoso do Romantismo. É lamentável que essas esplêndidas Variações sobre um tema original opus 21, n.º 1, não sejam ouvidas, e deve-se já, só por isso, agradecer o pianista o havê-las pôsto no seu programa. Ele interpretou-as com uma compreensão visivelmente clara da complicada estrutura da obra, com grande calor e interesse interior. A segunda parte do programa, representou uma verdadeira surpresa para o público. Magalhães mostrou um espantoso domínio do estilo pianístico impressionista. Executou o 2.º Caderno de Prelúdios de Debussy com ricas nuances de toque e fina plasticidade de valor emotivo. No seu "toucher" havia algo daquilo que nos torna as interpretações de Debussy por Gieseking tão dignas de admiração. Finalmente, depois de tudo o que nestes últimos tempos temos ouvido em matéria de "trovoada pianística", esta "sotrée" verdadeiramente musical e cultivada, produziu um efeito duplamente agradável. O Salão Brahms, completamente lotado, mostrou-se visivelmente entusiasmado." Com idêntica satisfação, manifestou-se o crítico musical do jornal "Wiener Zeitung" que, ainda referindo-se à execução das 12 peças de Claude Debussy, assim se expressa: "... não se pode falar, no caso, de uma preponderância do trabalho racional, mas que o toque de Magalhães exala um fluido que nos aprisiona imediatamente." E encerrando o seu longo artigo, em que analisa, sob todos os ângulos, a arte pianística de Homero Magalhães, o referido crítico acrescenta: "Entre os extras do (ruidosamente aplaudido) jovem debutante das salas de concerto vienenses, causou estupefação, sobretudo uma transcrição de Coral em virtude da distinção extremamente feliz entre o Cantus Firmus e as Vozes Secundárias. Depois de uma estréia tão vantajosa, esperamos ouvir novamente, e muito breve, o excelente pianista brasileiro."

NOTICIÁRIO

● ABC e Pro Arte comunicam aos seus associados que, após a última apresentação, a do famoso "Quarteto de Budapeste", darão prosseguimento ao seu programa deste ano, proporcionando-lhe a oportunidade de ouvir em junho próximo o pianista Rudolf Firkusny e o violinista Isaac Stern.

SOROCABA
e SÃO ROQUE60 VIAGENS
POR DIA!das 6,00 às 22 hs.
cada meia hora

AGÊNCIAS:

SÃO PAULO

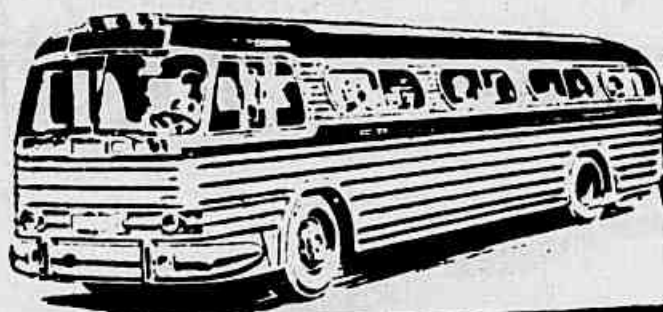
Rua Senador Queirós, 85 - Fones 34-2399 e 36-6402
Av. Ipiranga, 885 - Fone 34-1395

SOROCABA

Rua Mons. João Soares, 221-235 - Fone 654



VÁ PELO MELHOR!

EXPRESSO
BRASILEIRO

VIACAO Ltda

AZASO - EB-8

O TAUMATURGO ANCHIETA

EDUARDO TOURINHO

CHEGADOS com Tomé de Souza a Bahia, em 1549, logo os primeiros Missionários — sob a chefia do grande Nóbrega — iniciaram a cristianização do gentio. Esses jesuítas — Antônio Pires, Aspilcueta Navarro, Vicente Rodrigues, Diogo Jácome e Leonardo Nunes, o **abarébebé** (padre voador) — construíram com as próprias mãos a primitiva Sé de Palha da Cidade do Salvador. Na Bahia fundaram as primeiras **Reduções** — aldeias de índios, — e, no Terreiro de Jesus, a CASA tornada Colégio em 1553. Foi nesse Colégio que estudaram frei Vicente do Salvador, Sebastião da Rocha Pitta, Gregório de Matos Guerra, Bernardo Ravasco, Euzébio de Matos, Antônio Vieira e Francisco de Souza — autor do **ORIENTE CONQUISTADO**, — tido por Camilo Castelo Branco como um dos mestres em cuja companhia mais se instruíra nos segredos e na elegância do vernáculo.

Palmilhando terras — Ilhéus, Porto Seguro, o Espírito Santo, Pernambuco e S. Vicente — pregavam na **língua geral**, o tupi. Entre o ano da chegada ao Brasil e o de 1760 — quando do Brasil foram expulsos — estabeleceram, além dos Colégios, Seminários, Estações, Noviciados, Missões Residências. Desenvolveram artes e ofícios. Criaram indústrias estudaram a flora e a fauna do país.

Falar de um — Anchieta — é falar de todos. tão uniformes eram nas ações e tão idênticos foram na conduta e no pensamento. Mas sobre estas figuras apostólicas — Luís da Grã, Fernão Cardim, Leonardo Nunes, Diogo Machado, Simão de Vasconcelos, Felipe Bettendorf — sobrepairava Nóbrega, o **abacátueté** (homem santo) a cuja memória tanto deve o Brasil.

A 7 de julho de 1553 chegou Anchieta a Bahia. Seu pai — D. João Anchieta — era de Biscaya. Sua mãe — D. Méncia Dias Claviko Larena era uma nativa de Tenerife. Tinha ele, então, vinte anos. Aprendera a ler e escrever na terra em que nascera. Em Coimbra, formara-se depois e, lá, dera mostras de alto espírito cristão. De muitas orações e vigílias adoecera gravemente e, a conselho médico, viera sarar no Brasil.

A bordo do navio que o transportou, serviu de cozinheiro e dispenseiro. Mas antes de sua chegada tivera Nóbrega amplos informes de suas virtudes. Após servir um ano na Bahia, passou a Piratininga onde se entregou ao magistério. Aos **piratininguaras** — os paulistas

dêsses tempos distantes — saudava em tupi: — «Tupã omogaraiba, yawé ara catu omehê peene», que é «Deus vos abençoe e vos dê também tempos felizes». Para as crianças índias compunha autos e historietas, orações e hinos:

Ó Virgem Maria
Tupã cy até,
Aba pe ara pora
Oicó endê yabé

que — tal ensina Couto de Magalhães — significa: — «Ó Virgem Maria, Mãe de Deus verdadeiro, os homens dêste mundo estão muito bem



convosco». Em 1595 escreveu a «Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil», que o torna um dos pioneiros da literatura nacional. Organizou um «Vocabulário da língua tupi» e traçou uma «História Natural» que, mais tarde, havia de surpreender a Saint-Hilaire.

Como a S. Francisco de Assis, as feras lhe prestavam obediência e os pássaros entendiam sua linguagem. Curava doenças mortais e repetia as miraculosas pescas de Tiberíades.

Devassava o futuro. Narra Quirício Caxa uma profecia sua no tempo em que estava na Bahia. Passando em frente a Sé, disse a um operário que trabalhava nas obras: — «Toma cuidado ao colocares esse sino na torre... Terá de dobrar por ti». E, pouco depois, falecia o trabalhador.

E foi numa igreja de Itaparica, na Bahia, que em 1578 recebeu ele a notícia de sua nomeação para Provincial do Brasil. Na Bahia, também, ordenara-se ele sacerdote.

Quando, certa vez, ia celebrar uma missa em São Paulo, foi avisado de que alguém — muito aflito — desejava falar-lhe. Despiu imediatamente as vestes sacerdotais e caminhou ao encontro do adventício, dizendo: — «Melhor é a misericórdia do que o sacrifício».

Nascido a 19 de março de 1534 em San Cristobal de la Laguna, então capital de Tenerife, no Brasil viveu quarenta e quatro anos. Percorreu as Capitanias desde Itamaracá a São Vicente. Foi — sob as ordens do grande Nóbrega — um dos fundadores de São Paulo, que defendeu contra ataques do gentio. E, no Rio, foi o fundador da Santa Casa de Misericórdia.

Nessa obra de amor e fé, José Anchieta — asceta e santo — consumiu os quarenta e quatro anos que viveu nesta terra.

Durante piedosa visita ao Espírito Santo, sentiu-se gravemente enfermo. E a 9 de junho de 1597 cerrou docemente os olhos na aldeia de Reritiba, tornada vila de Benevente no século XVIII e que é, hoje Anchieta.

No Espírito Santo visitara aldeias índias e consolara irmãos quando — de volta a Bahia para ordenar-se — a peste lavrava e a Diogo Jácome vitimara.

No instante de sua morte recebeu — em extraordinário preito — as manifestações de pesar de uma verdadeira multidão. Teve um comovedor sepultamento.

Desaparecido, ainda maior se tornou. Pela ação e pela palavra, fêz-se inolvidável. E, tal o grande Nóbrega, foi também sagrado «Apóstolo do Brasil».

SONJA HENIE

VAI PATINAR NA RÚSSIA

FOI A MOSCOU EM COMPANHIA DO SÓCIO, HÓSPEDE DO GOVERNO SOVIÉTICO POR SEIS DIAS ★ FORA DA PISTA, EXCELENTE MULHER DE NEGÓCIOS E ÓTIMA FINANCISTA ★ REVELAÇÕES INÉDITAS

Texto de HALF

FOI no dia em que Sonja recebeu seu primeiro par de patins de lâmina com cinco anos de idade — que ela decidiu tornar-se uma verdadeira patinadora, não só pelo prazer de patinar, mas pela vontade de ser no gênero, melhor que seu irmão Leif, de ser, afinal, a maior patinadora do mundo. A partir de então, nada mais pôde retê-la: tinha um alvo à sua frente e ela o atingiu.

A razão do sucesso de Sonja Henie não está somente na qualidade de empenho que tornou P.T. Barnum famoso, mas na grande habilidade que tem essa artista para dirigir seus negócios. Na gerência de seus interesses particulares, conta com inúmeros recursos. Sonja tem muita capacidade para fazer transações e consegue os melhores resultados num mínimo possível de tempo. Além de tudo, mesmo sendo atleta e «business women», Sonja manteve, sempre, sua feminilidade e sua beleza.

Quando começou a dar conta de alguns papéis em filmes de Hollywood, todos diziam que seu sucesso não passaria de efêmero. Espetáculo no gelo devia interessar para um ou dois filmes, depois o público estaria cansado. Esses prognósticos foram errados, e os onze filmes por ela estrelados, redundaram em outros tantos êxitos. Suas temporadas de patinação sobre o gelo, pelo interior dos E.E.U.U., ainda hoje são bem sucedidas. Além de ser uma loura vistosa e bonita — na pista a ação do tempo ainda não se faz sentir, favorecida pelos efeitos de luz — Sonja conserva-se como parte integrante de um negócio dela mesmo, lucrativo, dentro do qual conhece todos os truques para efetuar boas bilheterias.

A maneira como Sonja conseguiu entrar no cinema vale por um exemplo: Depois de ganhar seu terceiro título de campeã olímpica, decidiu tornar-se profissional. Deu um «show» no Madison Square Garden, de Nova York, e a Paramount decidiu testar suas possibilidades na tela. Mas nessa época a Paramount andava em maré de grandes economias, e uma providência adotada pelo estúdio para economizar, foi cancelar o prometido teste de Sonja, quando ela já se encontrava em Hollywood. Disseram-lhe que não acreditavam que uma patinadora se transformasse em uma boa atriz. Esse contratempo não perturbou Sonja: tratou de alugar o Palácio Polar, de Hollywood, e ali reuniu um pequeno grupo de patinadores, contando o seu próprio «show». Fêz as coisas de tal jeito que as maiores personalidades locais ali compareceram. Um dos grandes nomes da época, Darryl Zanuck, no dia imediato ao da estréia, fechava com ela um contrato de cinco anos.

Esse pequeno «show» foi o começo da famosa revista no gelo que agora nos visitou, envolvendo mais de duzentas pessoas. Já percorreu quase toda a Europa.

É ela mesma quem faz a montagem do espetáculo, quem faz a supervisão, quem desenha os figurinos e escolhe as músicas. Para produzir uma revista desse tipo, gastam-se milhares de dólares em guarda-roupa e nos detalhes técnicos. A adaptação da música é também um fabuloso trabalho.

No seu tempo disponível, ainda se preocupa com as campanhas de publicidade, movimento da caixa, etc. A bem dizer, Sonja é quem dirige e administra todas as suas excursões.

Desde a primeira infância, sua vida tem sido uma sucessão de atividades variáveis. Aos seis anos, venceu uma competição juvenil, do clube de patinação de Oslo, e no ano seguinte repetiu a vitória. Aos 11 anos conquistava o campeonato nacional da Noruega. Seu pai, Wilhelm Henie, havia sido campeão de bicicleta e resolveu amparar a carreira

Sonja tem uma luxuosa residência em Beverly Hills, perto da casa que pertenceu a Carmem Miranda, de quem foi amiga. Uma dependência é destinada aos troféus conquistados nos seus dez campeonatos mundiais.

Além de patinar

atletica da fil
precisava cui
cem anos, o
desde cedo. M
panheirismo
ocorreu em
meio filme.

Certa vez,

— Vencerei

Mas essa p
to brincaram
a patinação
natos mundia

Tendo de v
tores, que a
escola, em u
ção porque
anos, estudo
interferência
do gelo. Hoje

Depois da
mesma. Assu
lia. Antes d



A

HALF

lâmina
verda-
dade de
or pati-
nha um

alidade
bilidade
seus in-
uita ca-
os num
e «bu-
beleza.
e Holly-
Espetá-
público
mes por
adas de
ão bem
a ação
e luz —
mesmo,
ar boas

m exem-
decidiu
orden, de
na tela.
onomias,
cancelar
Hollywood.
nformas-
tratou de
no grupo
as de tal
Um dos
a estréia,

gelo que
percorreu

z a super-
a produzir
arda-roupa
m fabulo-

banhas de
nem dirige

o de ativi-
juvenil, do
ia. Aos 11
ni, Wilhelm
a carreira

a casa que
endência é
mundiais.



Além de patinar, Sonja Henie pratica a dança clássica, e, mesmo agora, em excursão, destina obrigatoriamente duas horas por dia para seus treinos. Graças a esse constante exercício é que ela se conserva em plena forma, embora já quarentona.

atlética da filha. Ele a dirigiu nos treinos e na disciplina. Mas a família precisava cuidar do estabelecimento de peles em que se ocupava desde cem anos, o que fez com que Sonja tivesse de agir por conta própria desde cedo. Depois o velho Henie conseguiu passar a loja e seu companheirismo com a filha foi muito proveitoso. Durou até sua morte, que ocorreu em Hollywood, pouco depois de ter Sonja realizado seu primeiro filme.

Certa vez, ela disse aos pais, decidida e franca:

— Vencerei dez campeonatos mundiais e três campeonatos olímpicos...

Mas essa pretensão provocou uma série de pilhérias em família. Tanto brincaram com a pequena, que ela tomou-se de brios e, ao abraçar a patinação profissional tinha a seu crédito três olímpicos e dez campeonatos mundiais, justamente o que havia prometido fazer.

Tendo de viajar constantemente, Sonja recebeu instrução de vários tutores, que a seguiam pela volta ao mundo. Não podia frequentar uma escola, em um determinado lugar, sob pena de prejudicar a carreira, razão porque pagava os professores e os levava consigo. Aos quatorze anos, estudou «ballet» com Madame Karsevina, em Londres, e foi essa interferência na dança clássica que a levou a pensar no seu «ballet» do gelo. Hoje, outras revistas de patinação no gelo imitam o seu processo.

Depois da morte de seu pai, Sonja ficou dependendo inteiramente dela mesma. Assumiu a gerência dos negócios próprios e dos bens de família. Antes da guerra de 39, voltou aos EE.UU., na última viagem do

«Normandie», deixando seu irmão Leif, em Oslo, incumbido do estabelecimento de peles. Com o desfecho da guerra, telefonou dos EE.UU. para a Noruega e ordenou que o irmão vendesse o negócio e saísse de sua pátria. Telegrafou também ao zelador da sua casa em Oslo, pedindo que despachasse seus objetos de arte e os seus troféus, que ocupavam um quarto inteiro. O navio em que o irmão e a bagagem embarcaram, zarpou de Oslo a 1º de abril e nove dias mais tarde, as forças de ocupação alemãs ocupavam o país... Isso quer dizer que Sonja Henie é previdente, tem olho de lince e... muita sorte.

Recentemente, Sonja deu uma série de apresentações atrás da cortina de ferro e o sucesso foi absoluto em Helsinki, Finlândia. Foi quando recebeu convite para visitar a Rússia, pelo Ministro de Educação, e ali ficou hospedada uma semana, como convidada do governo, ela e seu sócio, Morris Chalfen, presidente do Holiday Ice Shows Inc. Discutiram-se então os planos para uma temporada em Moscou. A última palavra ainda não foi dada, mas tudo faz crer que as lâminas brilhantes da «troupe» de Sonja Henie venham a ser usadas como instrumento diplomático, da mesma forma que o tem sido para entretenimento. De volta da Rússia, houve uma série de espetáculos no Teatro Roxy, da Broadway, e daí foi iniciada a excursão à América do Sul.

Mas o elenco de Sonja Henie é desdobrado em vários grupos que, simultaneamente, excursionam pelas cidades norte-americanas. A que veio ao Brasil, pode denominar-se a matriz.



POR OCASIÃO da Páscoa, alguns dos maiores edifícios de Nova York apresentavam esse aspecto maravilhoso, com apartamentos iluminados, formando grandes cruzes. Os promotores da iniciativa foram, respectivamente, os Bombeiros e o Sindicato Bancário.

POR ESSE MUNDO DE DEUS

É DE PEQUENINO que se aprende, e por isso Rickey Hicks, de apenas três anos, resolveu ir aprendendo o manejo de navalhas e de tesouras na cabeça do irmãozinho. Bem, parece que o barbeiro-mirim ainda é bisonho. Daí as falhas na cabeleira do irmão.



O EX-CAMPEÃO mundial de todos os pesos Georges Charpentier, hoje com 62 anos, acaba de se casar com uma jovem igualmente francesa, de 29 anos. Será que ele agüenta o «round»?



UMA DAS ÚLTIMAS fotos do grande pintor italiano Filippo de Pisis, recentemente falecido em Milão. De Pisis tinha 60 anos, e viveu longo tempo de sua existência na capital francesa.



ANITA EKBERG — ex-Iceberg — acaba de casar-se com o ator inglês Anthony Steel. É a primeira vez que a bela sueca se casa; já o artista britânico tenta a experiência pela segunda.



A RAINHA ELIZABETH DA INGLATERRA inspeciona, pela última vez o Corpo de Granadeiros de que era coronel. Esse disciplinado corpo foi logo depois dissolvido. Era essa unidade a favorita do rei Jorge VI.



GINA LOLLOBRIGIDA protestou contra a foto da direita, tirada por ocasião das filmagens de «Trapézio», e retocada pela censura puritana. À esquerda a menina aparece tal como Deus a fêz, e nós confirmamos...



OS TRENS que circulavam entre Hollywood Boulevard e outros lugares da capital do cinema, deixaram de circular: ei-los no cemitério de bondes.



BOB HOPE acaba de voltar da Inglaterra. Como vêem, muito britânico, talvez mesmo em demasia, camuflado de Sherlock Holmes, e com capacete de polícia... No Aeroporto o esperavam a esposa, e os filhos do casal.



UM SOLDADO ALEMÃO consome por semana o que se vê sobre essa farta mesa: 600 gramas de carne, seis ovos, doze pães, quinhentas gramas de manteiga, quatro quilos de batatas e o diabo a quatro...

O HOMEM SÓ

Fernando LÔBO

♦ Faz frio lá fora. O homem caminha. É novo em terras cariocas e leva dois olhos curiosos. Sabe de coisas através a imprensa. Das belezas das moças, dos sorrisos bonitos, de seus corpos perfeitos, suas promessas de carinhos enormes, em cada um dos olhos. E o frio lá fora e lá fora o homem caminhando. Pega um táxi, procura saber do chofer onde é a melhor «boite», das moças mais belas, dos «shows» mais bonitos e mais bem vestidos. O chofer pouco sabe dessas coisas, pois está mais habituado a levar marinheiros de outras terras para quem o «Metro» é um bom lugar. Fica sem saber e dentro da noite, ninguém sabe o caminho que o homem quer seguir. Está na cidade, mas de onde está nada vê. O chofer acaba dizendo que no «Brasil» ou no «Avenida» tem moças bonitas que sabem dançar. Ali éle desce. O frio é maior. Depois é que vê que está dentro de um «dancing», as chamadas «escolas» que picotam, picotam a noite inteira sem parar. E moças bonitas? E os «shows»? Que esperança! O garçon explica que o «show» ali começa quando éle chega. E o homem fica sem entender. Vai sair. Vai pagar. Picotou? Não picotou! Pagar o que, seu pão duro! É voltar, é começar tudo de novo. A noite está fria mas de um frio gostoso, frio prá gato à procura de calor num braseiro qualquer. E aqueles braseiros que os moços dos jornais e revistas nos mostram? Afinal, afinal, éle é em sua terra um homem de posição, até com certo cartaz de bonitão e — éle pensa — tem até escondido algumas conquistas. Quem sabe, moço se aquele claro ali não é a tal «boite» das moças bonitas? Não, não senhor! Aquilo é a «City». Então a noite levou o moço pro bar, aquele bar pequenino, que Copacabana tem tantos! Ali sentou. Pensou primeiro que cego estivesse. Horizonte pertinho com fumaça e tudo. Depois melhorou. Bebeu, bebeu, depois esqueceu as moças promessas, resolveu catucar o colega do lado com quem conversou coisas de esporte, literatura, Grace Kelly. E se deram muito bem. Foi já no fim da conversa quando a noite esquentou dentro dêle que resolveu indagar, intrigado que estava — das moças que tanto ouvira falar. Iaras, Sereias, Sacis ou Mães D'Água? Bem podiam ser. O do lado explicou que a noite já se tinha ido e as moças também foram descansar. Talvez, mas por sorte, no «Sacha's» ainda, um resto de moça estivesse a provar um pouco de bife, lavado com uísque e o «Sacha's» era de «seven-to-seven». Havia tempo. Vamos lá? Na porta um homem, parecia um soldado, de boné, de dragonas, de continência também. E lá dentro a orquestra tocava uma música triste, tristonha mesmo. E num canto um punhado de homens, comandados por um homem gordo, escutavam histórias de Iaras, de Sereias, Rainha do Mar. Mulher que era bom, isso não havia não!

Como sobre um estranho em terras estranhas, levado por força de tantas informações!

ROTEIRINHO

Silveira já longe de São Paulo com planos cariocas inteiramente novos — Silvio Caldas, voz da noite para ser ouvida no «Beguin» — Bola Sete voltará para a Europa — Angela Maria e Elisete Cardoso recusam qualquer proposta de «boites» — O «Ma Griffé» pretende reformar toda a sua decoração. Dentro daquelas noites está Malena — Bacará, sempre um bom lugar.



ANILZA LEONI, apertando cada vez mais o cinto

♦ FRANK, UM LOUCO?

Um cronista já havia assinalado a presença daquele homem dentro das noites. No balcão do «Ma Griffé» éle nos chegou a falar e tudo que nos disse parecia ser certo e firme. As noites nos autorizam a não acreditar em conversas, pois elas somadinhas com o álcool de má qualidade que anda por aí resultam em coisas grandes, em cifras enormes, em mentiras sem bases. A história de Mr. Frank é sempre a mesma. Éle, que fôra dono do «Five O'Clock» pretende abrir outra «boite» e dessa vez de alto luxo. Mas, repetiu o que anteriormente havíamos publicado, que vários amigos seus, como Nat Cole, Sinatra e principalmente Lena Horne aqui estariam no dia da abertura do tal «night-club». E ainda: «se os outros não vierem, ela vem, por que ela foi minha primeira esposa». Ela quem? — Lena Horne!

UMA FRASE

Publicou o jornal «Última Hora»: «A Broadway Exige a Presença de Leny Everson».



CARMEM VERÔNICA, coisa toda linda das noites do Rio.

♦ CARMEM VERÔNICA

O nome já é bonito demais. A dona dêle é essa que ilustra a nossa página. Mui jovem ainda, ela que pode estar na lista das dez mais lindas de dentro da noite, nos dias atuais é uma das nossas mais bonitas vedetes. É que Carmem Verônica tem um jeito seu de representar, uma maneira toda sua de cantar e dançar e mais ainda uns olhos que são dela e que não existem aí na praça. Uma moça das bonitas que enfeitam essas pobres e feias noites do Rio. Sem ela ainda seria pior.

♦ BOLA NA TERRA

Bola Sete deu uma saída rápida pela direita e foi embora com seu violão debaixo do braço. Fêz seu conjunto, afinou sua gente e foi para a Itália e Espanha. E lá naquelas bandas ficou um ano e meio sem que a gente sentisse que o tempo passava tão depressa. Voltou de olho mais vivo, deixou praça, trouxe um troco de 400 mil cruzeiros e quando fôr agora é direto a Paris.



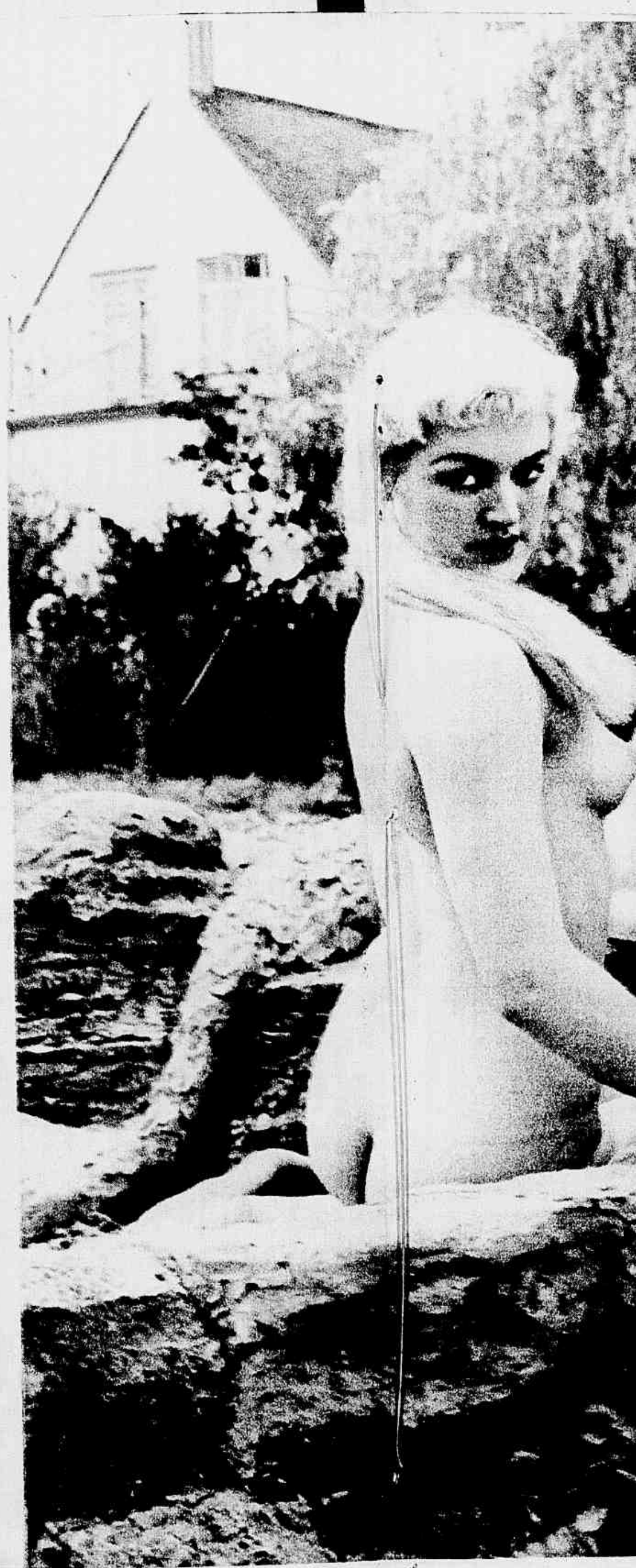
LORD CHEVALIER, seus passos e seu pandeiro fora da fronteira



QUATRO sereias de Mister Jepson, um inglês de muita imaginação que conseguiu «driblar» a solidão. A da esquerda é de carne e osso, sim senhores.

NO CANTO DAS SEREIAS QUEM NÃO VAI? ▶

SE ALGUM DIA O LEITOR FÔR À INGLATERRA, E SE ALI, PASSANDO POR WEYBRIDGE, ATRAVÉS DO TÂMISA, DEPARAR COM UM GRUPO DE SEREIAS SÔBRE UM ROCHEDO, NÃO MORRA, POR FAVOR, DE EMOÇÃO: TRATA-SE DAS MENINAS DE PEDRA DE MISTER JEPSON, UM BRITÂNICO QUE RESOLVEU AREJAR A VIUVEZ



COM ESTA sereia, não há nenhuma foto, que se mostre ao mar se acham (diz o texto) que não se acham de encontro ao rochedo.

EIS O ESCULTOR em plena tarefa de terminar uma de suas sereias. Observe-se como Adams, artista de variedades e sereia em disponibilidade.



marinho e rio, que
a (dita Costa Alves)
encontra no rio.

na tarde de terminar
o livro de Adam.
in em disponibilidade.

ERA uma vez um inglês cheio de imaginação, chamado Jepson. Mister B. Jepson. Vivia às margens do Tâmesa, na pequenina vila de Weybridge — local poético e agradável. Porém, não se sentia feliz. Porque, a despeito de sua dúzia e meia de cachimbos, das garrafas de uísque adormecidas na velha adega e das várias espécies de flores cultivadas em seu jardim, roia-o a mais completa solidão, desde que Mrs. Jepson, há mais de quinze anos, havia morrido. Pelas manhãs tratava dos canteiros, e à noite, diante da lareira, sorvia lentamente seu copo de uísque. Porém as tardes, passava mergulhado em funda melancolia, contemplando as águas levemente agitadas do velho rio inglês. Talvez tenha sido o marulhar monótono do Tâmesa o inspirador da idéia, acordando velhos ecos infantis, de lendas e de fábulas, na alma de nosso já cinquentão Mr. Jepson. O certo é que, um dia, o canteiro ameneceu sem ser regado, o cachimbo ficou apagado a um canto da biblioteca, e o uísque dormiu com mais calma no fundo das garrafas.

♦ E' que Jepson resolvera povoar seus domínios com seres que de uma vez por tôdas destruísse a sua solidão. E escolheu personagens mitológicas. Sereias. Aquelas mesmas que já haviam tentado, sem proveito, Ulisses e seus companheiros. Escusado é dizer que o velhote também sabia manejar pincéis e modelar em barro. Ora, pincéis tinha ele meia dúzia em casa, e barro era o que não faltava pelas encostas do Tâmesa. Barro bom, próprio para o que desejava. Metendo mãos à obra, em pouco tempo ficava pronta a primeira sereia. Mr. Jepson a esculpira sôbre um pedregal que penetrava pelo rio a dentro, de modo que de muito longe, quem a visse, seria capaz de jurar tratar-se de uma sereia em carne e osso. Mas ainda era pouco. E surgiu outra sereia. E mais outra. E mais outra. O jardim da casa tosca de Mr. Jepson transformava-se, aos poucos, em um jardim de lenda, povoado de seres fabulosos, que atraíam a atenção dos que, passando pelo rio, cruzavam pela casa do imaginoso viúvo.



O QUE ESTARÃO conversando essas 3 meninas entre si? Coisa boa, certamente, não há de ser. Pessoalmente, preferimos a do meio. Vocês também?

Sereias



◆ Entre tantas sereias de barro pintado, apareceu, porém, certo dia, uma legítima, loira, de olhos azuis, esbelta e graciosa. E', na vida real, a senhorita Ilona Adams, que trabalha no Teatro Prince of Wales, em Londres, e que utiliza a propriedade de Mister Jepson para seus banhos de sol, impossíveis em Londres. O povo daquelas bandas caiu de queixo no chão, quando certa manhã, olhando para os lados da casa do solitário escultor, depararam com uma sereia que se mexia, que ria e cantava, satisfeita da vida, vestida com trajes que meteriam inveja à própria Eva... A notícia correu célere pelas adjacências, e uma hora depois havia uma pequenina multidão admirando as formas realmente belas da jovem estrelinha. Binóculos saíram das gavetas, lentes de aumento foram improvisadas. A polícia não se manifestou. Afinal de contas, beleza não é crime. As sereias de Mister Jepson ganharam uma publicidade formidável. Mas dizem que o fantasma de Mrs. Jepson está muito aborrecido... (Fotos Keystone).

EPA! O EQUIVOCO É PATENTE! Mister Jepson, de cachimbo na boca e tudo, está pintando o dorso da linda garôta loira, pensando tratar-se de uma escultura de sua lavra. Ou será esperteza do artista inglês?...

Comemorando

SPECTATOR

● A TV é realmente um invento maravilhoso! Um veículo de distração que proporciona ao público, numa só apresentação, tão grande soma de emoções, como aconteceu durante as festividades comemorativas do "Dia das Mães", só pode ser qualificado de maravilhoso.

Os momentos de encantamento sucederam-se, começando pela manhã, quando a TV-Tupi através do seu "Clube do Guri" tornou públicas as homenagens dos seus pequenos artistas às suas mães e às de todo o Brasil. O programa foi realizado com todo o carinho e cuidado e foi dos mais interessantes já apresentados. Anunciado para a tarde, ainda no Canal 6, um grande programa comemorativo à data, puderam os espectadores durante quase três horas consecutivas apreciar um espetáculo de beleza e encantamento.

Heloisa Helena e Alberto Perez, iniciaram a seqüência de emoções que se seguiram, pondo na interpretação de um conto de Júlia Lopes de Almeida, todo o seu talento dramático. Com que interesse e mesmo lágrimas nos olhos o público acompanhou todo o sofrimento da mãe caolha, desprezada por seu filho pela sua feiúra até que, não se contendo, narrou-lhe que foi ele mesmo o causador daquele defeito que tanto a tornava repugnante. Heloisa e Perez alcançaram o máximo de beleza na cena final, quando o filho se atirou aos braços da mãe, contando-lhe do seu arrependimento.

Sucederam-se entrevistas com as diversas "mães do ano", escolhidas nos mais variados setores de atividades femininas e, foram apresentadas ante às câmaras a "mãe de maior prole", a "mãe funcionária", a "mãe mais jovem" e assim por diante, culminando com as homenagens prestadas a Iara Sales e Lídia Matos, escolhidas como representantes no setor de rádio e teatro.

Nada poderia ser mais emocionante do que ver reunidas, ao fim do programa, todas as mães, na mais perfeita cordialidade, desde a "mãe funcionária" até à sra. Negrão de Lima, que a todos cativou pela sua extrema simplicidade. As homenagens não esqueceram as crianças que não têm pais e que, portanto, não passam pelas alegrias de um dia de emoções e beleza como aquele e, presenteando a uma pequena órfã, demonstraram toda a sua ternura e amor para com essas crianças menos felizes do Brasil e do mundo inteiro.

Estão de parabéns Guilherme de Figueiredo, o autor do belíssimo "script" que foi lido durante todo o programa; o excelente coro da Sociedade Evangélica, que de maneira extraordinária abrilhantou todas as comemorações, bem como os locutores, cinegrafistas, técnicos, enfim, toda a equipe da TV-Tupi que se encarregou da elaboração e apresentação desse maravilhoso programa que, por muito tempo será lembrado com emoção pelos telespectadores.

Vamos melhorar?

Paulo Maurício é um dos bons elementos com que conta o elenco teatral da TV-Tupi. Exibe-se com freqüência vivendo os mais variados papéis em novelas e, por muito tempo, juntamente com Aidée Miranda apareceu em «Alô, doçura». Apesar de apresentar boas qualidades como ator, Paulo Maurício tem a prejudicá-lo uma completa falta de naturalidade, o que faz com que as suas representações não tenham o sucesso que poderiam alcançar junto ao público.

Que tal um pouco mais de simplicidade?

A TV-Tupi recentemente lançou um novo programa feminino, patrocinado por uma das mais destacadas lojas de modas do Rio, tendo por fim informar as elegantes da cidade sobre as constantes novidades da moda. O programa, além dos comentários sobre figurinos desenhados no momento, apresenta um desfile de modas. Como se vê, a idéia é das mais interessantes e completamente original, uma vez que as exhibições desenrolam-se como se estivessem sendo televisionadas do interior da loja comercial.

No entanto, ainda não houve a necessária organização na apresentação do programa; tudo parece ser feito de improviso e, na noite de estreia, um número de «ballet» exibido entre o desfile de um modelo e outro, foi bastante sem graça e originalidade.

Vamos melhorar?

«Adivinhe o que ele faz», programa comandado por Heloisa Helena, tem os seus espectadores assíduos às terças-feiras, uma vez que se trata de uma atração movimentada e bastante divertida.

Nada mais interessante para o público do que acompanhar os apuros da comissão encarregada de descobrir a profissão dos candidatos que comparecem ao programa. No entanto, o futebol parece ser o assunto preferido dos membros da comissão e, antes de iniciar-se o programa ou a qualquer pretexto que surja, perdem longos minutos tecendo conside-

VALORES NOVOS



◆ Entre os novos valores da TV-Record de S. Paulo, vem se destacando ultimamente, e com grande sucesso, Perilo Magalhães, encarnando com real comichidade os mais variados tipos de sua exclusiva imaginação. Está de parabéns a direção da «maior» pela brilhante conquista, que veio enriquecer ainda mais o «cast milionário».

E' que... Perilo promete muito. Tem a bossa!

Grau Dez:

Para Jackson do Pandeiro e Almira, que continuam divertindo o público, dançando e cantando músicas sertanejas. Já houve mesmo quem indagasse se não seria possível ao Canal 6 apresentar esses artistas mais de uma vez por semana.

A sugestão está lançada...

◆ Para Fatá Lemos, que em um dos últimos programas «Noites do Rio», de Paulo Soledade, exibiu-se com grande agrado, não só pelas suas perfeitas execuções ao violino como pela maneira desembaraçada e bem humorada como ele mesmo anunciava seus números. E, vocês sabiam que este extraordinário violinista é também um bom cantor?

◆ Para Aloísio Chaves que, em «Você conhece?» realiza interessantes entrevistas, sempre com sobriedade e distinção que o caracterizam.

rações sobre esse ou aquele clube. Como em TV tempo é ouro, os minutos passam e, vez por outra o quarto candidato deixa de apresentar-se, sendo prejudicado, pois poderia ganhar o prêmio se a sua profissão não fôsse descoberta. Ficam também logrados os telespectadores que esperam apreciar o «Adivinhe o que ele faz» e não a uma resenha dos principais acontecimentos futebolísticos do momento.



Cena de «um jogador», de Dostoiwsky, com Paulo Serrado, Glauce Rocha e Jason César, levado pelo «Teatro do Rio».



Visão dos bem aparelhados vestiários de que é dotado o grande Parque Auditório.

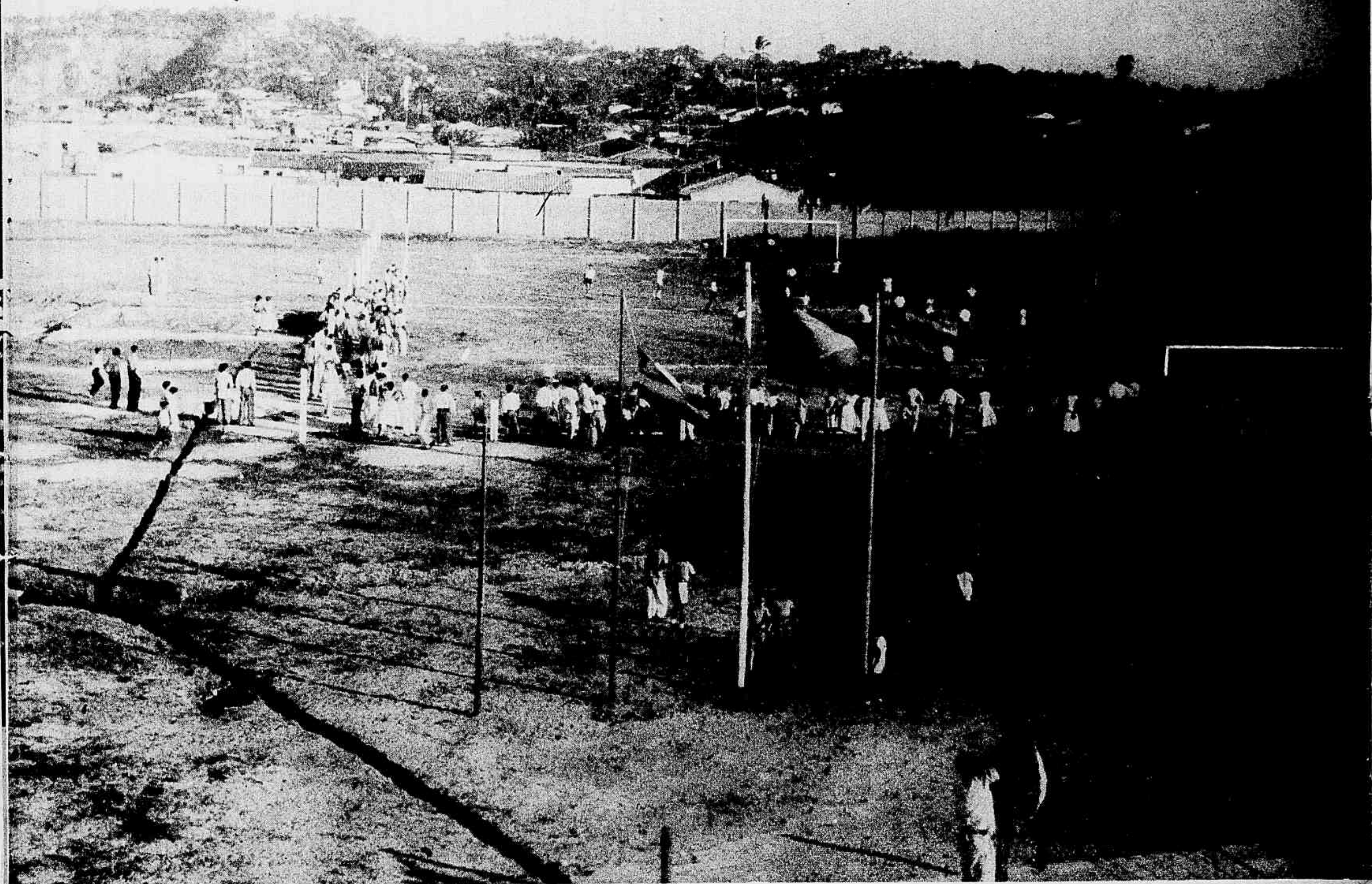
A RÁDIO EXCELSIOR DA BAHIA

◆ O mundo radiolônico da Bahia, no dia 25 de dezembro de 1955, rejubilou-se, efusivamente, com a inauguração do colossal Parque Auditório da Rádio Excelsior da Bahia, localizado no Largo do Papagaio, em Itapagipe num esforço titânico de seu diretor, o incansável jornalista Cleto Araponga, que não mediu sacrifícios para a concretização do seu programa de trabalho em prol do engrandecimento da radiofonia baiana. Esse magnífico Parque Auditório abrange uma área total de 26.000 m², contendo no seu interior, além do auditório, piscina, campo de futebol, quadras de basquetebol e vólibol, vestiários, um parque miniatura de diversões para crianças, cinema educativo, etc. Com mais essa realização de seu dinâmico diretor, a Rádio Excelsior da Bahia tornou-se possuidora de um dos maiores auditórios do norte do Brasil, podendo, com justa razão, orgulhar-se desse patrimônio. As fotos que ilustram estas páginas dão aos leitores uma idéia aproximada da grandiosidade e da excelência do aparelhamento do moderno Parque Auditório da Rádio Excelsior da Bahia. Parabéns, pois, à Rádio Excelsior e ao jornalista Cleto Araponga, por essa extraordinária iniciativa em benefício da radiofonia baiana.



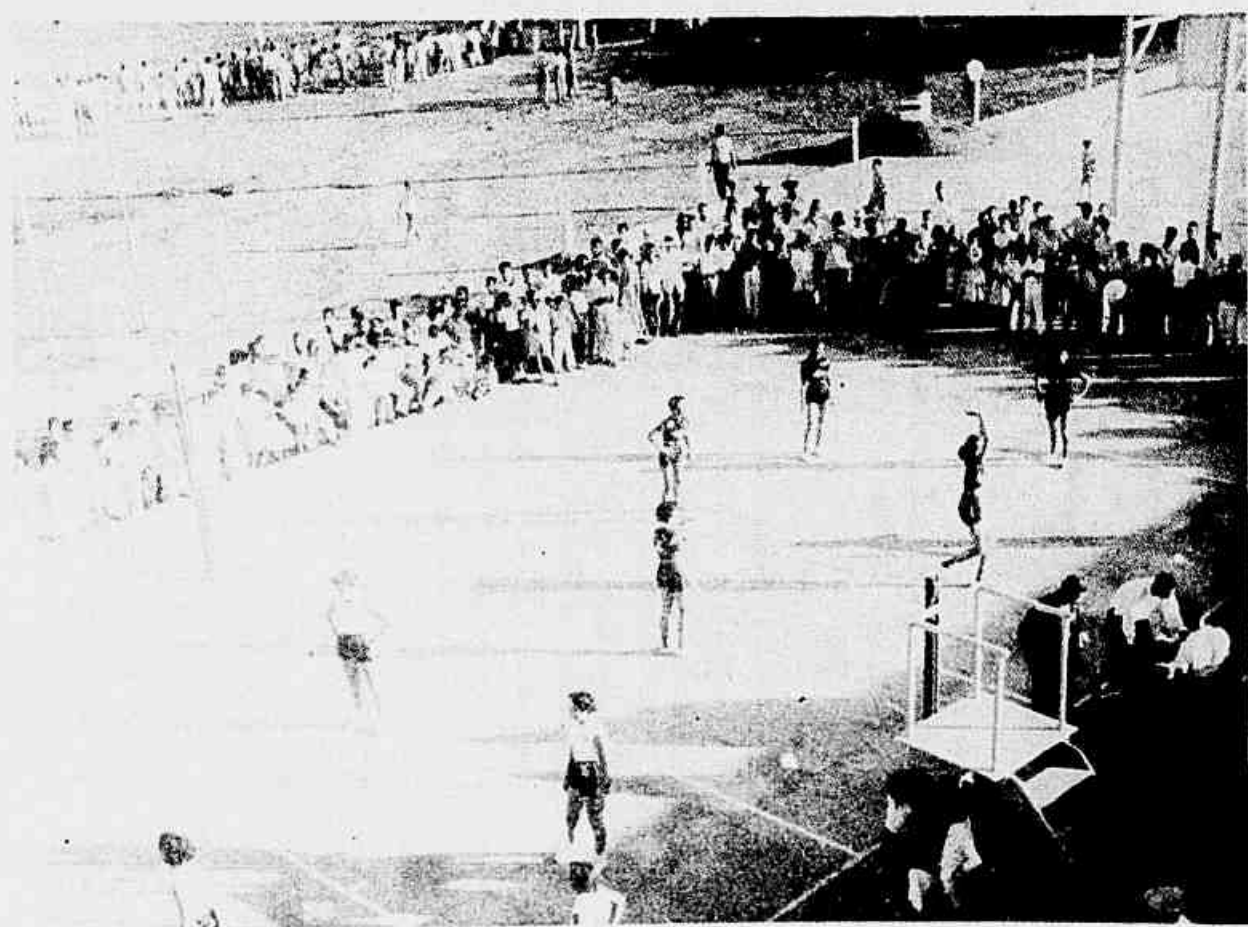
Vista parcial das quadras de basquetebol e vólibol.

Reportagem de JOSÉ RIBEIRO SOBRINHO

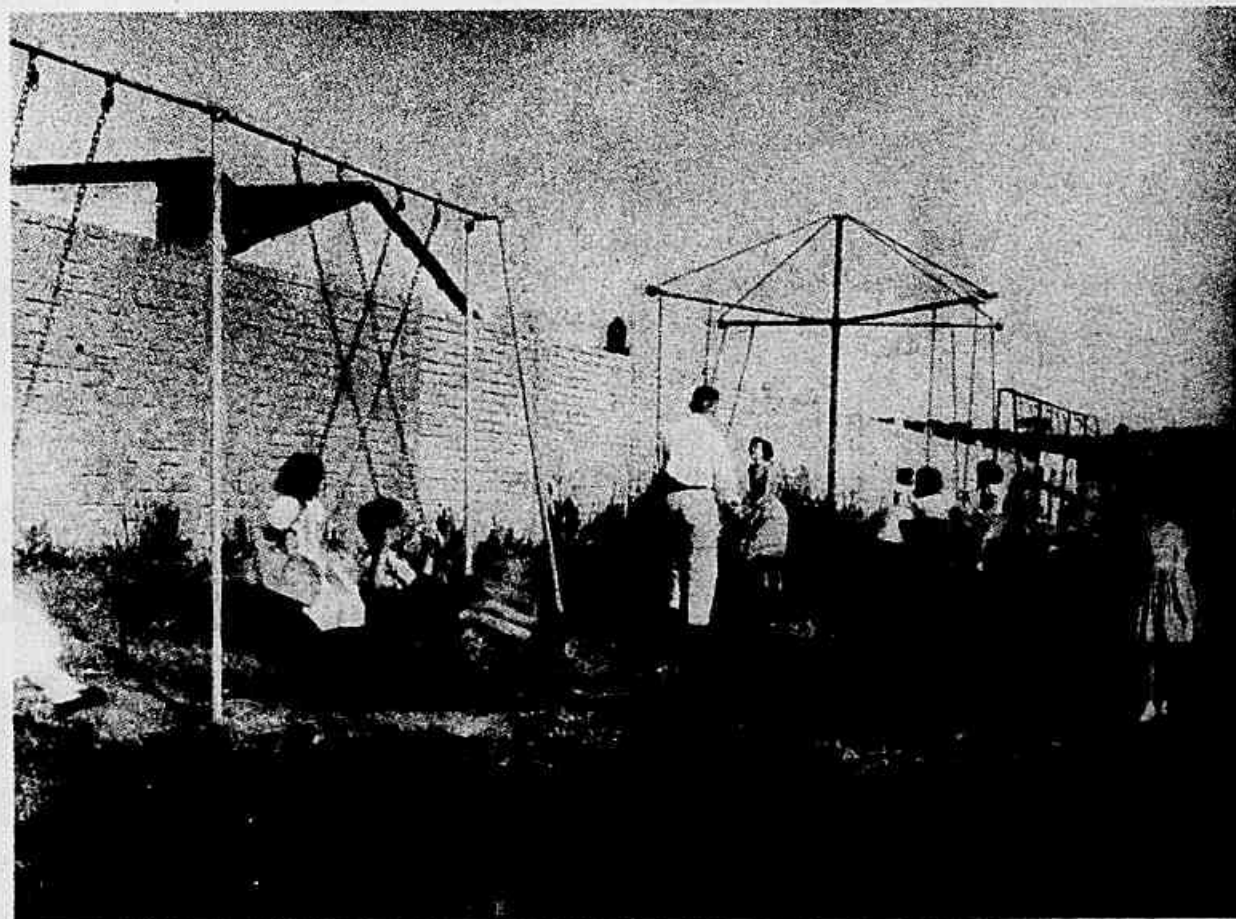


Magnífico panorama do campo de futebol.

INAUGURA O SEU PARQUE AUDITÓRIO



Vista parcial das quadras de basquetebol e vólibol.



Aspecto tomado do parque miniatura de diversões.

QUINTIN DURWARD

Capítulo I

Quintin Durward.....ROBERT TAYLOR
 Isabel, Condessa de Marcroy.....
KAY RENDALL
 Rei Luís XI.....ROBERT MORLEY
 Hayraddin.....GEORGE COLE
 Carlos, Duque de Burgundy.....
ALEC CLUNES
 Conde Guilherme de La Marck.....
DUNCAN LAMONT
 Bailarina Cigana.....LAYA RAKI
 Conde Felipe de Creville.....
MARIUS GORING

«Screenplay» por ROBERT ARDREY —
 Novelização por GEORGE FROESCHEL
 — Direção de RICHARD THORPE — Pro-
 dução da Metro Goldwyn Mayer.

Quintin Durward e Isabel, que
 longe estavam de se conhecer e ja-
 mais haviam sonhado em se amar...

A COROA E A ESPADA

◆ Escócia... ano de 1465.

EM um dos vastos salões do castelo de Edimburgo, Lord Crawford, um pequeno e enrugado indivíduo de olhos vivos e gestos afetados, recebeu a visita de seu sobrinho Quintin Durward, com genuína afabilidade. — Esplêndido! — exclamou Lord Crawford, admirando o traje de seda luxuoso que luzia em Quintin.

— Voltei a incorrer em uma falta consigo, tio, disse Quintin em tom de voz que contrastava pelo seu ar lúgubre com a elegância de sua pessoa física.

— Quase estavas reduzido a farrapos, meu sobrinho, e acreditas que eu pudesse ficar indiferente ao ver um membro de minha família, em cujas veias corre sangue nobre igual ao meu, caminhando pelos campos da Escócia e dando uma péssima exibição de pobreza orgulhosa?

— Sim, respondeu Quintin, tem sido isso justamente o que venho fazendo desde muitos anos...

— Bem, pois é preciso que o deixes de fazer. Principalmente se és o portador da minha efígie na mais brilhante corte da Europa.

Quintin olhou o tio surpreendido e Crawford explicou.

Seu sobrinho teria a incumbência de levar à corte de Carlos, duque de Borgonha, seu retrato recentemente concluído, entregando-o ao embaixador da Escócia. A este caberia pôr o retrato nas mãos de uma certa dama.

— Precisas saber que estou pensando em casar, disse Lord Crawford com certo orgulho.

— Casar-se? exclamou Quintin scandalizado. Na sua idade?

— Vamos, vamos, Quintin... Bem sabes que nós, escoceses, vivemos por muitos anos...

— E quem é a dama fortunada?

— Isabel, condessa de Marcroy, respondeu Lord Crawford, indicando um grande quadro pendurado na parede.

A mulher que aparecia nesse quadro era bonita, jovem e elegante. Quintin mostrou-se muito impressionado.

— Agora compreendo por que quer casar-se, tio...

Lord Crawford deu algumas voltas pelo aposento em atitude meditativa. — Uma vez que tenhas entregue meu retrato ao embaixador, te incumbirás de averiguar com cuidado o seguinte: será essa dama uma boa esposa para mim? E' ela humilde, modesta e recatada? E' de natureza doce, afável e de temperamento moderado? E' respeitosa, tímida e graciosa? Em uma palavra: é... econômica?

— Essa é uma pergunta muito franca, observou Quintin. Depois de tudo... o que a leva a casar-se consigo?

— Bem... isso é assunto de política... simplesmente de política!

Quintin olhou o tio com respeito.

— Muito bem, meu tio. Julgo oportuno dizer-lhe que me sinto altamente honrado com essa missão.

— Já não és uma criança, Quintin. Lamento muito que sejas ainda tão pobre — e examinando o jovem de alto a baixo: Claro que me custa muito dinheiro vestir-te assim... mas, ao cabo, penso que és um verdadeiro adorno para a família.

— Eu nada seria se não fôsse o senhor, tio.

— Bem, então agora tens uma oportunidade de me retribuir tudo isso, disse Crawford com um sorriso benevolente. Confio em ti, Quintin.

Muito comovido ante a atitude de seu parente, Quintin tirou a espada do cinto e disse com solenidade:

— Prometo, senhor meu tio, que sustentarei a honra do seu nome e cumprirei minha missão ainda que ao custo da própria vida. Saberei julgar o caráter dessa dama e se a considerar digna do senhor, prosseguirei adiante até lograr uma feliz união entre o senhor e ela!

Crawford riu de boa vontade.

— Não levemos as coisas tão solenemente, Quintin. O mais importante é: tem ela... alguns centimos? Hein?

Quintin sorriu por sua vez. Era muito raro sorrir. Só seu tio seria capaz de arrancar de vez em quando um sorriso de seus lábios. O jovem voltou a embainhar a espada e, abraçando o velho, dele se despediu com aleto.

Isabel, condessa de Marcroy, era muito mais bela quando se indignava e uma profunda indignação a dominou quando se apresentou ante ela o arrogante Carlos, duque de Borgonha. Ambos se encontravam em seu apartamento particular do castelo e ela exclamou:

— Recuso-me a ser vendida como uma simples vaca de curral, ao primeiro ofertante...

— Basta de insolência, disse Carlos severamente. Minha aliança com os escoceses depende deste matrimônio.

— Preferia que vos aliásseis com a lua e me vendesses às estrelas. Oh, meus Deus! Algum velho e antiquado lord da Escócia...

— Seu braço direito descansa no trono da Escócia!

— E o esquerdo, à beira da sepultura. Sinto muito, mas não me encontro em estado de espírito para falar de matrimônios.

— És minha pupila, Isabel, e tens que fazer o que te ordeno, asseverou êle com firmeza.

— Eu não sou mercadoria para vender! gemeu ela. Tenho meu castelo, meus terrenos e meus fiéis súditos! Não sou nem uma órfã nem uma estúpida e vos desafio a que forceis a êsse casamento...

— Ah, é assim? Um desafio? sorriu o outro com malícia. Olha: Esta noite vai celebrar-se um banquete em honra a Lord Malcolm, embaixador da Escócia. Assistirás a êsse banquete e teu casamento será então anunciado!

Isabel, entretanto, não apareceu no banquete celebrado em honra de Lord Malcolm. Enquanto Carlos se revoltava sem compreender como poderia ter a moça desaparecido do castelo, Isabel acomodava-se em uma carruagem, com uma valise e um cofre cheio de jóias. Quintin Durward, que fôra levado ao banquete por Lord Malcolm, rapidamente deu conta do rumo que as coisas iam tomando e, nada idiota, arranhou tudo de modo a seguir a rebelde Isabel.

O conde Guilherme de La Marck, um renegado conhecido pelo apelido de «A Bêsta de Ardenes», estava sumamente atarefado tratando de reunir em torno à sua pessoa, os foragidos que compunham seu grupo, em um dos mais espessos lugares do bosque de mesmo nome. Os olhos do cabecilha brilhavam com extraordinária cobiça ao inteirar-se mediante os informes que lhe proporcionou um moço de estábulo, que Isabel havia passado por ali em uma carruagem, levando consigo um estojo pitoresco de ricas jóias.

De La Marck deu ordens para que seus subalternos montassem a cavalo e em menos de dez minutos toda a quadrilha se havia lançado em perseguição do coche em que viajava Isabel. Ao mesmo tempo Quintin, que seguira pacientemente a carruagem, estava a ponto de alcançá-la quando descobriu De La Marck e seus foragidos. Compreendendo o perigo que corria a formosa fugitiva, o moço esporeou a cavalgadura e justamente no momento em que o veículo de Isabel passava debaixo de uma ponte, desmontou sem deter o cavalo, que seguiu adiante, enquanto seu amo se encarapitava sobre a ponte, gritando a plenos pulmões:

— Prendam os bandidos! Prendam os bandidos!

A pequena escolta que galopava atrás do coche de Isabel, que até êsse momento não havia dado conta do perigo, freiou seus cavalos e dando meia volta pôs-se a disparar seus arcabuzes sobre os foragidos, que já estavam tão perto a ponto de alguns deles não conseguirem deter a tempo suas montarias, ultrapassando a linha dos defensores. Entre os últimos estava o chefe, De La Marck, que ao acabar de passar a ponte sentiu um corpo estranho quase em cima dele. Era Quintin, que havia saltado da construção à garupa do animal. A vigorosidade do ataque e a confusão dos homens ao verem-se tão súbitamente atacados com armas de fogo, diminuíram consideravelmente a fúria do cabecilha. Antes de se dar conta do que acabava de suceder, seus homens estavam fugindo à debandada e a forma humana que quase caíra sobre êle, havia desaparecido.

(Cont. na página 58)

Ele estava disposto a salvá-la, ainda que lhe custasse a própria vida!



ORÁCULO DE PIJAMA

A caravana se renova a cada momento, em busca do destino, frente ao «Velho Góes». Lúcido e profético, rege ainda os destinos de muita gente importante. «As águas vão rolar...» — é o seu prognóstico mais sombrio.



ÊLE SABE MAS NÃO QUER DIZER

MUITA GENTE BOA, DA SITUAÇÃO ATUAL, VAL ESCONDIDA, OUVIR O ORÁCULO DE PIJAMA E SUA CASA AINDA É A MECA DOS POLÍTICOS DOMINANTES ★ "NÃO CONCORDO COM MUITAS ATITUDES DE MINHA CLASSE, INCLUSIVE O AGOSTO DE 54" ★ A HISTÓRIA DOS "ENVELOPES FECHADOS", O SUICÍDIO DE VARGAS E A PROFECIA DE LENINE SOBRE A "BOLCHEVIZAÇÃO" DO BRASIL ★ O "11 DE NOVEMBRO NASCEU "AU LANDEMAIN" DO SEPULTAMENTO DE GETÚLIO" ★ ALGUMAS REVELAÇÕES INÉDITAS

Reportagem de W. GUARNIERI

Na «Batalha das Entrevistas» em que se empenha com vigor furioso grande parte da imprensa brasileira nos dias de hoje — uma grande figura permaneceu de fora, justamente aquele que, pela sua própria condição de «shogun indígena» (general-político do Japão feudal), é o Supremo Mestre das Artes Políticas do Brasil — o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro. Embora velho e alquebrado, saúde combatida e coração na mão, a vivacidade de sua fecunda inteligência e o enorme prestígio político de que sempre desfrutou continuam incólumes. As determinantes de muitos dos episódios a que estamos assistindo, são parte das diretrizes políticas desse controvertido personagem do cenário nacional.

Mas, como sempre acontece quando se trata do «velho Góes» — é impossível prever o futuro com segurança, na análise de suas revelações. A nebulosa é uma constante fatídica — ontem, hoje e sempre. Quando, por exemplo, ele nos fala «dêsses dias brumários em que vivemos» não se pode inferir de que uma revolução sangrenta vem por aí. Quando insistimos, aí então sim, ele se torna cristalino:

— «As águas vão rolar...»

Quando recorda as profecias de Lenine, que aponta o Brasil como o próximo país a «bolchevizar-se», lembra uma frase solta e despretenciosa:

— Sempre fui esquerdista...

«Com um pé na sepultura», desiludido dos homens e dos acontecimentos (a primeira e única revolução brasileira foi um fracasso) continua porém o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro a manobrar homens e influenciar consciências neste país sem tutela.

REDONDAMENTE enganados estão os menos avisados que supõem politicamente sepultado o «velho Góes» — pedaço vivo da história política do Brasil.

ORÁCULO DE PIJAMA

Ao «bungalow» nº 60 da rua Adolfo Lutz, no bairro da Gávea, afluem nos agitados dias que correm prestigiosas figuras do cenário político nacional. Não apenas as bruxoelantes estrélas do passado, mas também — e principalmente — as ambiciosas libélulas do presente. A caravana se renova a cada momento, inquieta e esperançosa, em busca do Destino, frente ao ORÁCULO DE PIJAMA — o general Pedro Aurélio de Góes Monteiro.

O QUE O GENERAL SABE, MAS NÃO QUER DIZER...

Estamos frente a frente ao general. Mãos trêmulas, olhar mortuário de desencantado; senta-se na poltrona favorita de seu gabinete de trabalho. Pijama, «robe» e chinelos. O cumprimento é afável. Na ampla sala, sua mesa, dois grupos estofados, uma cadeira de balanço com fundo de palhinha e a um canto pequeno armário envidraçado, em cujas cinco prateleiras se espalham as condecorações do velho soldado. Um grande quadro de Napoleão, e ainda algumas cenas

da vida do grande corso, completam o quadro, adornando as paredes brancas.

Em respeito ao seu estado de saúde, tínhamos como objetivo brevidade na palestra.

Mas, a palidez do semblante do general, mal encobre e disfarça a clareza de seu raciocínio quando começa a falar. Contrariando nossos planos, a conversação prolonga-se por 4 horas, e poucos foram os momentos em que se manteve silencioso. Não havia entusiasmo, mas desencantamento. Falando compassado, em tom professoral de um lente desiludido ante a eterna ignorância de alunos que se obstinam em não entender velhas lições, divaga sobre o passado.

Desfila o general impressões de homens, fatos e coisas. Principalmente de coisas do Brasil e de seus homens políticos, muitos dos quais parece conhecê-los o cerne.

— Tenho documentos que deixariam muitos grandes homens de calças nas mãos ou talvez... sem elas... — é o merencório arremate, como fiança das revelações que nos faz.

Mas, o general Góes Monteiro já nos havia prevenido que não desejava que o assunto de suas palestras fôsse divulgado. Por isso, tudo o que abaixo vai narrado — exceção das respostas que preferiu ditar — é aquilo que o general sabe, mas não quer dizer... e corre por conta da interpretação deste repórter, que resolve divulgar alguns trechos da longa conversação, como memento para o narrador futuro.



CIVIS E MILITARES TRABALHARAM PARA QUE O 11 DE NOVEMBRO SE VERIFICASSE NO "INSTANTE" FA-

A HISTÓRIA DOS ENVELOPES SECRETOS

Vem à baila os tempos modernos e os acontecimentos políticos da atualidade — são os «10 dias que abalaram o Brasil» (11 a 21 de novembro) na opinião do «velho Góes».

— Eles dão os golpes com os meus planos...

Teria sido esse o comentário feito pelo general ao deparar na revista «Time» o relato dos acontecimentos de novembro, e a alusão aos «3 envelopes secretos», contendo planos de ação militar. O general Lott teria usado — segundo aquela publicação — o «envelope nº 3».

— O de nº 1 foi aberto em 29 de outubro... e o de nº 3 em 11 de novembro. Resta ainda o de nº 2...

— E quem irá abri-lo?

Não houve resposta. O general limita-se a fazer um gesto vago com a mão. Talvez soubesse... sem querer dizer...

DITADURA MILITAR?

A palestra toma novos rumos e se arrasta em ritmo lento. Discorre o general, nesse momento, sobre a teoria do universo finito. Discorda, concorda, cala-se. Faz parábolas. Voltamos à carga.

— General, fala-se muito agora em Ditadura Militar...

Depois de nos passar uma reprimenda pelo uso da expressão «militar», que a seu ver é imprópria, explica que ele só se refere aos militares em termos de suas três armas: «marinheiros, soldados e aviadores».

— Mas, no Brasil não é possível Ditadura Militar... Isso poderia acontecer no Japão dos tempos feudais... mas aqui, nesta terra?

E' o mesmo tom de professor ressentido, ante a heresia do discípulo.

Explica-nos, então, como o nosso Exército se está aristocratizando, enquanto a Marinha e a Aeronáutica democratizam-se.

NÃO HÁ ÓDIO, MAS SIM RESENTIMENTO

Voltando aos acontecimentos de novembro último, recrimina com azedume os que julgam haver ódio entre os homens de tardo.

— Não há ódio, mas sim ressentimento.

Explica, justificando a sua assertiva, que o «clímax» atingido foi o episódio da saída do «Tamandaré».

— E' um estado de espírito que precisa desaparecer para o bem e felicidade do Brasil.

AS RAZÕES DE GETOLIO

Comenta-se o livro «O General Góes depõe...», escrito pelo jornalista Lourival Coutinho, e que tanta celeuma vem provocando nos meios políticos nacionais: Assunto controvertido são as razões do suicídio de Vargas.

Pela primeira vez, emociona-se o general. Fala em tom dramático. Prefere ditar as declarações que tem a fazer em defesa da honra e integridade das Forças Armadas, contra insinuações divisionistas. E' a sentinela quem fala.

O ÚLTIMO «GOLPE»

Anotadas suas palavras, (que vão publicadas em outro local desta reportagem), volta a calma ao ambiente. D. Conceição, a esposa-entremesa, acorre assustada à sala em que nos encontramos. Mas o general a tranqüiliza. Não há nada a temer com o seu coração. Está bem, e vai prosseguir. Para o general são por demais evidentes os motivos do trágico gesto do ex-Presidente.

Frustrada a sua última tentativa de incompatibilizar as 3 armas — determinando a apuração dos fatos tidos como inexistentes — só lhe restou a derradeira saída.

— Afinal — pergunta — quem mandou o Nero Moura abrir o inquérito? Quem escolheu o coronel Adil para presidi-lo? Quem ordenou a devassa nos porões do Catete?

E depois de uma pausa, responde, sem ânimo:

— Ele mesmo, Getúlio.

Acrescenta ainda que o ex-ditador, velho, alquebrado e abandonado pelos íntimos e familiares, buscou no suicídio a saída para a sua desilusão.

E aí, então, lembrou-se o general que fomos entrevistar.

— Pode começar com as suas perguntas.

— Como define o 24 de agosto?

— No dia 24 de agosto eu me encontrava hospitalizado, em estado gravíssimo, e não me foi possível, nessas circunstâncias, acompanhar os acontecimentos que então se precipitaram, já em virtude de



VORÁVEL. ERA O "INSTANTE" EM QUE, NO "SEGUNDO FAUSTO", ESTE SUSPIRA: "OH! FELICIDADE..."

causas anteriores, que não foram devidamente apreciadas, tendo como resultado o desfecho tão trágico que é do conhecimento de todos.

«Definir é muito difícil, assim pensava e dizia Sócrates, que preferia explicar as coisas e os fatos. Por isso, acrescento, apenas, que o 24 de agosto foi uma contingência fatídica de nossa própria maneira de viver, isto é, de nossa História.»

— E o 11 de novembro?

— O 11 de novembro na minha opinião foi fabricado «au landemain» do sepultamento do Presidente Getúlio. Um grupo de civis e militares trabalhou incessantemente para que a ocorrência se verificasse, quando o «instante» favorável se apresentasse. Era o «instante» em que, no segundo Fausto, este pronuncia a expressão: «Oh! Felicidade...» — o que convinha aos que o engendraram — o «PLAN MASSIG»...

«Mais tarde, se for possível, a História revelar, ver-se-á que não estou distante da verdade, embora naquela ocasião, isto é, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 55, estivesse igualmente guardando o leito, sob ameaça de minhas crises cardíacas.»

— E o 21 de novembro?

— É uma decorrência do anterior. Para liquidar com os «golpistas», que, todavia, parece que ainda não foram punidos, pois as sanções foram bastantes benévolas.

— E do Parlamentarismo, general, o que nos diz?

— Não entendo de regimes, no Brasil, bem entendido, onde desde a colônia vêm predominando uma teoria muito adiantada e uma prática um tanto «geandármica».

«Creio que Lenine, tomando, talvez, em consideração a grande extensão territorial e outras características geográficas, disse que, na Europa, o primeiro país a «bolchevizar-se» seria a Rússia. Na Ásia, o antigo Celeste Império, e hoje República de Mao-Tse-Tung, e, finalmente, na América, o Brasil.

«Não sei se isso é correto, porque ele olvidou muita coisa dos catilinas de todas as épocas, dos «shoguns», «pashas» e «beys» de «janízaros», «Khanatos», etc., etc. Aliás, Stalin, um cadáver meio-proscrito, discordava dessa idéia do cadáver endeusado Lenin.

— E as eleições do Clube Militar?

— Devo dizer que só uma vez votei em eleição do Clube Militar, e nunca tomei parte nas suas deliberações coletivas, desde o tempo das «cartas-falsas», quando discordei das duas correntes antagônicas que ali se formavam. Depois da revolução de 30, fiz o que era possível e consegui afastar o Clube Militar das atividades político-partidárias. Atitude

essa quebrada somente por ocasião da eleição do general Newton Estillac Leal. A nosso ver a questão de importância ou não das eleições do Clube Militar, cujos associados pertencem aos três ramos das Forças Armadas, é relativa.

«Na Monarquia, havia o Clube Naval de Saldanha da Gama e de outros chefes prestigiosos da Marinha, que àquela época era uma das mais importantes Marinhas de Guerra da América, e mesmo do mundo. Também, na Monarquia, era mais aristocrática e o Clube Naval era uma associação exclusiva de classe. Como a Monarquia, depois da Guerra do Paraguai e no seu último decênio de vida, atravessava um período de crises muito graves, entre elas a «questão social» (libertação dos escravos), a «questão religiosa» (prisão de prelados e forte ação da Maçonaria contra a Igreja) e a «questão militar» (cujo desfecho foi a implantação da República) — suponho que Benjamin Constant para combater o espírito monárquista da Marinha fundou o Clube Militar, com outros chefes, incluindo, também, oficiais da Marinha (mais tarde, depois de 30, os da Aviação).

«Deodoro e o Visconde de Pelotas tomaram a defesa de sua classe na questão militar, sendo apoiados pela maioria da oficialidade. Daí por diante quase sempre o Clube Militar esteve envolvido nas questões político-partidárias. Mas, isso a meu ver não é o pior: o pior é que as Classes Armadas, que formam um conjunto instrumento de força da Nação e de seus poderes constituídos, após um longo dissídio — sobretudo nos governos Deodoro, Floriano e Prudente de Moraes — e depois de congregadas, com o meu concurso pessoal e de outros chefes do Exército — a partir do final da luta de 32 — novamente se encontram ressentidas.

«E isto é preciso acabar, para o bem e salvação do Brasil.»

xxx

— Vou fazer uma revelação: O livro escrito pelo jornalista Lourival Coutinho, como já tenho dito repetidas vezes, foi feito somente com «animos narrandi» — e sobretudo, como há os que atribuem às Forças Armadas, (pelo menos na atitude de seus chefes em 1954), o suicídio do Presidente Getúlio, considero isso uma acusação infamante e repulsiva ao Exército, Marinha e Aeronáutica. E' como dizia Maquiavel — «La vendetta c'è chi la mangia fredda» (A vingança, há quem a coma fria...) Esse julgamento oprobioso é uma «vingança fria». Não pode perdurar, assemelha-se a julgamento de fariseus...

«Não concordo com muitas atitudes de minha classe, inclusive em agosto de 54; tenho mesmo razões de queixas e de censuras, mas apesar de tudo, antes de morrer, lanço o meu protesto contra a ignominiosa acusação.»

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280,00 — Casal 380,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



EM QUALQUER PONTO DO BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO

PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Tôdas as Semanas ao Seu Alcance. Seja
Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em
Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

SHOW?... SÓ AZTECA

Conheça hoje mesmo a sua casa de diversões.

Tôdas as noites

2 GRANDIOSOS SHOWS

Agora sob nova direção.
ORQUESTRA DE THIERS E SEU CONJUNTO
com Poly o «mago» do violão.

Direção artística do popular «galã» tenor Pablo Jarbas e
o famoso Cabo Pitanga da Rádio Nacional de São Paulo.

SÃO PAULO — FONE 34-8228 — RUA ARAÚJO, 62-A



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba,
Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião,
Choro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as
damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias
casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro
ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor
do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Ave-
nida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa
Postal 649 — São Paulo. A venda nas livrarias do
Rio e São Paulo.

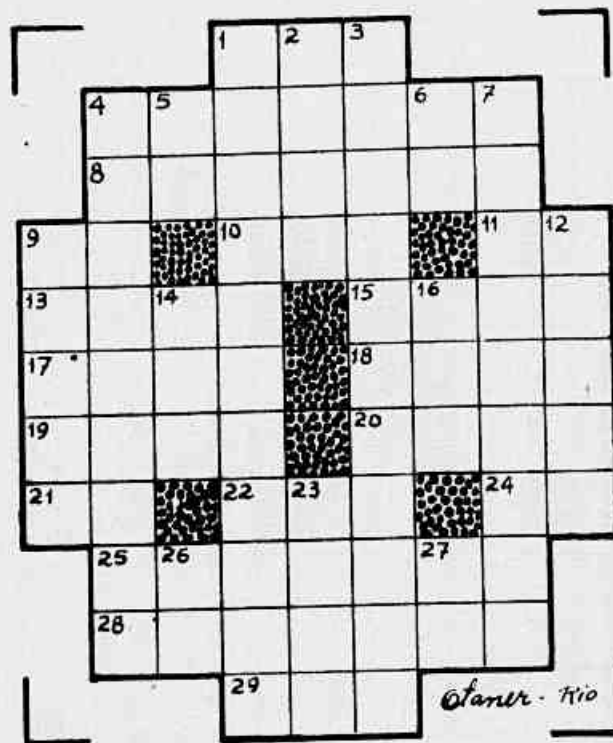
EM PORTUGAL: A venda na Livraria Clássica Editora
Praça dos Restauradores nº 17 — Lisboa

PALAVRAS CRUZADAS.

PROBLEMAS Nº 121

PARA VETERANOS

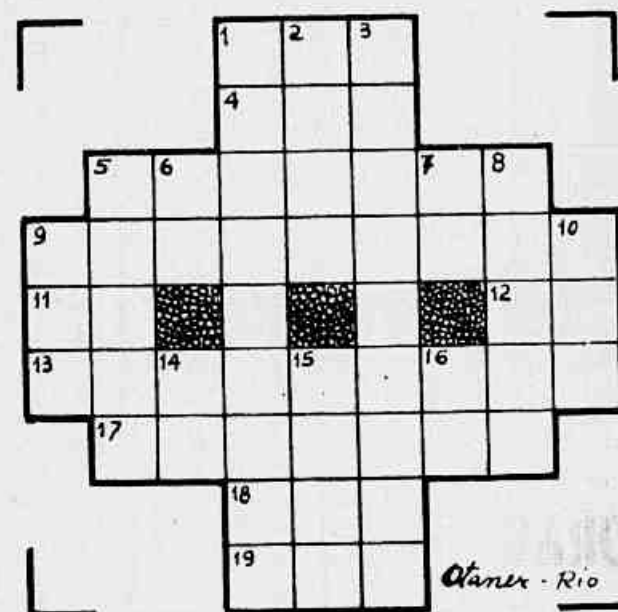
HORIZONTAIS: — 1. Causa — 4. Sufocam — 8. Osso craniano, que serve de base ao nariz — 9. Zéfiro — 10. Cidade da França — 11. Símbolo do elemento gasoso de peso atômico 222,4 — 13. Cabo do Canadá — 15. Execução prática de uma idéia — 17. Árvore da Índia Portuguesa — 18. Na mitologia egípcia, personificação do Céu noturno — 19. Ninho — 20. Púrpura — 21. Feminino da terminação ão — 22. Rio da Rússia — 24. Artigo plural — 25. Diz-se das plantas que têm dois pistilos distintos (pl.) — 28. Enfraquecido — 29. Contração plural.



VERTICAIS: — 1. Parte da cirurgia que trata das fraturas — 2. Sacrifício — 3. Velhacarias — 4. Lâmina enfiadonha — 5. Antiga nota musical — 6. Prefixo que denota proximidade — 7. Falso — 9. Sacudidela — 12. Abrigos — 14. Tribo árabe que invadiu o N. da África, no século XI — 16. Nome de homem — 23. Dou segundo amanhã a um terreno — 26. Idem — 27. Aum.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Mau cheiro — 4. Botequim — 5. Indígenas da Paraíba, o mesmo que cairiris — 9. Câmaras pequenas nos navios, para alojamento dos passageiros — 11 — Sigla automobilística do Amazonas — 12. Despido — 13. Alto; elevado; erguido — 17. Do verbo sedear — 18. Filho do gigante Hreidmar (mit. escandinava) — 19. Flexão do verbo roer.



VERTICAIS: — 1. Que queima, que abrasa — 2. Tombar — 3. Afrontara, encarara sem medo — 5. Indígenas que habitam os vales dos rios Ivaí e Pequeri, no Paraná — 6. Prefixo que denota posição em derredor — 7. Encanto, donaire — 8. Caminho estreito; vereda — 9. Óxido de cálcio — 10. Transpiro — 14. Enxerga — 15. Filho do filho — 16. Brisa.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 120

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ice — acá — cana — Agar — obstáculo — raíaram — ab — rara — oo — Sé — babu — Ni — adenoto — presepada — aula — aral — usa — ará.

VERTICAIS: icó — cabra — ensaboadela — aguarentara — calma — aro — ati — acrás — Aar — obesa — barus — une — iodar — opa — pau — alá.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: arar — cama — laca — alim — tio — ura — alcalinar — or — ri — caracolar — ata — ama — lado — odor — aros — moro.

VERTICAIS: alta — rail — acocorado — Ra — cá — afunilado — mira — amar — al — ara — iró — cala — atar — Ca — amor — raro — os — Om.

UM LIVRO

AINDA A BOMBA ATÔMICA

J. R. TEIXEIRA LEITE



♦ O IMPACTO emocional que se abateu sobre o mundo juntamente com a primeira Bomba Atômica lançada sobre o Japão, continua a ecoar no peito dos poetas, em muitos deles produzindo frutos mais ou menos bons. Poetas do mundo inteiro, com efeito, já dedicaram pelo menos alguns instantes de sua inspiração à terrível arma, e até mesmo no Brasil um cantor como Lêdo Ivo dedicou-lhe um soneto que reputamos excepcional. É verdade que o tema presta-se às mil maravilhas para as mais ingênuas explorações políticas. Não queremos, todavia, perder tempo com os que confundem Poesia e Política: antes, é nossa intenção dizer algumas palavras sobre uma experiência poética que, não sendo original, é sem dúvida alguma interessante e digna de atenção. Tem por tema a cidade sacrificada de Nagasaki; por herói oculto, mas onipresente, a famigerada Bomba Atômica; por autor, um poeta moço ainda, Antônio Olinto, que com o presente livro (1) alça-se a um plano que nenhuma de suas obras anteriores «Presença», em 1949, e «Resumo» em 1954 — faziam supor atingisse.

«Nagasaki» é poesia social? Sim, e não. Sim, no sentido de que toda poesia é poesia social, de vez que emana de determinado grupo humano, representado pela voz de um ser denominado POETA; não, no sentido de não se tratar da chamada poesia social, que pouco, ou mesmo nada (na maior parte das vezes) possui de poesia. É verdade que, num dos últimos e mais interessantes poemas que compõem

«Nagasaki», o poeta convida seus irmãos, arrebatadamente:

«Vamos fazer comícios nesta praça...»

Isso, porque Olinto sente que

«Não é mais permitido o tom da confidência», e que todos os homens, quer o poeta, quer o comum, estão obrigados a bradar sua indignação contra o horror da guerra. É bastante significativo que os dois poemas de onde foram tirados os fragmentos acima sejam justamente os que encerram o livro, restando assim como que as conclusões do pensamento e do sentimento do autor.

É também digno de nota que «Nagasaki», que se divide em três cantos, «Ofrenda», «Trilhos» e «Lâmpada», vá ganhando em veemência e em solenidade à medida que se aproxima do fim. Aos metros curtos da primeira parte, que descrevem o ambiente bucólico da infância do poeta, que descrevem

«Só Minas,

com pais, bois, cercas, torres, tios, riachos», onde rolavam os

«rios

umedecidos de infância»,

sucedem-se os já mais variados de «Trilhos», que narram uma adolescência, com seus sobressaltos, suas ingênuas descobertas, como o futebol, o primeiro filme de Carlitos, ou aquela Moça, que «era leve na dança turbada que nem a menina dos tempos antigos».

Porém, é chegado o tempo da guerra. À tranquilidade de Minas, à paz dos bois e dos riachos, sucede o horror de Nagasaki:

A moça atravessava a sala branca,
o homem plantava arroz no meio d'água

Então caiu a bomba na cidade.

Então caiu a bomba na cidade. Na cidade? Não: no mundo, aqui, em Nagasaki, em Minas, no mundo que era o de Antônio Olinto infante ou adolescente, estilizando-o para todo o sempre, como àquela

virgem multiplicada

no espetáculo dos ossos

dispersos, quebrados, lisos,

de que fala num de seus mais belos poemas.

(1) «Nagasaki», de Antônio Olinto. Livraria José Olympio, 1956. 76 páginas. Capa e ilustrações de Levy Menezes.

Notas

♦ PARECEU-NOS EXCELENTE o primeiro número de «Para todos», agora dirigido por Jorge Amado. Se os subseqüentes mantiverem o mesmo nível, «Para todos» tornar-se-á, indubitavelmente, o melhor órgão cultural do país. ♦ E por falar nisto, quando pretende o «Jornal de Letras» iniciar efetivamente a sua tão propalada Nova Fase? Ou será que tal fase nova resume-se na duplicação do preço do mensário dos «endiabrados irmãos Condé»? ♦ Hernani Donato lançará, pela Melhoramentos, seu novo livro: «Como o Homem Domou o Tempo». ♦ O Suplemento Literário do «Correio da Manhã» está apresentando, todos os sábados, seu rodapé literário, assinado, cada vez, por um crítico diferente. Inaugurou a seção um artigo de Franklin de Oliveira sobre «Corpo de Baile», de Guimarães Rosa. ♦ Frase de Paulo Hecker Filho sobre João Cabral de Mello Neto, a respeito de «O Rio»: «Temos nele no máximo um poeta discreto, se os há...» ♦ Fundado o Clube de Poesia de Niterói, por Arino Peres, Gipson de Freitas e Sávio Soares de Souza. ♦ O livro de Minou Drouet «Arbre, Mon Ami», há um mês editado em Paris, já está esgotado. Vinte mil exemplares voaram de saída. ♦ Prossegue a polémica sobre Crítica, entre Afrânio Coutinho e Heráclio Salles. O que é interessante, porém, é que os dois escritores se degladiam pelas colunas do mesmo «Diário de Notícias», em que escrevem. Um e outro já começam, aliás, a angariar simpatias e inimizades por entre os colunistas literários da cidade. Quanto a nós, declaramo-nos inteiramente ao lado de Afrânio Coutinho, de vez que asombra, realmente, a levandade e a falta de cultura de muitos pseudo-críticos literários do país. E também achamos impossível que um homem, honestamente, possa esmiuçar os segredos de uma obra cada sete dias, sem fazer concessões ao que quer que seja.

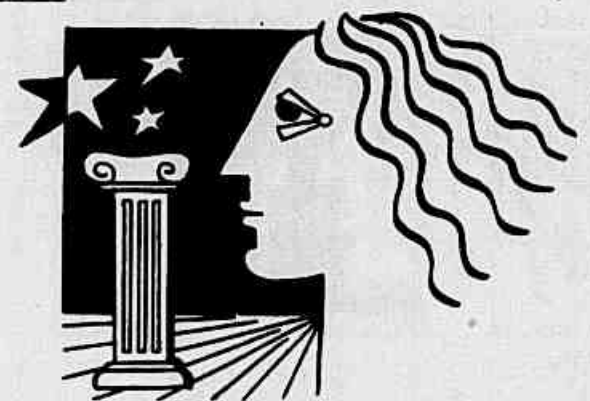
LIVROS

A MELHORAMENTOS, em sua «Biblioteca de Educação», sob o número 32, editou, não faz muito tempo, o ensaio de Gilles Gaston Granger, ex-professor da Sorbonne e da Universidade de São Paulo, atual Catedrático em Reims, «Lógica e Filosofia das Ciências». O livro é um resumo do brilhante curso ministrado pelo autor há alguns anos, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. (1955, 296 páginas).

O TRABALHO de Djacir Menezes sobre a «Evolução do Pensamento Literário no Brasil», que a Organização Simões editou em 1954, na sua Coleção Rex, foi, como o de Granger há pouco citado, resultante de um curso ministrado no estrangeiro: fê-lo seu autor em 1953, enfeitando as várias aulas de um curso dado em Buenos Aires. Talvez por isso esteja tão eivado de citações truncadas, de erros grosseiros de autoria e de cronologia, quando não de omissões injustificáveis — como é o caso da de um Raimundo Correia, por exemplo, que é somente citado de raspão entre os nossos parnasianos. O professor Djacir, que é figura tão conhecida em nossos meios culturais deveria ter mais cuidado naquilo que escreve e manda para o prelo, sob pena de ver desvanecida a áurea de seriedade intelectual que o envolve ainda.

«INSPIRAÇÃO NORDESTINA», chama-se o livro de Antônio Gonçalves da Silva — o «Pata-tiva», como é conhecido em sua cidade de Aracá, no Ceará, onde nasceu. Foi há pouco editado por conta de um admirador do vate, o senhor José Arraes de Alencar, que também escreveu o prefácio da obra. Os versos de «Pata-tiva», quer os vasados em língua literária, quer os mais eminentemente populares, são espontâneos e, até certo ponto, belos. Há, nêles, a beleza simples e ingênua do sertão e dos sertanejos.

POESIA



SONATA

Amar o amor perdido
e por perdido ainda mais amado
e certo de jamais o encontrar
o meu amor é infindo.
Toda possibilidade
implicaria em decréscimo
nunca em amor.

Por amar sou eu amante
de um mito ou de um sonho
— imprecisado amor amado.

O teu não vir foi-me poesia.
Foi tudo de pleno na vaga
frustração da noite fria,
do não encontrado por ausência,
e do meu ainda querer-te.
Fica em distância e serás sempre e muito

VAN Jafa (do livro SOLAU, a sair)

AUTOMATISMO: MÁQUINA VERSUS HOMEM - 3

UM homem envergando pesado paletó de inverno, e ostentando na gravata um custoso pregador em forma de ferradura penetrou um dia nos escritórios da Remington Rand.

— Desejo falar com o diretor — anunciou à senhorita que o atendeu gentilmente. E não houve coisa alguma que o persuadis-se a voltar outro dia, fazendo-se anunciar de antemão, ou a falar com outra qualquer pessoa: o que tinha a dizer era altamente confidencial, e importante.

Final, após muito conversar, um dos diretores da companhia levou-o até uma sala reservada, trancando-a a chave e perguntando:

— Agora, que estamos sós, conte-me o que é tão importante assim.

O homem com o custoso alfinete de gravata em forma de ferradura, tirando um maço de notas do bolso, atirou-o sobre a mesa, ante o olhar atônito do diretor.

— Ai está, disse. E é apenas o princípio do que lhe daremos. Eu e os rapazes acabamos de descobrir uma mina, graças a vocês.

— Mas... pagamento a trôco de que, homem de Deus? perguntou o industrial, embasbacado.

— Ora, é que vimos, pela televisão, a sua máquina para apontar os vencedores das eleições para a Presidência da República. Pensamos que, se os senhores quisessem auxiliar-nos a identificar os vencedores das corridas de cavalos, estaríamos todos ricos em muito pouco tempo...

A coisa não é tão incongruente como parece. Por que, se todos os fatores que influem no resultado de uma corrida de cavalos — tais como a idade do animal, seu peso e condições de saúde, marcas anteriores, treinamentos, etc. —, se todos esses resultados pudessem ser a tempo apontados à máquina UNIVAC, não há dúvida alguma de que ela indicaria sem qualquer possibilidade de erro o ganhador do páreo.

Essa máquina pode ser utilíssima a qualquer um que consiga isolar e agrupar os fatores que fazem um cavalo correr mais rapidamente que outro, em determinado espaço de tempo.

Coisa praticamente semelhante aconteceu em novembro passado, quando, pela televisão, uma máquina UNIVAC apontou os resultados das próximas eleições norte-americanas. Os resultados que iam chegando iam sendo somados pela máquina, porém uma técnica especial, para «pesar» os Algarismos, ainda não tinha sido desenvolvida. Como foram seguidas as eleições anteriores, tomadas como padrões, e como as eleições de novembro não obedeceram a qualquer padrão anterior, os resultados apontados pela máquina não foram os posteriormente revelados pela apuração.

Assim, o senhor Univac, inventor da máquina, passou por uma experiência desagradável, àquela noite, terminando por ser considerado um mau computador. A seu crédito porém está a previsão das eleições do Congresso, vencidas pelos democratas, resultado indicado pela máquina muito antes da apuração final. O erro não é, nunca, da máquina, porém de quem a manipula.

Os cientistas do Instituto de Altos Estudos de Princeton estão ocupadíssimos, trabalhando num setor de previsões automáticas que, se não é tão excitante como as corridas de cavalo, ao menos não deixa de ter o seu interesse: a determinação das condições do tempo.

Por muitos anos seguidos, os meteorologistas fizeram alçar vôo os seus balões, contendo instrumentos de meteorologia, termômetros, barômetros etc., para afinal, recolhendo-os posteriormente, determinar as condições climáticas. Agora, essa época chega ao fim.



DAQUI PARA o futuro, mecanismos como este, que é visto sendo examinado por um engenheiro norte-americano, serão cada vez mais en-

CÉREBROS ELETRÔNICOS SUBSTITUEM

Exclusividade para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

Contudo, de acordo com os cientistas de Princeton, os meteorologistas de hoje em dia não podem obter todas as informações de que necessitam. Não possuem o equipamento necessário para calcular as inúmeras coisas que contribuem para as condições do clima. Acreditam eles que cerca de dez milhões de dólares são necessários para dotar a Universidade de Princeton de todos os equipamentos indispensáveis à previsão matematicamente certa do tempo, com uma aproximação de 24 horas.

As técnicas atuais de pesquisa requerem seis meses para serem feitas, fazendo-se várias pesquisas diárias. Porém os cientistas de Princeton, utilizando um cérebro eletrônico inventado pela IBM Corporation, conseguem fazê-las exatamente em 48 minutos...

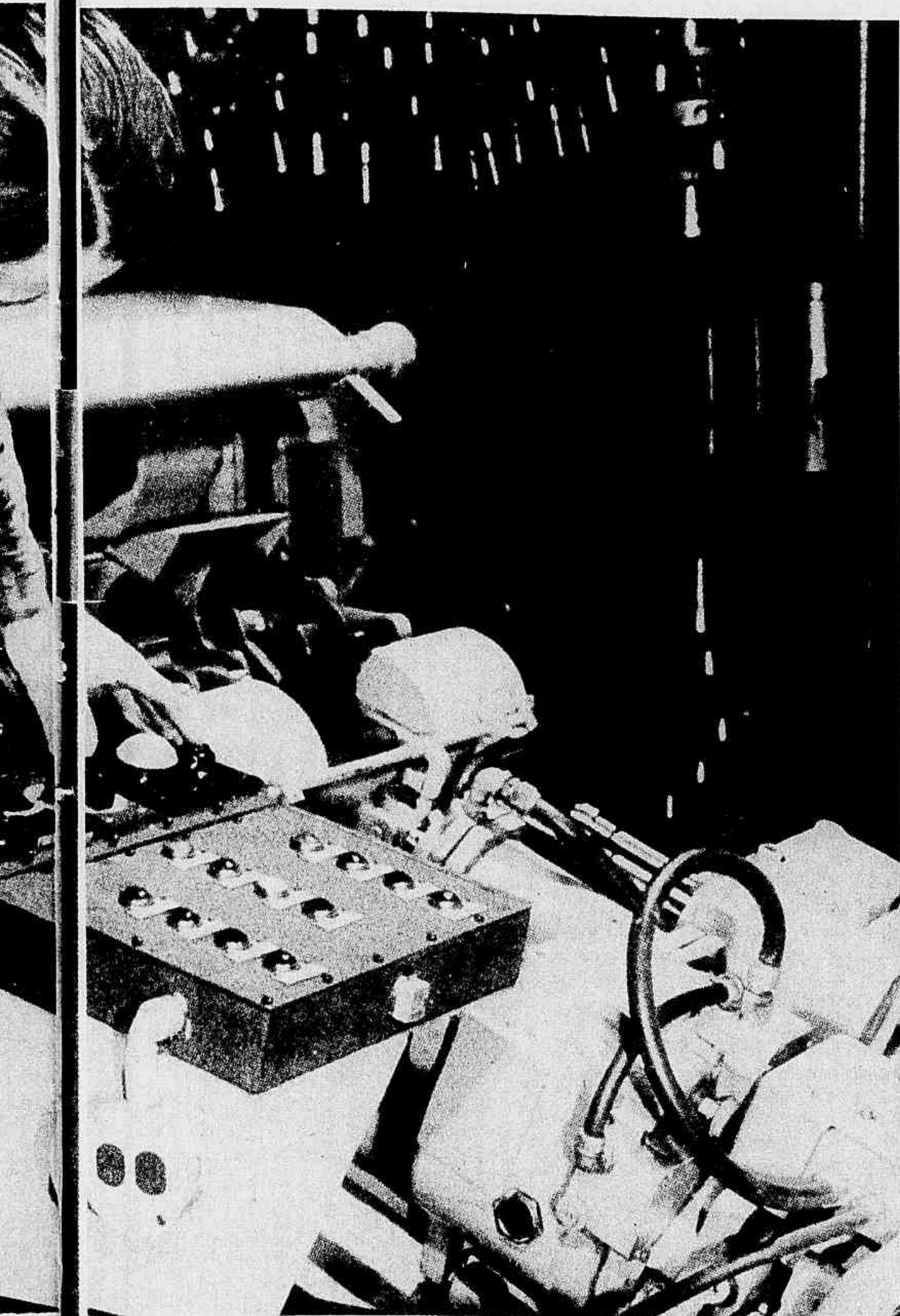
No campo da contabilidade, os cérebros eletrônicos estão verdadeiramente dizendo o quanto valem. O departamento de Louisville da General Electric antigamente utilizava 65 funcionários somente para tratar do pagamento de todos os seus trabalhadores, que são doze mil. Hoje em dia tal serviço é realizado por um gigantesco computador, que calcula sozinho quanto deve receber cada operário, incluindo descontos ou acréscimos. Depois, distribui esses doze mil cálculos diferentes por talões, imprime-os e os assina por sua conta. Tudo isso, em velocidade fabulosa, escrevendo cerca de 600 linhas por minuto. A tarefa inteira, que antes exigia um mês de trabalho de 65 pessoas, é feita em apenas seis horas.

Na «Metropolitan Life Insurance Company», de Nova York, um cérebro eletrônico substituiu vários andares de vigias, nos principais edifícios da cidade. Ele só dá conta de 750 mil vigilâncias, por mês. Um grande painel indica tudo o que se passa em algumas centenas de milhares de salas e de quartos, em Nova York, denotando a presença de estranhos, se for o caso.

Veja-se o caso, por exemplo do FOSDIC, que é cérebro eletrônico do Bureau Norte-Americano de Recenseamento. Fosdic resolve questões a ele submetidas antes mesmo de essas questões estarem terminadas de formular... A velocidade com que trabalha é qualquer coisa de espantoso: cinco milhões de respostas, cada meia hora, para sermos um pouco mais exatos...

Imagine-se agora dois cérebros fabulosos trocando informações pelo telefone. Já não é ficção, porém realidade quotidiana no campo da ciência. Os mais aperfeiçoados cérebros eletrônicos fabricados pela IBM podem perfeitamente comunicar-se através de telefones pela sua linguagem de sinais. Podem tagarelar a uma velocidade que daria inveja à mais venenosa comadre do mundo, nada menos de mil números ou letras por minuto...

Outro monstruoso cérebro IBM pode dar informações à razão de 70 mil por micro-segundo!



contradições nas fábricas e oficinas de todo o mundo. Cérebros eletrônicos pensarão pelos humanos, dentro de vinte anos? Assim parece.

OS HUMANOS

Por NORMAN A. LUNENFELD

O que poderão fazer, junto a esses cérebros mecânicos fabulosos, os cérebros simplesmente humanos de guarda-livros e de contadores? Será que esses profissionais serão em breve obrigados a procurar novas atividades?...

Para os contadores, ainda há alguma esperança. Ele, naturalmente, tornar-se-á uma espécie de super-controlador do cérebro eletrônico. Esse fará o trabalho de obter as informações desejadas, catalogá-las, distribuí-las, etc., etc. Somente o contador, porém, poderá reconhecer que espécie de informações é útil a seus cálculos, efetuados através do cérebro mecânico, e só ele poderá utilizar-se, com verdadeiro proveito, dos cálculos, obtidos através do robot. O contador, em suma, deixará de usar a pena, para usar simplesmente o... botão.

Também para os guarda-livros e para os vigias há ainda esperança. Uma pequenina disputa foi há pouco realizada, no Japão, entre um computador automático e um perito japonês que utilizava o ábaco. Numa série de sete complicados problemas, cada um implicando as mais diferentes espécies de cálculos, o ábaco venceu cinco, e o cérebro eletrônico as duas restantes.

Bem, isso foi há três anos atrás. Daí para então as máquinas aperfeiçoaram-se incrivelmente.

(Cont. no próximo número)

ARTES

JOSÉ ROBERTO

POR UM MAIOR INTERCÂMBIO

● HA CERCA de duas semanas, em palestra com o crítico e professor Mário Barata, comentávamos o sucesso grandioso que foi a exposição "Da Caravaggio a Tiepolo", há alguns meses levada a efeito no Rio de Janeiro. Foi essa, sem qualquer dúvida, a melhor mostra de arte jamais realizada entre nós, não só pelo avultado número de peças nela exibidas, como também, principalmente, pela qualidade das obras. Costumam dizer os derrotistas que no Brasil ainda não existe clima para grandes exposições internacionais de arte, que não despertariam, dessarte, o interesse público. Pois a exposição "Da Caravaggio a Tiepolo" atraiu alguns milhares de visitantes, durante as poucas semanas em que ficou exposta à visitação pública, no Museu Nacional de Belas Artes.

Tão grande foi o êxito da mostra italiana, que ousamos afirmar a necessidade de outras iniciativas semelhantes, de parte daqueles países que, possuidores de um invejável passado artístico, estão quase que na obrigação de levar aos demais povos os tesouros de arte acumulados em seus museus e galerias através de tantos séculos. Referimo-nos especialmente a Holanda, a Bélgica, a Alemanha, a Espanha, a França, além, naturalmente, da Itália, que já deu provas de seu interesse, justamente ao trazer as obras primas do barroco italiano até nós. Quer-nos parecer que as Embaixadas de tais países, em conexão com os Ministérios Culturais respectivos, poderiam fazer muito mais do que fazem, se organizassem, periodicamente, exposições que focalizassem quer aspectos gerais, quer particularizados, das Artes Visuais.

Nem se alegue a dificuldade da empresa — porque, afinal, não é tão grande essa dificuldade que impeça a efetivação da idéia. Sabemos que raros são os anos em que não deixam os grandes museus europeus, com destino a América do Norte, as melhores obras dos pintores e escultores de todos os séculos. Se essas telas e esculturas podem cruzar o oceano para serem exibidas na América do Norte, qual o motivo pelo qual

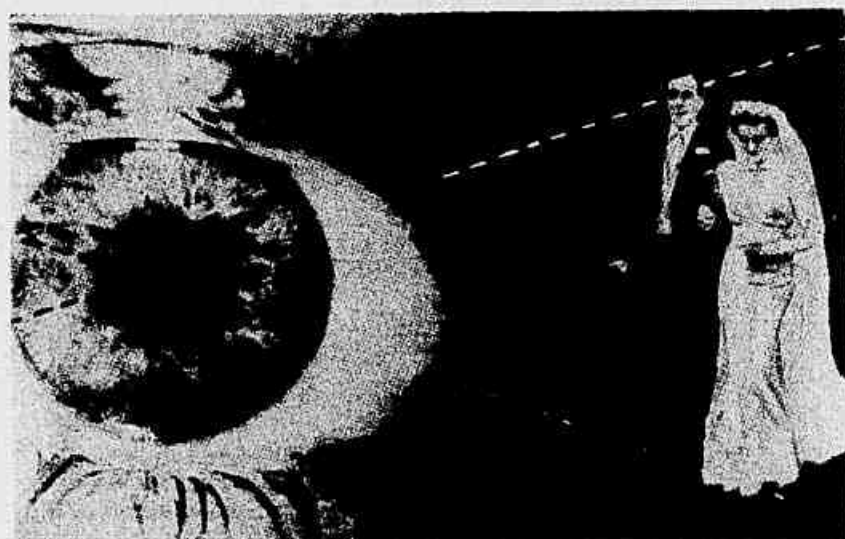
não são elas também expostas entre nós?

Não se diga que existe desinteresse público — pois aí estão os resultados da exposição "Da Caravaggio a Tiepolo" a desmentir os pessimistas; não se fale em distâncias insuperáveis, pois distante fica também a América do Norte, e todos sabemos quantas mostras cruzam todos os anos o Atlântico, em demanda das grandes cidades estadunidenses. Acaso subestimam os europeus a capacidade de compreensão e de admiração dos sul-americanos? Certamente que não.

O interessante é que nós, brasileiros, que deveríamos receber grandes exposições de arte, da Europa, para lá mandamos, há vários anos, sessenta das melhores telas constantes do patrimônio do Museu de Arte de São Paulo, num gesto verdadeiramente incongruente, que privou o público frequentador da importante galeria paulistana de um contato mais eficiente com as obras dos grandes mestres da pintura. Estamos em condições de receber, e não de dar. E se nada nos dão, por que iremos nós oferecer?

Houvesse um intercâmbio (e o que deveríamos mandar para a Europa seria não os Toulouse-Lautrec e os Cézannes, os Modigliani e os Soutine) e certamente muito lucrariam todos quantos se interessam pelas artes visuais, bem como os próprios países organizadores das mostras, de vez que está provado serem as exposições uma forma altamente eficiente de publicidade. Por tudo isso, os adidos culturais dos países possuidores de um passado artístico fabuloso, e que mantêm com o Brasil relações de amizade, deveriam pensar seriamente em trazer ao nosso país as obras primas da pintura e da escultura européias. Esse ano, por exemplo, transcorre o 350.º aniversário de nascimento de Rembrandt. Não seria o caso de a Holanda organizar uma exposição com algumas obras deste artista excepcional, exibindo-a ao público sul-americano, que afinal de contas também já possui discernimento e competência para apreciar o que é bom?

NÃO DEIXEM DE LER
no
EU SEI TUDO
DE JUNHO
UM SÁBIO FOTOGRAFA
O PASSADO



EM 2.000 ANOS, O CRISTO
APARECEU 100 VEZES

AS RAZÕES DO DIVÓRCIO
E MUITOS OUTROS ASSUNTOS

★
Cr\$ 10,00 EM TODO BRASIL

★
REDAÇÃO: RUA VISCONDE DE MARANGUAPÉ,
15 — LAPA — RIO

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 2 E 8 DE JUNHO DE 1956
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

★ **CARNEIRO** (21/9 — 20/10) — O ambiente astral da semana lhe favorecerá os interesses, os negócios e as aspirações. O mesmo não se dará, porém, quanto à vida sentimental ou conjugal. Há perigo de fortes desentendimentos e de reações violentas.

★ **TOURO** (21/10 — 20/11) — A posição do astro que lhe governa o destino, em relação aos demais, no curso da semana, será simplesmente amistosa e isto lhe valerá uma situação das mais favoráveis, sob todos os aspectos. Aproveite a chance.

★ **GÊMEOS** (21/11 — 22/12) — Aconselhamos o adiamento de qualquer iniciativa já programada para a semana em pauta. As desfavorabilidades reinantes, no caso do leitor, são das que levam os melhores empreendimentos ao fracasso.

★ **CÂNCER** (23/12 — 20/1) — Não espere grandes coisas no correr da semana. Os astros, porém, lhe propiciarão pequenos negócios, é certo, mas de solução fácil e rápida. As novas relações conseguidas durante a semana, não aproveitarão em nada, no futuro.

★ **LEÃO** (21/1 — 20/2) — O leitor terá um período excepcionalmente favorável aos negócios em andamento e às questões já devidamente aforadas. Suas pretensões serão cuidadosamente amparadas. Os concursos virão naturalmente.

★ **VIRGEM** (21/2 — 22/3) — A semana o convida a exercer maior atividade profissional ou extra profissional. O período será muito fecundo em realizações e farto no que diz respeito aos resultados. A chance passará ao alcance de suas mãos.

★ **LIBRA** (23/3 — 20/4) — Não há recomendação especial a fazer ao leitor. Os influxos reinantes no curso da semana serão neutralizados pelas reações do seu astro. Siga suas próprias intuições e tudo irá bem.

★ **ESCORPIÃO** (21/4 — 20/5) — A vida sentimental vai ser tumultuada e possivelmente rôtas as relações amorosas. A Lua Negra cruzará, no dia 6, o seu destino, os desencantos previstos, as maiores decepções. Não tome qualquer iniciativa.

★ **SAGITÁRIO** (21/5 — 23/6) — Os três primeiros dias da semana serão altamente favoráveis aos seus negócios. O influxo astral cairá, logo depois, não chegando, porém, a ser desfavorável. Em resumo, terá o leitor uma ótima semana.

★ **CAPRICÓRNIO** (24/6 — 22/7) — A excitação nervosa de que certamente será tomado no início da semana, lhe provocará sonos agitados, sonhos desagradáveis e até visões. Tudo passará rapidamente. Não se impressione nem procure psico-analista.

★ **AQUÁRIO** (23/7 — 21/8) — Boas oportunidades lhe serão dadas para o lançamento de qualquer idéia ou projeto. Do mesmo modo, o ambiente astral favorecerá as solicitações, os pedidos e o que for requerido nas repartições do governo, fóro inclusive.

★ **PEIXES** (22/8 — 20/9) — Os acontecimentos da semana terão forma e natureza favoráveis ao leitor. Poderá ver realizadas velhas aspirações e atingidos antigos e acalentados ideais. Anote os dias 3, 5, 6 e 7. Serão os melhores.

◆ **OS NOMES DA SEMANA**

Junho, 2	—	Júlio	—	Aurora
" 3	—	Clarindo	—	Olivia
" 4	—	Emâni	—	Sandra
" 5	—	Lionel	—	Maria
" 6	—	Ricardo	—	Jandira
" 7	—	Juvenal	—	Julita
" 8	—	Armando	—	Cinira

◆ **EFEMÉRIDE DA SEMANA**

Marcha e posição do Sol ao meio de Greenwich

Junho, 2	11° 54' 14"	(Signo dos Gêmeos)
" 3	12° 51' 42"	" " "
" 4	13° 49' 9"	" " "
" 5	14° 46' 36"	" " "
" 6	15° 44' 1"	" " "
" 7	16° 41' 28"	" " "
" 8	17° 38' 51"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

FRIO

HÉLIO ABREU

● Este ano a temperatura demonstrou não estar mesmo sujeita aos regulamentos da COFAP. Desceu sem mais rodeios e distribuiu cobertores e gripes por todo São Paulo. A garça insistente imita um véu de noiva e derrama seus braços por cima dos edifícios numa festa molhada. A noite, nas ruas quase desertas, o asfalto espelhado se tingiu de prata ao reflexo das luzes. Não estão presentes as estrelas e da lua ninguém sabe dizer onde anda. A vida agora pertence aos clubes, onde o aquecimento custa cruzeiros e faz com que deitemos mais gelo no "whiskey". Sou por covardia friorento. Nunca, em toda vida, desafiei o chuveiro num banho frio. Banho de mar é, para mim, primo do verão e, assim, somente nessa estação enfrento (timidamente) o atlântico. Mas gente existe que não teme frio, como por exemplo o Dagoberto Sales, que além de deputado federal é também campeão de "judo", faixa preta não sei de que grau. Este (segundo me contaram), já deu mergulhos em pleno rio Paranapanema quando o barômetro acusava alguns pontos abaixo de zero! Bonito, sim, talvez para ele. Para mim, não. Nem de escafandro seria capaz de enfrentar as gélidas águas do grande rio. Não que este frio de São Paulo não me seja amigo.

● Já enfrentei piores na Europa e aqui estou, magro mas vivo. O diabo é que os hotéis de São Paulo (é assim em todo o Brasil) não dispõem de aquecimento interno, além de cobertores... Não vai aqui propaganda contrária a este Windsor Hotel que há mais de quatro anos me serve de lar. Nada disso. Meu protesto é de caráter geral, dirigido contra todos os hoteleiros das regiões sul do país. Invejo, por exemplo, o conforto desfrutado pelo comendador Bonfiglioli, que em sua grande mansão dispõe de todos os recursos modernos contra o inverno paulista. Invejo o sr. Nelson Mendes Caldeira que, ao que dizem, dorme sob cobertores elétricos. Também da colcha de penas de ganso do milionário Arnaldo Florence tenho inveja. No mínimo são todos tão friorentos quanto eu, com a diferença de que não sou proprietário de casa aquecida, cobertor elétrico e colcha de penas de ganso. Mas isso vantagem não é. Dormir assim não constitui façanha. No meu desespero de invejoso bem que gostaria de ver enfiado o sistema de aquecimento da casa do comendador, queimado o fusível do cobertor elétrico de Mendes Caldeira e sorrateiramente roubada a colcha de penas de ganso do ilustre sr. Florence. E depois disso, metê-los todos num quarto de hotel para que melhor pudessem apreciar o rigor (e também a beleza) de uma noite invernal paulista.



Juscelino



Bonfiglioli



D. Sales



Ademar

IN LOVE. Anda com pulos e coração do meu jovem amigo Luis Pedro dos Santos. Isto se deve em virtude de seu casamento com a senherita Meib Franchini que, na data em que circular esta revista (26 de maio) deve estar se realizando. Luis não é político nem artista. É apenas meu amigo e para mim sua amizade vale tanto quanto a que me distingue o Ermelindo Matarazzo. Que seja feliz!

★

CAÇADA. O sr. Antônio Alves Ferreira regressou de sua última caçada no pantanal mato-grossense. Tonico trouxe fotos impressionantes das onças que matou, entre elas figurando uma com mais de 400 quilos. Para a

inveja do sr. Paulo Campos Moura, falso caçador e idem «play boys», publicaremos em breve as fotos colhidas por Alves Ferreira e sua equipe. O sr. Campos Moura nunca conseguiu matar outra coisa além de míseros bentavia.

★

MUITO pouca gente sabe que Jânio e Porfírio assinaram um pacto secreto. O documento em questão foi firmado pouco antes de o sr. Jânio Quadros seguir viagem para os Estados Unidos e se prende à conduta de vice-governador à frente do executivo paulista.

★

ALIAS, ainda sobre Jânio, muito se falou sobre seu

estado de saúde que, no dizer de muitos, nada tinha de bom. Até leucemia arranjaram para o governador. Entretanto, de verdadeiro, o que existe não se reveste de qualquer gravidade. O sr. Jânio Quadros é portador de um distúrbio no nervo vago simpático e de uma catarata na vista esquerda. Seus íntimos informam que sua ausência não será superior a 30 dias.

★

MINISTRO. O nome do sr. Renato Costa Lima voltou a ser cogitado como candidato de Jânio ao Ministério da Agricultura. O sr. Costa Lima já ocupou, ao tempo do governo Garcez, a Secretaria de Agricultura do Estado.

★

IBC. Continua difícil a posição do sr. Paulo Guso à frente do Instituto Brasileiro de Café. Sem contar com o apoio de São Paulo, Paraná e Minas, espera-se para breve sua substituição por um nome do agrado dos cafeicultores paulistas.

★

MAIS UM processo contra o sr. Ademar de Barros será formado. Pretende o governo do Estado apresentar denúncia contra o ex-governador em virtude da venda ilegal de quatro batelões pertencentes à Secretaria de Viação. De acordo com a referida denúncia, o governo estadual adquiriu os barcos pelo preço global de Cr\$ 10 milhões, sendo os mesmos vendidos quatro dias após na spechinchas de 4 milhões.

★

SUMIU. Depois da eleição do sr. Juscelino Kubitschek, desapareceu de São Paulo o sr. Sebastião de Almeida Ribeiro, presidente da São Paulo de Investimentos S.A. O sr. Almeida Ribeiro é amigo pessoal do presidente Kubitschek e foi, em Piratininga, um dos baluartes de sua candidatura.

★

COMENDADORES. Acaba de ser fundado o «Clube dos Comendadores». Sua primeira diretoria está assim constituída. Presidente: Comendador César Calmon, da Ordem de Monte Casino; vice-presidente: Comendador Eugênio Calapietra, da Ordem Nacional do «White Horse»; secretário geral: Comendador Oswaldo Belsatti, da Ordem do Camelloni. Para tesoureiro foi eleito o Comendador Mário Martino, da Imperial Ordem da Liberdade da Pantelaria. Como vemos, andam assanhados os com-

mandadores da paulicéia. A sede do referido clube fica no 814 da rua Victoria. Espera-se o ingresso de novos comendadores no referido clube.

★

ACERTANDO. O sr. Wladimir Piza, prefeito da capital, está no rumo certo. S. S. deu prosseguimento a diversas obras, então paralisadas desde a gestão do sr. Jânio Quadros à frente do executivo municipal. Se o atual prefeito largar de mão as muitas brigas que comprou (só a dos telefones censurados absorve-lhe metade do dia) fará uma excelente administração, dizem os entendidos.

O Cachorro

Conto de SÍLVIO CASTRO

Desenho de J. RIBEIRO

O cachorro vinha seguindo-lhe os passos. No princípio, quando começou a andar sem finalidade, procurando somente o silêncio, não percebia qualquer presença. Andava inconscientemente, alheio, como se estivesse parado em qualquer lugar com a atenção em um pensamento. Seguiu o encontro natural das ruas, sem captar a harmonia que existe entre elas, sem analisar a simplicidade como uma se acaba para outra começar ser rua. Andar, indefinidamente, até que a lembrança da noite se colocasse mais forte e ele reconhecesse o tempo demorado na procura intranquila. Quando encontrasse esse sentido ansiado, poderia deixar as ruas e voltar para casa. Dormir, dormir então, depois de ter raspado a sensação de indiferença e tédio. Indiferença tanta que o levava, muitas vezes, na caminhada, a entrar numa rua fechada e chocar-se contra o muro.

O muro abruptamente crescia à sua frente, impedindo-lhe os passos. Ele olhava por instante o muro, fixava os olhos, reconhecia-o. Parava diante da barreira, permanecia minutos admirando-a, não pela surpresa do obstáculo, nem tão pouco lutando por ultrapassá-lo. Olhava o muro como o faria com uma lata de lixo que ele não via nas casas quando passava na noite. O muro que o impedia não lhe significava nada de incomum; era apenas o obstáculo para o passo que completaria o último. Depois de reconhecê-lo inteiramente, virava as costas e partia para o começo da rua, onde ela se abraçava com outra sem muro.

Andava, quando sentiu pela primeira vez uma presença. O silêncio da caminhada estava rompido. Já não se sentia inteiramente a sós, com a noite e a insatisfação.

Olhando para trás, viu o cachorro. Vinha seguindo-o, repetindo-lhe os passos. Apenas um eco, um eco deslizante de suas passadas. O cachorro o seguia absolutamente natural. Não procurava adiantar-se ou colocar-se ao seu lado. Vinha atrás, desejando apenas acompanhar à distância o passear noturno. Caminhava de acordo com ele. Se aumentava os passos, também o fazia; se sofria o andar, igualmente; se entrava em outra rua, o cão o acompanhava.

Ele olhou para trás e o cachorro olhou para ele. Não pararam de caminhar. Porém, a noite estava transtornada. A presença daquele cachorro roubara tudo que ele buscava. Já não havia mais o que ele desejava. Agora era um cachorro seguindo-o; não mais ele procurando o repouso no silêncio. Aquêlê animal magro e feio transtornava tudo. De costas, sentiu uma raiva intensa do bicho. Mas não parou e nem o expulsou. Passou a gozar a situação. Ele e o cachorro. O mais estranho era a indiferença do animal. Em verdade, a caminhada que ele fazia não era pelo homem. Parecia inteiramente alheio à sua figura. Era como se a tomasse apenas como uma referência do caminhar. Bastava ver. Vinha atrás, os olhos baixos, silencioso, bambeando o corpo. Nenhuma expansão.

Não latia, não tentava chegar-se mais para perto, trocava as ruas com total submissão, como acompanhando a esteira dos passos, porém sem momento algum dirigir-se por olhar ou gesto ao homem que lhe ia à frente. Talvez o considerasse o seu guia.

Era assim. E estava quebrada a beleza da noite. A presença do cão passou a ser-lhe insuportável. Parou e olhou para trás. A alguns passos, o cachorro olhava. Contemplaram-se silenciosos. O animal com os olhos vagos e sem sentido. Olhou para o cachorro e esperou que ele tivesse um gesto de retirada medrosa. No entanto, nem medo, nem gesto. Contraindo os dentes, recomeçou a caminhar, a atenção voltada para o cachorro, para ver se ele teimava em segui-lo. Teimava. Atrás, o mesmo eco deslizante. E nada mais.

Pensou em irritar o cachorro. Entrou numa rua mais escura. Atravessou a calçada. Tornou a voltar para outra. Caminhou na penumbra. Atravessou novamente. Voltou para a outra. Andou no meio da rua. Retornou para a calçada à direita. Deslizou para a esquerda. No fim da rua, quando um poste iluminou mais fortemente, virou-se e deu com o cachorro que vinha a poucos passos, tranquilo.

Raivosamente, fingiu enxotá-lo. O cachorro não teve uma reação. Asperamente abaixou-se, como se apanhasse uma pedra para lançar-lhe. O animal virou-se timidamente e correu alguns metros, olhando para ele. Certo que se livrara, voltou a caminhar, como que aliviado. Alguns minutos depois, o eco suavemente deslizante.

Pouco distante, ele viu que a rua atravessava outra mais importante, onde brilhavam, com o reflexo da luz, os trilhos de bonde. Escutou, pouco distinto, um barulho de automóvel. Logo estava na esquina das ruas. À esquerda, vinha o automóvel. Ele diminuiu os passos, deu tempo a que o carro se aproximasse. Quando chegou mais próximo, atravessou rapidamente na frente do carro que logo desapareceu na curva.

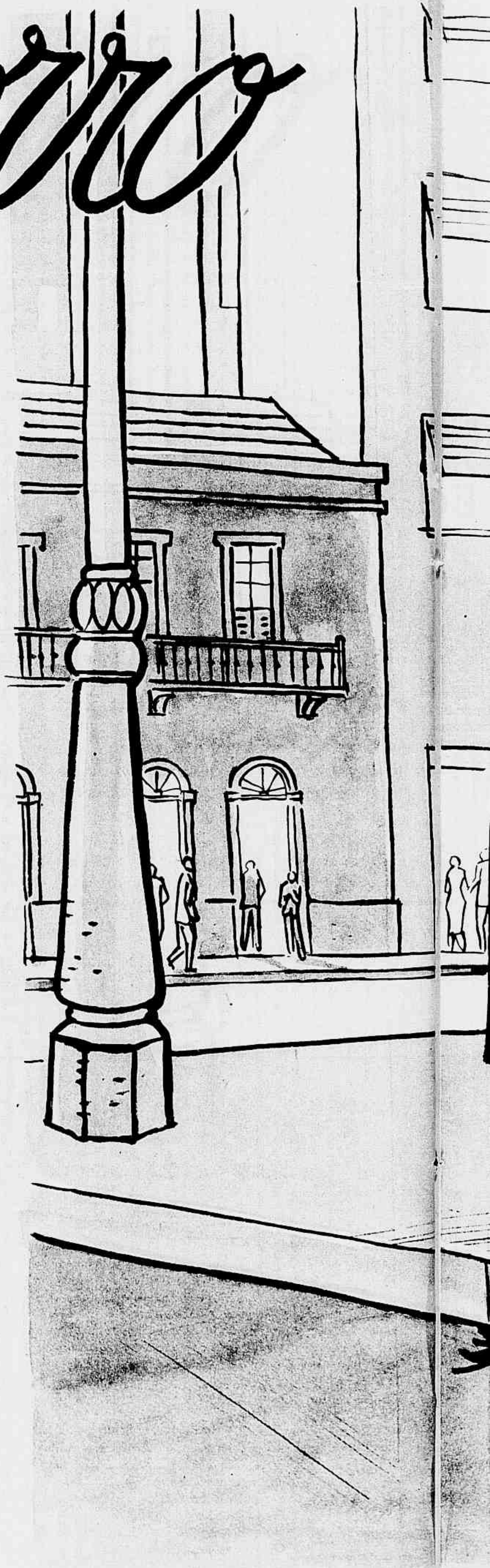
Na calçada fronteira, lentamente, virou-se para olhar o resultado.

Na outra calçada, parado, tristemente, o cachorro olhava para ele. Fixamente. E ele não pôde retirar o olhar do animal.

Um casal de pretos caminhava, abraçados. Passaram pelo cachorro. Este deixou de olhar para a outra calçada e seguiu o casal de pretos.

Ele viu o casal sumir na curva. Atrás, o cachorro magro e feio. Ficou, assim parado, durante longo tempo. Um vazio intenso dominou-o. A rua agora estava muito mais silenciosa. A noite parecia estranhamente fechada. Somente a curva parecia ter algum significado.

E ele caminhou para a curva da rua.



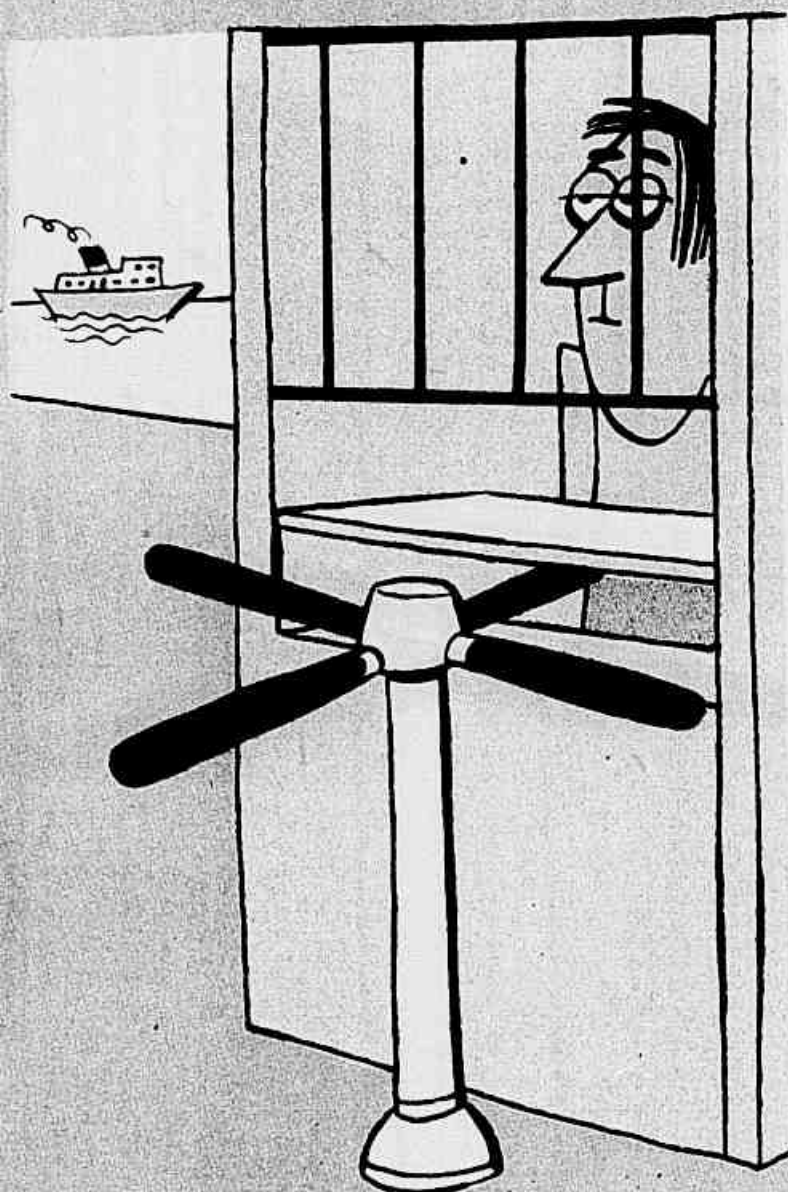


FORTUNA (com o último níquel) **APRESENTA**

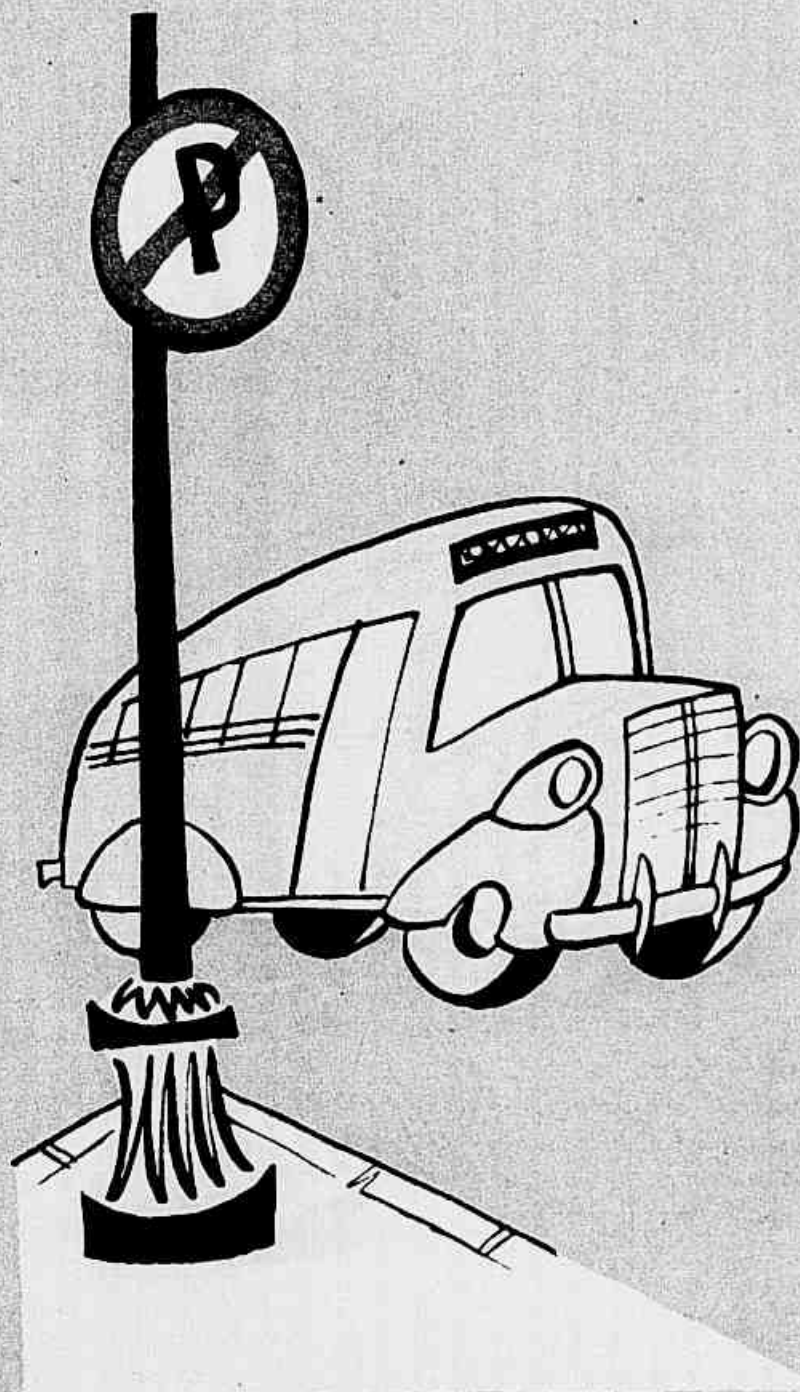
CARA e COROA



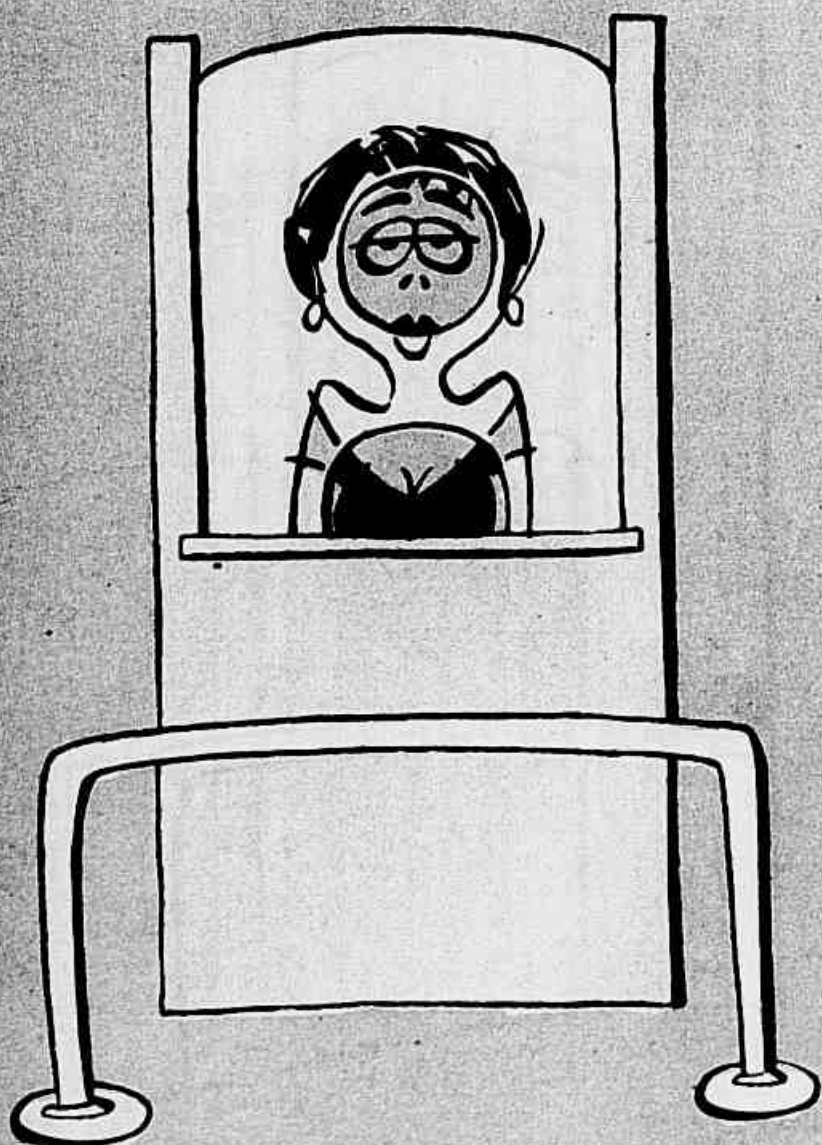
Eleição a gente enfrenta



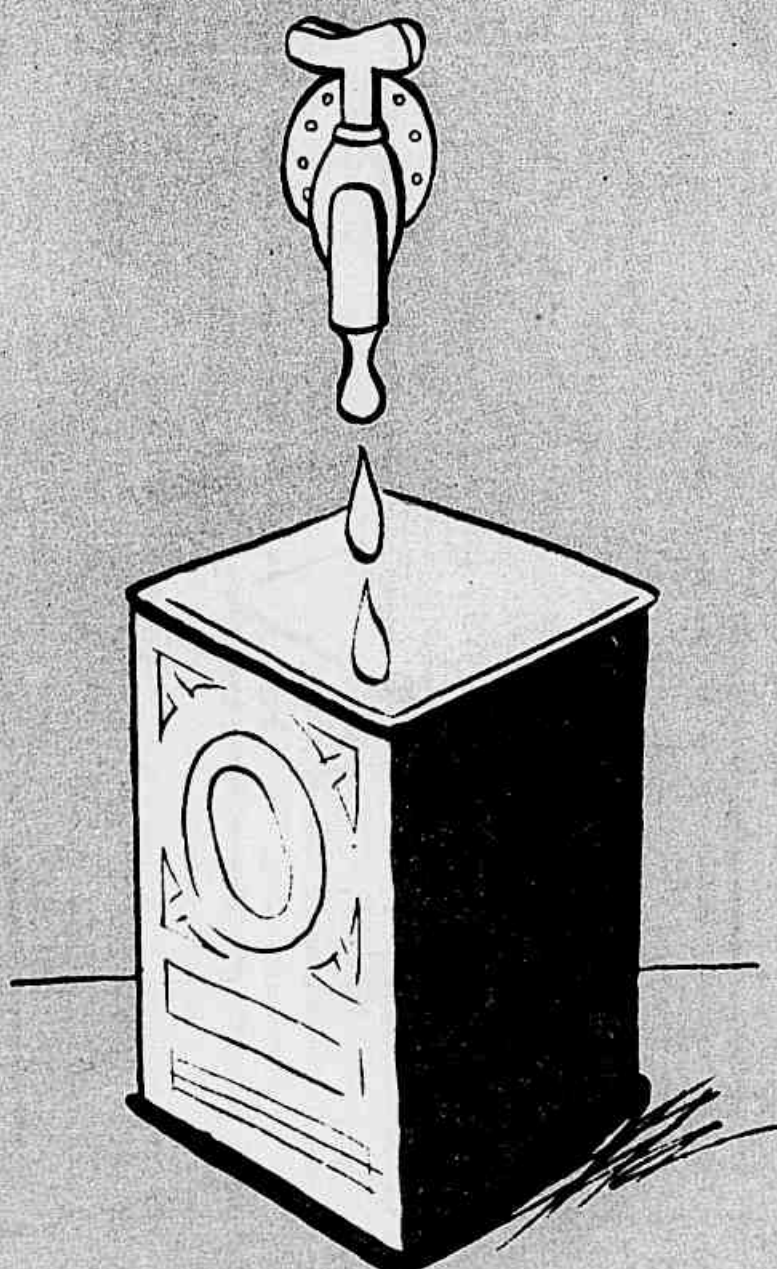
Mais aumento enfrenta a gente.



Mais falta a gente enfrenta



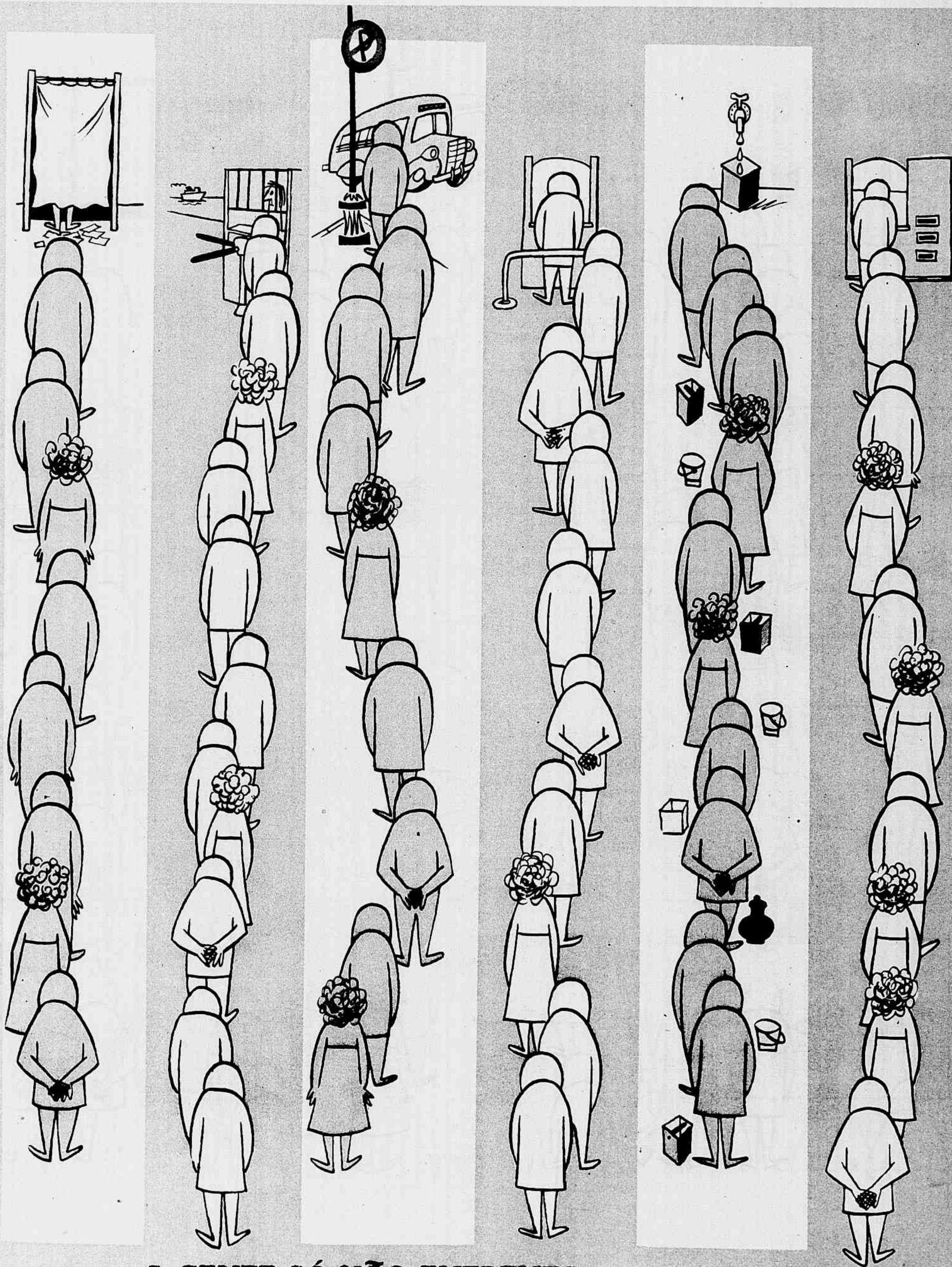
Mais aumento enfrenta a gente.



Mais falta a gente enfrenta



Mais aumento enfrenta a gente.



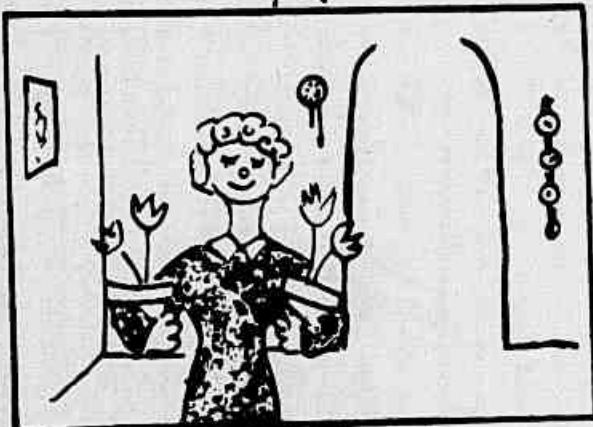
A GENTE SÓ NÃO ENFRENTA
É MESMO A CARA DA GENTE

CONVERSA DE MULHER

LYCIA JUNQUEIRA

(Desenho de AIRO)

Como proceder...



★ Presenteie com flores quando estiver em dúvida sobre o gosto de quem recebe o presente: suas amigas; sua sogra; e a doente que vai visitar no hospital principalmente se teve um bebê quando as flores são de praxe.



★ Evite telefonar quando em visita a amigos e conhecidos. Se for mesmo indispensável, não demore ao telefone. Peça sempre permissão à dona da casa para usar o aparelho.



★ Se houve uma interrupção na linha quando você estava falando ao telefone compete à pessoa que chamou inicialmente tornar a chamar outra vez.



★ A dona da casa deve sempre acompanhar até a porta, as pessoas que se vão. A não ser em caso de doença, ou outros motivos especialíssimos, é má educação mandar a empregada em seu lugar.



★ Os lugares à direita e a esquerda da anfitriã pertencem as duas pessoas a quem se deve maior atenção: pela sua idade ou pela posição que ocupa na família ou na sociedade. O lugar à direita é o mais importante.

Um modelo londrino

PARA O INVERNO CARIOCA

Em tecido de lã «granité», este elegante conjunto de saia e jaqueta é muito apropriado ao nosso inverno ameno. Caracterizam-no o corte amplo das mangas, os grandes bolsos e o arremate em jérsei de lã, nos punhos e na borda da frente da jaqueta.





WEEK-END NA COZINHA

◆ Os norte-americanos descobriram que o abacaxi constitui delicioso acompanhamento para certos pratos de carne. Não somente frito, com fatias de presunto, servindo como «hors d'oeuvre», mas também em conjuntos mais substanciais como na receita de hoje.

◆ Refogue com óleo e tempêro e deixe dourar bem de todos os lados um quilo de lombo de porco, cortado em cubos de 2 a 3 dedos de lado.

◆ Junte uma xícara de caldo de carne (ou de galinha), 1 xícara de suco de abacaxi, 1/2 xícara de bom vinagre branco de vinho, uma colher das de sopa de açúcar mascavo, 1 dente de alho, uma colherinha de mólho inglês.

◆ Deixe cozinhar até que a carne fique macia e o mólho um pouco grosso (perto de 45 minutos). Quando isso acontecer, ponha 2 pimentões verdes cortados, 3 cenouras grandes cortadas em rodela grossas, e pedaços de abacaxi (perto de meio abacaxi dos médios). Cozinhe mais 10 minutos.

Sirva sobre arroz quente. (A receita foi calculada para 6 porções).

Sua beleza

Se seu cabelo é muito seco, você deve usar e abusar da escova, todos os dias: pela manhã e à noite, antes de deitar. Passe-a vigorosamente, e de trás para a frente. Ao mesmo tempo, faça um ou dois rampus semanais, depois de embeber os cabelos, pelo menos durante uma tarde toda, em óleo de rícino — que deve ser aplicado morno.

Há certas manchas na pele que poderão ser apagadas com o preparado seguinte:

Acido bórico	5,0	Glicerina	12,0
Lanolina	75,0	Óleo de oliva	30,0

Essência de rosas — 3 gotas.

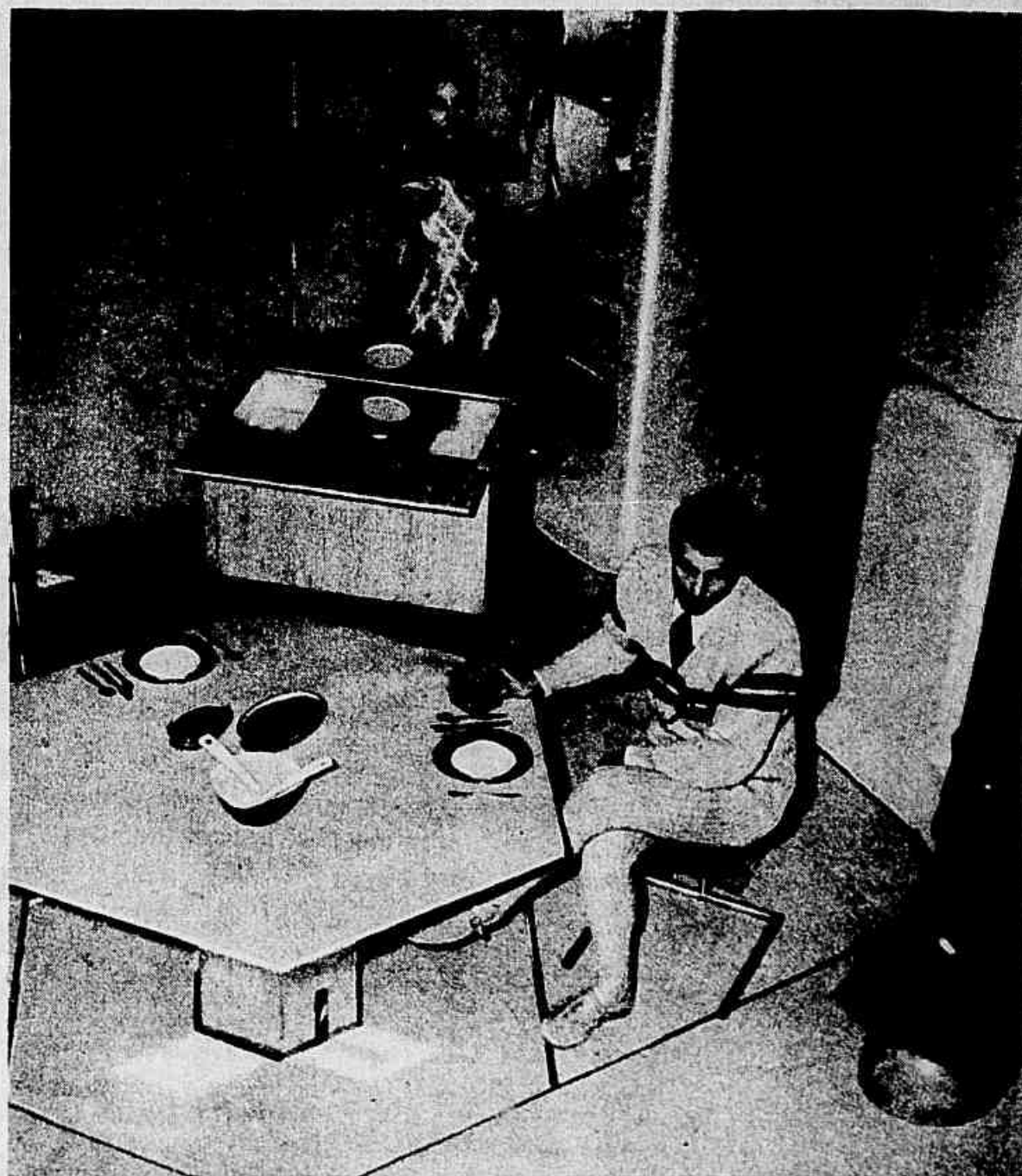
Peça ao seu farmacêutico para prepará-lo. Esfregue nas manchas duas vezes por dia.

Quando viajar, cuide de levar todo o seu estoque de preparados para o cuidado da pele e dos cabelos. Numa pequena maletinha poderá acondicionar tudo bem. Evitará ter que comprar outros produtos por falta daqueles aos quais está acostumada, e que melhores resultados lhe proporcionam.

A CASA DO FUTURO?

◆ Os cientistas e os fabricantes de plásticos apresentaram recentemente em Londres, numa exposição de «artes domésticas», um modelo em tamanho natural do que será a casa do futuro. Curiosa é a sua planta, circular, com aposentos que se encaixam em toda a volta como os dentes de uma roda, podendo ser colocados e retirados conforme a família aumente ou diminua. Mais curioso, porém, é o seu interior onde tudo é de plástico, desde o pavimento e as paredes até o menor utensílio, sem falar nas roupas dos que a habitam, de fios sintéticos. Criada visando o aproveitamento funcional de todo o espaço, vemos na casa do futuro móveis que se embutem no chão e nas paredes, cadeiras levíssimas que podem ser carregadas para um lado e outro sem dificuldade. A iluminação é difusa, a luz sai de toda parte. Os armários são iluminados por dentro tanto as prateleiras como as gavetas.

◆ Pode-se dizer que o conforto é absoluto e a casa dará pouquíssimo trabalho, pois, limpeza e arrumação, se fazem automaticamente. Com o apertar de um simples botão, um jato de água com desinfetante lava completamente paredes, teto e chão da casa plástica. A casa do futuro será imune a insetos e micróbios. Olhem porém, um pouco a fotografia da sala de almoço do futuro: é fria e impessoal. O dono da casa parece desolado dentro da sua roupa de malha sintética, diante da mesa posta, sem toalha, com tampo resistente ao calor e a gordura.





Grand Monde internacional



O brasileiro Jorge Guinle atualmente em Paris.

● Marilyn Buford estava de casamento marcado com Hans Orton, proprietário de um conhecido restaurante. Quando na manhã da cerimônia e recepção, Marilyn inesperadamente resolveu mandar cancelar tudo. O motivo é que Marilyn está desejosa de reconciliar-se com seu ex-marido Franco Barbero. Isso aconteceu em Hollywood. — Todos os troféus juntamente com todos os quadros de cavalos de William Woodward Jr., foram presenteados, por sua viúva, ao museu de Baltimore. Como vocês devem estar lembrados, o casal William Woodward Jr. esteve aqui no Rio o ano passado, por ocasião do "Sweepstake", onde pouco tempo depois ele era por engano assassinado pela esposa em New York. — Zsa Zsa Gabor ganhou de seu milionário noivo Hal Hayes um rico casaco de marta. Atualmente Zsa Zsa só usa casacos de marta ou lontra. — De Paris — Sou informado de que a elegante sra. brasileira Tereza de Souza Campos tem sido vista fazendo compras nas luxuosas casas dos famosos costureiros parisienses que ditam a moda feminina para o mundo inteiro. — Ainda de Paris o meu amigo Jorge Guinle continua circulando de par constante com uma bela manequim. O jovem Guinle, como já noticiei nesta coluna para vocês, funcionou como delegado do Brasil no recente Festival do cinema realizado em Cannes. — Sidney Lumet, ex-espôso da atriz Rita Gam, anda cortejando atualmente, em Hollywood, a milionária Gloria Vanderbilt. — Geneviève Fath, viúva do conhecido costureiro Jacques Fath, está de romance sério em Paris com o nobre português Duque de Cadaval. O duque já está se divorciando para poder esposar a bela Geneviève. — O ex-rei Leopoldo da Bélgica, que no momento se encontra em Londres, foi recebido no palácio de Buckingham pela rainha Elizabeth II para um chá. — Ainda em Londres, a princesa Margareth continua com idéias de recolher-se a um convento. Como vocês estão lembrados, essa idéia da bela princesa começou o ano passado depois do melancólico fim de seu antigo romance com o capitão Townsend, muito explorado pela imprensa.



Senhorita Giovanna D'Ajeta.

dia 9 em seu apartamento de Ipanema para um elegante "cock-tail". — Convidado pela Embaixada Britânica, compareci ao navio "Kenya" para um "cock-tail". Na ocasião tive uma longa conversa com a sra. Giovanna D'Ajeta, que está mais magra e mais bonita. — O sr. Francisco Mac

Solbiati vai casar-se —

Estive conversando com minha encantadora amiga Carmem Terezinha Solbiati, e

gostei muito de saber da realização de seu casamento com o senhor Tony Mayrink Veiga no próximo dia 28 de junho em São Paulo. Esse casamento será realizado numa cerimônia íntima, com apenas o comparecimento dos amigos dos noivos. Carmem já me convidou. Estarei presente.

Gossips

● Tem novo amor a srta. Tereza Lara Campos, da sociedade paulista. Quem certamente está muito enciumado é um colunista social carioca, autor de "Ronda Social". Quem é ele?... — A loura Baby Vignoli continua sem namorado. Aliás, Baby tem circulado muito, mas devidamente acompanhada, não. — No Sacha's, numa recente noite, o par mais romântico e dançarino era o jovem Luís Carlos Peixoto e uma muito bonita loura, que não consegui identificar. Na saída os dois tomaram um conversível vermelho de capota preta e sumiram pela Av. Atlântica — De fonte a que dou todo crédito, fui seguramente informado de que o já comentado casamento da sra. Ivone Lopes com o jovem e galante diplomata italiano Carlo Enrico Giglioli dificilmente poderá ser realizado. O motivo é que o referido diplomata continua casado em seu país de origem. — Estou achando já frio o romance entre Ricardinho Fazanello e Raquel dos Santos Jacinto. Foi o que observei numa recente noite de sexta-feira no Sacha's. — Ao contrário do que foi noticiado pelo "Periscópio", não existe nenhum romance entre a cantora de fados Ester de Abreu e um colunista social que no momento se encontra na Europa. Dou esta informação com absoluta segurança. — A atual namorada do senhor José Alberto Gueiros telefonou-me outra noite para dizer que não queria mais ver seu nome nas colunas sociais. Vocês sabem quem é? — Segundo foi noticiado a colunista Pomona Politis voltou de Paris apaixonada pelo jornalista Françoise Roche. Não será engano? — Maria Sônia Araújo depois que namorou um galante colunista social nunca mais namorou ninguém. Parece que a saudade passara de camelo no coração da jovem Sônia. — Vadinho Dolabela lourissimamente acompanhando outra noite no Beguin. — Circulando (sem par) sozinha a srta. Zaida Saldanha. Depois do que aconteceu, não é isso surpresa para o colunista. — Deverá ficar noiva no dia 12 uma colunista social que ultimamente tem vindo com frequência ao Rio.



Minha amiga Carmem Terezinha Solbiati vai casar.

Pequenos Flashes

◆ No domingo o muito simpático casal Heron Domingues reuniu "en-petit-comité" em seu apartamento na rua Toneleros, amigos para uma supergostosa feijoada em homenagem à loura cantora americana Jane Morgan, que recentemente atuou no Mid-Night do Copa. Quando cheguei ao apartamento do amigo Heron, já estava lá o produtor Carlos Machado. Logo depois chegaram: o pianista Sacha e senhora, a homenageada (Jane Morgan) em companhia do sr. Oscar Ornstein e do pianista americano Ernest Bragg e por último o fabuloso Murilinho de Almeida com o jovem Carlos Augusto Moreira. Como vocês podem ver, Heron e Jacira receberam o "quartel-general" da elegante noite carioca. Acho bom que essa feijoada seja sempre repetida. — No próximo dia 4, o Embaixador da Holanda e sra. serão homenageados com um jantar de despedida na "boite" Beguin. — A sra. Andréa Snell vai receber

Dowell está preparando um grande almoço no Clube Comercial para homenagear o mais jovem desembargador, dr. Aluísio Maria Teixeira. — Dia 28 a jovem srta. Aminta Duvivier teve sua "mudança-de-idade". Aminta comemorou a data com seu mano Rodrigo e amigos. — Cássio Muniz inaugurou sua "boutique" na rua Senador Dantas com "cock-tail" a imprensa. "Merci" pelo convite. — Dia 25 o Embaixador da Argentina recebeu o "society" carioca para um "cock-tail". — Existe no Pósto 6, situado num romântico lugar, a "boite" Carolina, com um bom serviço e uma boa música. Vale a pena visitar. — Fui convidado por várias casas de roupa feita para posar e dar atestado de elegância. Mas recusei porque só me visto sob medida no Barreto. Meu trunfo é o giz e a fita métrica. — O sr. Albino Avelar, que atualmente se encontra em Nova York, ao ser interrogado sobre o que mais estava lhe impressionando, respondeu: "o que realmente mais me impressiona aqui é ver os garotos falarem inglês com uma perfeição admirável". Vocês compreenderam?... — O casal Ricardo Jafet recebeu dia 22 "en-petit-comité" para um jantar de "black-tie". — Para o autor anônimo da coluna "Contaram, nós ouvimos...", do "Shopping News", saiba que seu humor está mesmo "gelado". — Foi realmente um sucesso a noite de gala do costureiro Givenchy na última sexta-feira no "Golden-Room" do Copa. Aguardem reportagem. — No Hotel Miramar jantei outro dia com o meu amigo Luís Henrique Lyra, também presente o jornalista Dirceu Ezequiel. Funcionando muito bem o sempre atencioso "maitre" Calimério. — Fala Lemos inaugurou seu novo bar de nome "Queen".



O pianista Sacha toca e Murilinho de Almeida canta



A bonita Carminha Mascarenhas cantando fados no «snob» Night-Club.



O «barman» Aristides prepara seus «drinks» muito internacionais.



Raquel dos Santos Jacinto com o super-snob Ricardinho Fazanello.



Ilde Garavaglia dança com seu «love» paulista João Batista Amaral Filho.



O simpático casal Heron Domingues assíduos frequentadores do Sacha's.

Social Set

SACHA'S — Numa muito recente noite de sexta-feira, estive no Sacha's com meu fotógrafo para fazer uns "flashes" mundanos no elegante "night-club" de Sacha e Carlos Machado, para esta coluna. Como vocês sabem, as noites de sexta-feira costumam ser as mais "café-society" no Sacha's. Muita gente conhecida que tem com certa frequência seus nomes focalizados nas colunas sociais, lá estavam nesta movimentada noite em elegantes grupos ocupando mesas de pista com champanhotas, "whisky" e caviar, ouvindo e dançando as músicas executadas pelo fenômeno Sacha. Enquanto a "boite" mais concorrida atualmente do Rio, ia ficando mais cheia, eu no meu posto de observação ia vendo que na pista de dança (sempre cheia) estavam alguns pares românticos, como: o "snob" senhor Ricardinho Fazanello com Raquel dos Santos Jacinto e Ilde Garavaglia "cheek to cheek" com o paulista João Batista Amaral. No bar Aristides preparando seus deliciosos "cock-tails". A elegante sra. Aluisio Muniz Freire (de óculos) permanece sentada. Vai chegando o Embaixador Walder Sarmanho e sra. que pedem mesa ao conhecido "maitre" Luis. O sr. Joaquim Xavier da Silveira continua eufórico enquanto o sr. Aluisio Muniz Freire parece pensativo. Heron Domingues e Jacira, numa mesa na parte alta da "boite", observam o movimento. Murilinho de Almeida cantando músicas de jazz e Carminha Mascarenhas fados. O pintor Di Cavalcanti e sra. conversam com o sr. Aluisio Sales. Encontro Stélio Belchior que está de volta da Europa e a noite que também é "snob" continua... O Sacha's que funciona "seven-to-seven", é no momento a "boite" mais movimentada do Rio. Suas noites podem ser comparadas às dos mais famosos "night-clubs" do mundo como o Stork Club de New York ou o Maxim's de Paris. Por isso apresento aos leitores da REVISTA DA SEMANA, na minha coluna "Grand Monde", esta reportagem fotográfica. Aliás, sou o primeiro colunista social a focalizar esse assunto trazendo a vocês o que acontece numa noite no Sacha's com uma frequência muito "café-society".

REVISTA "RIO" — Modernamente paginada por Martim Garcia, já está nas bancas o último número da Revista "Rio", com bonitas reportagens, como a dos "hobbies", apresentada por este colunista.

A ÚLTIMA moda em New York para as "show girls" é usar brincos que são relógios em miniatura. Naturalmente as "girls" não podem ver as horas, mas seus acompanhantes podem, e devem, pois provavelmente pagaram bem caro pelas jóias...

O ativo sr. Chuck Woodward, "public relations" do Beguin, me disse que não fez uma estréia profissional no "show", como foi anunciado. Ele apenas fez o número de Al Jolson como amador, contribuindo assim para o grande empreendimento de Carlos Machado.

Até a próxima, com chapéu "gelot" na pista. "Bola na rede".

P.S. Há mais de 15 dias desapareceu do meu próprio bolso minha carteira com "erva" e documentos. Inclusive minhas credenciais jornalísticas. Quero daqui prevenir-me contra quem tentar usá-las para qualquer finalidade.

J. J.

CALÇADO



**Máximo conforto
garantia absoluta**

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708 Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembôlo Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº

NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88.00

LEIAM

**ESPORTE
ILUSTRADO**

**TUDO SOBRE
ESPORTES**

**TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS**

PREÇO CR\$ 5.00



**CABELOS BRANCOS...
Envelhecem**

**JUVENTUDE
ALEXANDRE**

**Faz desaparecer e
EVITA-OS SEM TINGIR**

ESTRADA DO AMOR...

(Cont. da página 23)

Ofuscada por esse ambiente maravilhoso à vista, fui arrastada pelo meu primeiro namorado, um publicista. Com ele passei a frequentar ambientes desconhecidos embora contra vontade de meus pais. Amava-o como nunca voltei a amar ninguém. Tinha 17 anos quando sofri o maior desgosto da minha vida. Havíamos combinado casar no ano seguinte. Certa manhã, um telefonema informou-me que ele morrera num desastre de automóvel nessa madrugada. Fiquei como louca. Minha família tudo fez para acalmar minha dor. Nada porém conseguiu. Pensei até no suicídio. Outro desgosto enorme veio fazer esquecer em parte a morte de meu amor, foi o falecimento de meu pai. Coincidiu sua morte com o nascimento de meu filho, pois eu ficara grávida quando meu primeiro amor abandonou a vida. Torna-se desnecessário contar o que foi para mim a vida, após essa catástrofe. Sôzinha com minha mãe e meu filho, só encontrei neste viver chamado errôneamente de fácil, um pouco de dinheiro para a sua manutenção. Os anos correram, internei meu filho num colégio, minha mãe faleceu. Chegaram as primeiras rugas e as primeiras ausências de amor. Esta é a minha história:

— E seu filho? — perguntou Mara.
A mulher não chorou. Disse em tom firme:
— Está vivo.
— E não a ajuda?
— Ele não sabe que existe e nunca o saberá. Está casado. Está bem. Não quero prejudicar sua vida.
Essa história, igual a tantas colhidas ao acaso entre aquele montão de mulheres, não comoveu quem a contou, já afeita aos maiores desgostos que a vida pode oferecer. Comoveu sim, a quem a ouviu, a pequena Mara que a narrou para nós lavada em lágrimas.
Sufocados pelo ambiente resolvemos sair. Pedimos a conta.
— Três "cuba libre"... trezentos cruzeiros.
— Mas como? Porquê?
Não se justifica de forma alguma esse preço. Não podem sequer alegar como desculpa o "show" pois em outros "cabarets" (também com "show" e dança) a referida bebida custa unicamente 50 cruzeiros.
Supomos que uma fiscalização rigorosa aos preços nestas casas não resultaria infrutífera.

UM URUGUAIO — DOIS PAULISTAS — MIL CRUZEIROS

De novo na rua a marcha prossegue.
Mara, bamboeante, mostrando os ombros a quem passa, toma rumo incerto. Pelas esquinas, mulheres paradas, virtualmente escravas, estupidamente perdidas. Homens de atitudes e gestos dúbios, possivelmente integrantes do lenocínio.
Um luar frouxo derrama-se sobre a praia. Numa ou outra esquina parados esperando ocorrências de vulto, pares de policiais. Carros velozes, carros lentos guiados por esfomeados de amor, ou por motoristas de praça caçando freguês. Uma ou outra cara amiga, rapazes de teatro, compositores boêmios. Criados de restaurante que recolhem a casa. Um guinchar de freios. Uma risada abafada atrada por uma mulher bem vestida que saiu dum bar para entrar num automóvel. Amanhã os cronistas sociais talvez falem no motivo que originou essa gargalhada. Do que eles por certo não falarão é nestas mulheres que fazem sombra na minha frente, estáticas, enregeladas, divorciadas de amor, embora vivendo dele.
A nossa atriz fala agora com um "granfa" saído dum carro minúsculo. É uruguaio. Pede, como todos os outros para a acompanhar. Seu porte é impecável, no vestir, no andar, no falar. Mara rebuscou meia dúzia de palavras num castelhano apertado e convenceu o homem de que o não poderia seguir. Ele continuou a marcha.
Surgiu depois outro automóvel que já estava na fila, esperando possivelmente que ela não acompanhasse o estrangeiro.
Era conduzido por dois rapazes de S. Paulo que gastaram seu latim durante muitos minutos obtendo resultados negativos, como é óbvio. Esses ofereceram-lhe pelo passeio, mil cruzeiros.

UM GAROTO TIMIDO

Notamos que junto de nós, também seguindo Mara, um garoto se mostrava nervoso e indeciso. Tinha seus dezoito anos ou menos. Sem barba, olhos febris, fumava sem cessar, cigarro após cigarro. Tentava avançar para lhe falar, mas sempre que a isso se prontificava surgia novo automóvel que lhe proibia a intenção. Finalmente, talvez uma hora após a iniciada perseguição, aproveitando um momento de repouso da nossa companheira junto de um lampião, o garoto tentou a "chance". Olhou-a, tímido, inexperiente.
— Tenho aqui trezentos cruzeiros — disse mostrando o dinheiro. — Aceita.
— Não, meu filho.
— E' pouco?
— Não é isso... Estou cansada... fica para outro dia...
O garoto saiu correndo, como que pedindo desculpas da atitude.
Aconteceu uma surpresa curiosa. Quando ele se dirigiu a Mara, alguém estava perto e ouviu a conversa. Mas não foi essa troca de palavras que os surpreendeu, foi precisamente o papel que Mara representava. Eles a conheciam. Eram, o ator Daniel Filho acompanhado de sua noiva, a bailarina Judy Clay os que haviam presenciado o "negócio".
A estupefação de ambos desapareceu, quando os informamos que a atriz estava trabalhando para nós, vivendo uma reportagem sobre as "mariposas".

FOTOGRAFIAS PROIBIDAS

Dirigimo-nos seguidamente para outro "dancing", o "Balalaika". Pretendíamos fotografar Mara na companhia de algum dos fregueses, bem como alguma cena do "show". Fomos totalmente proibidos. Nada menos de três indivíduos — não sabemos se todos gerentes — chegaram junto ao fotógrafo convidando-o a abandonar a máquina.
Nem um só gesto fizemos de recusa à vontade expressa. O convite era "amigável" e o seu não cumprimento poderia ser desastroso.

DA MESMA TERRA

Na Avenida Nossa Senhora de Copacabana, quando Mara parou junto de um grupo de "colegas" para abotoar um sapato, dobrada em ângulo reto, disse uma delas, gargalhando:
— Não mostres, minha filha... Não é preciso tanto...
Continuamos. Na esquina, perto do Lido, outro "lôbo faminto" atacou a presa. Falaram tempo sem fim. Só depois descobrimos e pasmamos com o sucedido. Mara tinha inventado uma biografia. Disse chamar-se Rita, nascida em Campo Grande (Mato Grosso) e estar perdida no Rio.
O destino tem coisas caprichosas. Após muitos minutos de conversa, ela veio a saber que o conquistador também era de Campo Grande. Falou de família, conhecidas (que Mara não conhecia) e assim encetaram uma amizade que para o homem prometia ser duradoura. Marcaram até um encontro para o dia imediato.

CONCLUSÃO...

Dezenas de casos sucederam nessa noite, inesquecível para a nossa atriz. Todos eles iguais, com maior ou menor verbosidade por parte dos conquistadores. A idéia nêles é uma: procura de amor. Ricos ou pobres, gordos ou magros, casados ou solteiros, velhos ou moços, todos buscam naquelas mulheres abandonadas um pedaço de noite com amor. Zangas familiares, ausência de esposa, tara, alcoolismo, são aos milhares as razões que os induzem a chama a si aqueles corpos de alma perdida, a troco de algumas notas.

A COROA E A ESPADA

(Cont. na página 39)

Quintin retornou ao castelo de Borgonha e informou a Lord Malcolm o acontecido.

— Creio que sou um rematado idiota e que acabo de afrontar ao meu tio, concluiu com melancólico acento. Quando ela escapava da quadrilha de foragidos, também se escapou de minhas mãos...

— Era De La Marck o cabecilha? perguntou incrédulamente Lord Malcolm.

— Sim. Estou convencido que tentava despojar-la de tudo que levava e seqüestrá-la, depois, para exigir um fabuloso resgate.

— E onde foi exatamente que isso aconteceu?

— No caminho de Beauvais.

— Beauvais... refletiu Lord Malcolm. O duque mandou seus homens até Marcroy. Isso quer dizer então que ela não ia em direção a casa, porque Beauvais não está no caminho de Marcroy...

— Então onde iria? perguntou Quintin, perplexo.

— Eu apostaria qualquer coisa em como neste momento ela vai a Tours por-se sob a proteção do rei Luís.

— Então vou persegui-la até lá! exclamou resolutamente Quintin.

— Muito cuidado, senhor escocês, disse Lord Malcolm. O rei Luís é formidável, rude e sem coração. Sua lealdade com a França é notória. Se Borgonha descobrir que Isabel passou-se para o rei Luís, isso pode originar uma cruenta guerra civil... o que não conviria à Escócia!

Quintin fez um gesto de impaciência.

— Então irei secretamente à corte do rei Luís, travarei amizade com Isabel e ganharei sua confiança.

Lord Malcolm passeou seus olhos sobre a elegante figura do jovem.

— Durward, disse após um intervalo. Tu és um nobre e excelente cavaleiro, dos que já não se usam em nossos dias. Digo-o com admiração e pesar também. Os lanceiros do passado estão sendo relegados ao esquecimento. A pólvora está ocupando o lugar dos que antes se punham a pensar na honra e na justiça. A história está recolhendo uma nova classe de elementos humanos. Algo cruel que se baseia na política... Algo de rude que trata de impor-se mediante a força e a violência... Luís é o símbolo dessa nova humanidade. Se tu queres ficar à altura dele, meu bom moço, terás que reprimir teus gloriosos impulsos de nobreza...

Quintin escutou com absorvente atenção todas as palavras do ancião.

NO PRÓXIMO NÚMERO: TERÁ QUINTIN ALCANÇADO ISABEL E CATIVADO SUA CONFIANÇA?

QUE É UM...

(Cont. da página 15)

Pode um predador curar determinada pessoa distante dele centenas de quilômetros?

Sim. As falsas crenças são destruídas pela verdade espiritual, através da prece, sem que a distância geográfica tenha a mínima influência. Jesus curou o servo do Centurião (Mateus, 8, 5-13) e a filha da mulher grega (Marcos, 7, 25-30) sem estar presente a qualquer desses acontecimentos, pela simples oração.

Negam os Cientistas Cristãos que algumas enfermidades são causadas por germes, vírus e bacilos?

Sabem eles que a vida é divina, em suas origens, e que a saúde é uma realidade espiritual. Teorias que envolvem germes e bacilos estão baseadas na crença de que a vida é puramente material, e a doença, real. O Cristão Científico sabe, por experiência, que sua fé é demonstrável, apesar das teorias da moléstia que falam de vírus, germes e micróbios.

Como pode a Ciência Cristã manter tal ponto de vista, em face aos imensos progressos da Medicina atual?

A atitude dos Cientistas Científicos pode ser provada pela razão, e por demonstrações. Foi o próprio Jesus, e após ele, seus seguidores, quem demonstrou o que verdadeiramente é a saúde, e a cura das enfermidades. A fé dos Cristãos Científicos é mantida por intuição espiritual, e pelas provas que a cada dia se acumulam em número maior, decorrentes de sua própria experiência.

(Cont. no próximo número)



Elvira Wilberg (Miss Distrito Federal - 1955) congratula-se com a sucessora. Reparem a diferença de tipos. Inegavelmente, Leda Brandão Rau apresenta características inconfundíveis da mulher genuinamente brasileira, particularmente da carioca



Tutsi Bertrand (Miss Sociedade Hípica Brasileira), quando se preparava para o grande desfile. Foi uma das mais elegantes candidatas, embora não chegasse a figurar entre as finalistas

● Compunham o júri: o sr. Francisco Negrão de Lima, prefeito do Distrito Federal; sr. Flávio Castríoto, prefeito de Petrópolis; escritora Dinah Silveira de Queiroz; teatrólogo Acioly Neto; sr. Herbert Moses, presidente da A.B.I.; escritor Malba Tahan; sr. João Calmon, diretor dos «Diários Associados» e srs. Alfredo Eltchener e Alfredo Brum. Esses nomes conservaram-se em sigilo até o momento exato do julgamento, para evitar solicitações...



O prefeito Negrão de Lima, que fez parte da comissão julgadora, aplaude Miss Distrito Federal 1956 e assiste aos cumprimentos de Elvira Wilberg, antecessora da vitoriosa do corrente ano.



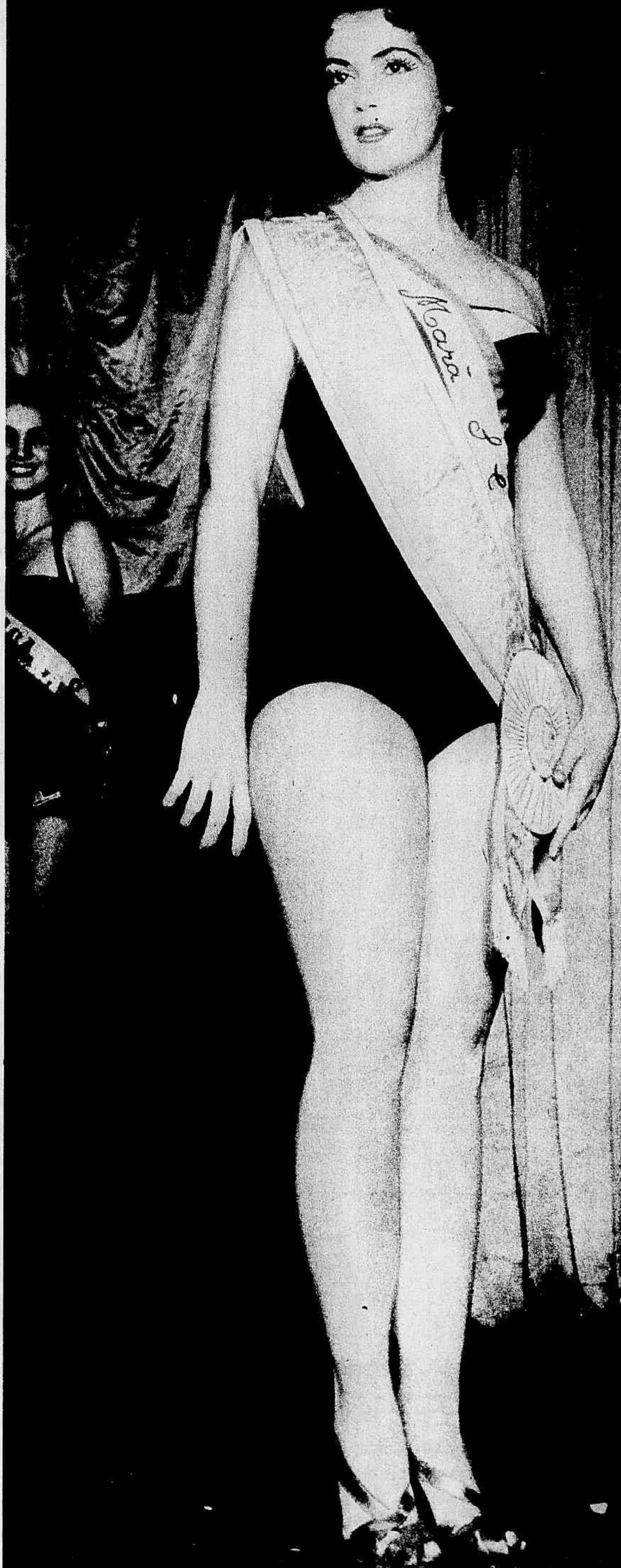
de
fis
lin
ju
At
o
un
ta
m
m
as
vo
M
vo
G
Ne
co
Re
ch
en
di
di
M
tic
cip
Ch
C
xo
Bo
M
Bo
Ch
fo
da
de
sin
cio
cio
Fr
Lé

Ne
o
tri
elo
da
de

LÊDA será "Miss Brasil" de 1956?

SEM desmerecimento para as candidatas que também estão sendo eleitas nos Estados, é justo reconhecer que essa jovem carioca tem possibilidades, e muitas, para alcançar o título máximo na grande prova de beleza feminina. Não só os predicados físicos foram levados em conta. As quatro finalistas tiveram que apresentar-se à mesa dos jurados para com eles travar contacto direto. Através de algumas perguntas, foi aquilatado o grau de desenvolvimento intelectual de cada uma. Seis dos nove componentes da mesa, portanto dois terços, votaram na representante do modesto clube suburbano carioca. Foi ela aclamada por maioria absoluta, de acordo com as aspirações de tantos políticos nacionais... Dois votos foram para Sylva Campbell Pamplona, Miss Clube Militar, e um para Beatriz de Carvalho Peixoto, Miss Clube de Regatas Vasco da Gama. Este último, foi concedido pelo sr. Acioly Neto. Quem muito justamente se entusiasmou com a vitória de Lêda foi dona Cora Brandão Rau, sua genitora, que a cobriu de beijos e abraços, sem poder esconder as lágrimas e a emoção de que estava apoderada. As 17 candidatas que desfilarão, foram: Lygia Maria Galdi, Miss Grajaú Tênis Clube; Lair Moreira, Miss Madureira Tênis Clube; Miss Associação Atlética Vila Isabel, Manira Curi; Miss Clube Municipal, Maria Arisni Aquilino de Oliveira; Miss Clube Militar, Sylva Campbell Pamplona; Miss C.R. Vasco da Gama, Beatriz de Carvalho Peixoto; Miss Bibliotecomania, Maria de Fátima Baird Rosas; Miss Fluminense F.C., Maria Eloá Menezes de Castro; Miss Associação Atlética Banco do Brasil, Elsa Lya Pothoff; Miss IAPETEC Clube, Selma de Azevedo Fonseca; Miss Botafogo F.R., Tânia Nizzo, Miss Clube Leblon, Gilda da Silva Veloso; Miss Clube dos Caiçaras, Dirce de Lima e Moura; Miss Sociedade Hípica Brasileira, Tutsi Bertrand; Miss Nacional de Filosofia, Stella Mariza de Medina Gobel; Miss Nacional de Educação Física e Desportos, Maria François de Maria; e Miss Marã Sport Clube, Lêda Brandão Rau. (Fotos de A. FERREIRA).

Nessas várias expressões de Lêda Brandão Rau, o leitor poderá melhor analisar a nova Miss Distrito Federal, enquanto na pose de corpo inteiro, ela permite reconhecer que se trata, sem dúvida, de uma candidata muito perigosa ao título de Miss Brasil, e, talvez, ao de Miss Universo.



ÚLTIMO FLASH

NÃO HÁ LEITE
POR FALTA
D'ÁGUA

FALTA DE ÁGUA, OU DE VERGONHA?

◆ O PRESENTE letreiro estava afixado, não faz muito tempo, à porta do Centro de Ação Social Carmela Dutra, para grande espanto dos que por ali transitavam: «Não há leite por falta d'água». A primeira vista a coisa era velhaca, fazia supor um descaramento que o mais desonesto dos leiteiros não consegue ter. Então era direito que um fulano, além de batizar o leite que alimenta tantas crianças necessitadas, ainda por cima anunciasse a sua própria fraude, e em termos que não permitiam dúvidas? «Não há leite por falta d'água». Claro, evidente, inacreditável le-

treiro, incapaz de permitir enganos. Tudo, porém, explicou-se quando a reportagem, procurando a direção do Centro, foi por ela informada da verdade inteirinha. Nada de mistificação, nada de falta de vergonha: simplesmente, falta de água, falta que impedia a preparação do leite para as crianças. Porque o leite servido naquele Centro é leite em pó, e claro está que, sem a água, nada feito... Mas que assim num relance de olhos tudo parecia marmelada, e da grossa, lá isso parecia mesmo...

REPRESENTANTES

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Cz. Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SÃO PAULO
DISTRIBUIÇÃO:
AGÊNCIA POLANO
Rua João Bricola, 46

REVISTA DA SEMANA

Ano 56 — N° 22 — Rio de Janeiro — 2-6-1956

Propriedade da
Companhia Editora Americana
Diretor-Presidente.....**Gratiliano Brito**
Diretor-Comercial.....**Ivan Guimarães**
Diretor-Gerente.....**Wenceslau Quintais**
Diretor de Publicidade.....**J. M. Costa Júnior**
Redatores e corretores.....**S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna**
ENDEREÇO E TELEFONES
Rua Visconde de Maranguape, 15
Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano.....	Cr\$ 350,00
Seis meses.....	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano.....	Cr\$ 600,00
Seis meses.....	Cr\$ 300,00

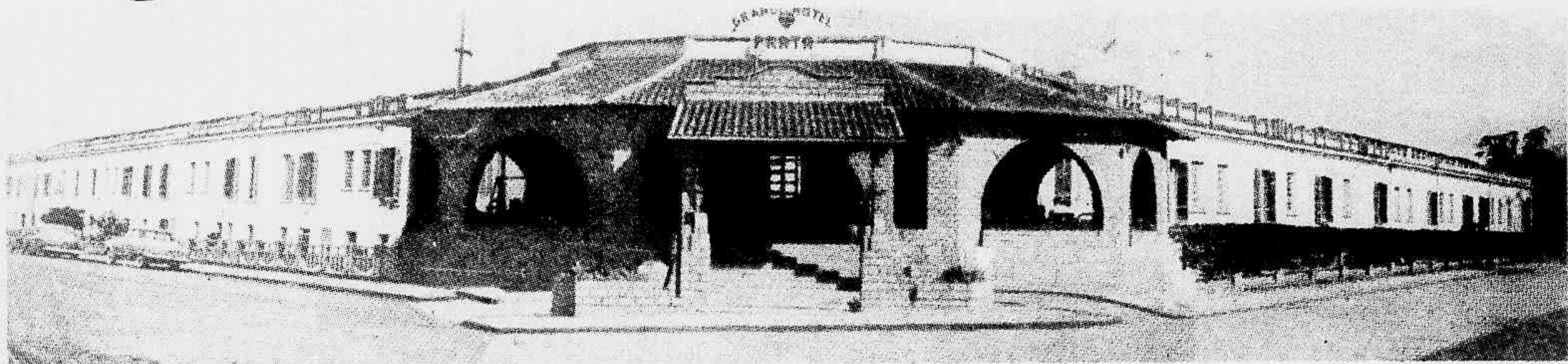
ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano.....	Cr\$ 800,00
Seis meses.....	Cr\$ 400,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Grande Hotel Prata



Vista geral do Grande Hotel Prata.

Águas da Prata

A «Vichy brasileira»

Soberana nas moléstias do estômago, dos intestinos, bexiga, rins, fígado e aparelho biliar e de poderoso auxílio no tratamento da gôta.

Estância de maravilhosa beleza, situada a 818 metros acima do nível do mar, de clima ameno em tôdas as estações do ano, ÁGUAS DA PRATA, oferece aos seus aqüistas recantos e passeios encantadores, tais como os de "Piscina do Boi", "Cascatinha dos Amôres", "Fonte Antiga", "Fazenda das Carpas", "Fazenda Chapadão", "Fonte Vilela", "Fonte Paiol", etc.

**GOZE AS SUAS FÉRIAS E ADQUIRA SAÚDE
NESTA MARAVILHOSA ESTÂNCIA**



A grande e alegre sala de jantar, belamente arranjada e iluminada.

GRANDE HOTEL PRATA

a 100 metros da estação ferroviária e a duzentos das principais fontes de água mineral (Fonte Antiga e Fonte Nova) oferece-lhe todos os requisitos modernos, com alimentação sadia e abundante e regimes dietéticos. Amplos refeitórios, salas para festas, para crianças, salão de estar, ampla varanda de frente com excelentes cadeiras para descanso, barbeiro, manicure e moderno cinema.

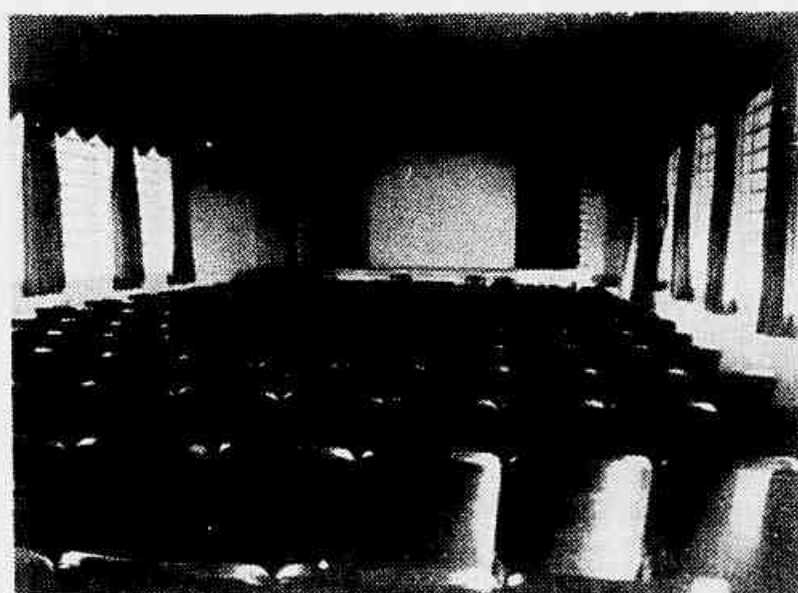
Diária para solteiro desde Cr\$ 190,00
Diária para casal desde... Cr\$ 350,00

desconto especial de 20% de maio a junho e de agosto a dezembro
Reservas de aposentos: «Emp. Exprinter» ou diretamente com o hotel.
telefones 20, 29 e 4 — Aguas da Prata, Estado de São Paulo

AGUAS DA PRATA é servida pelos excelentes ônibus da Viação Cometa e Expresso Brasileiro, Limousines, Panair, Loid Nacional e Estrada de Ferro da Mogiana.



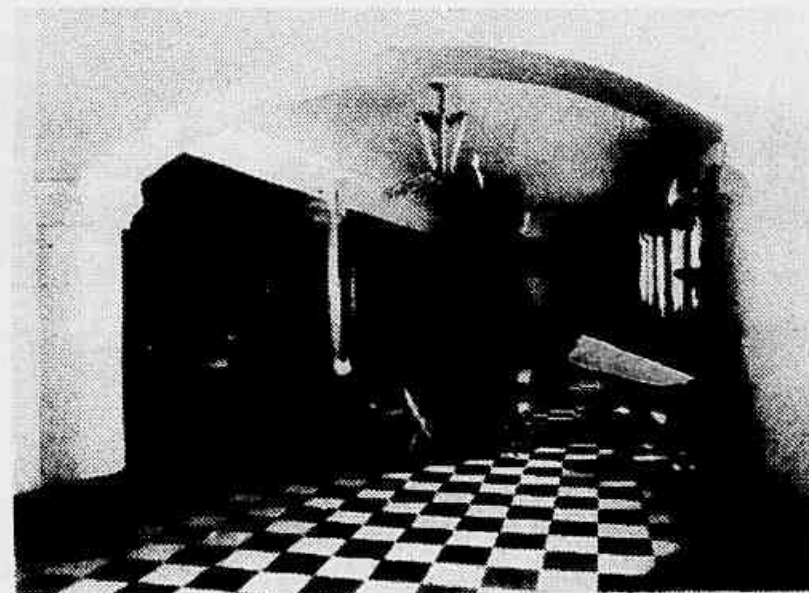
O confortável salão de estar, comunicando-se com a sala de jantar.



O moderno cinema, com bela projeção e confortáveis cadeiras estofadas.



Magnífica vista do salão de repouso, aparelhado com cadeiras para descanso.



Aspecto do agradável recinto próprio para jogos e outros divertimentos.



nos centros elegantes do Brasil...

Em Jequití-Mar, famoso clube da praia de Guarujá,
em São Paulo, o ambiente agradável é um convite à reu-
nião de pessoas de bom gosto...

E na elegância de todos sempre se destaca o hábito de fumar...

hollywood
uma tradição de bom gosto

